

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Marisa Mendonça Carneiro

Morfologia de Flexão Verbal no Inglês como L2:  
*Uma Abordagem a partir da Morfologia Distribuída*

Belo Horizonte  
2008

Marisa Mendonça Carneiro

Morfologia de Flexão Verbal no Inglês como L2:  
*Uma Abordagem a partir da Morfologia Distribuída*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de Concentração: Lingüística Aplicada  
Linha de Pesquisa: Estudos em Língua Estrangeira: ensino/ aprendizagem, usos e culturas.  
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto de Souza

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2008

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Ricardo de Souza, meu orientador, amigo, mentor e incentivador, pelo seu apoio, incentivo e orientação.

Aos meus pais Agripa (sempre presente) e Diva, exemplos de amor e dedicação à família, responsáveis diretos pela pessoa que eu hoje sou.

Aos meus irmãos, em especial à minha irmã Márcia, exemplo de competência e caráter, pelo apoio e incentivo acadêmico e pessoal.

Ao Marcelinho, que soube esperar, muitas vezes pacientemente, a sua vez de usar o computador.

Ao POSLIN e professores que tive durante o curso de Especialização e Mestrado, pelos ensinamentos recebidos e pela rica convivência.

Aos meus antigos e atuais alunos, por seus questionamentos e por me fazerem querer entender um pouco mais sobre como aprendem uma língua estrangeira. Em especial, agradeço aos participantes desta pesquisa, por sua pronta disposição em participar e sua valiosa colaboração, sem a qual este trabalho não seria possível.

Aos colegas de caminhada, em especial a Ceriz Bicalho, pela ajuda com o programa PRAAT; Juliana Moreira (EPP), Ricardo Campos de Castro e Carolina Ribeiro, pelas conversas 'sintáticas'; Mônica dos Santos, pela ajuda com o protocolo de pesquisa e Paula, Laís e Júnia Braga pela amizade e apoio.

Ao funcionário da Câmara de Pesquisa, Fernando Ferreira da Cunha Neto, por sua ajuda e extrema boa vontade; aos professores do Departamento de Estatística do ICEX da UFMG, Fernando Oliveira e Renato Faria, pela providencial ajuda com a análise estatística e ao professor doutor Fernando Marcos dos Reis, do Departamento de Ginecologia da Faculdade de Medicina da UFMG, pela leitura crítica dos dados e disponibilidade em ajudar.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho insere-se no campo da pesquisa em aquisição de línguas estrangeiras e investiga as implicações da variabilidade no uso de morfologia flexional verbal do inglês por aprendizes falantes de português brasileiro, em contexto instrucional. O principal objetivo deste trabalho foi explicar a variabilidade na realização de morfologia verbal do verbo *to be* e verbos lexicais na produção oral de aprendizes em dois níveis distintos de proficiência, tendo como ponto de partida a Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície. O suporte teórico teve por base estudos sobre a variabilidade que confirmam a Hipótese da Ausência da Flexão de Superfície, bem como estudos que a refutam, além da teoria sintática de base gerativa sobre concordância e marcação de tempo e a teoria de Morfologia Distribuída. A Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície e os estudos que a seguem mostram que não haveria problemas com os processos sintáticos de marcação de tempo e concordância nas gramáticas interlinguais, sendo a variabilidade no uso de morfologia flexional o resultado de um problema de mapeamento da representação abstrata para a forma de superfície. Esta hipótese, que se baseia nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, sugere que haveria traços subespecificados na representação interlingual do aprendiz, explicando a ocorrência de formas não-finitas em contextos finitos e não-finitos. A hipótese inicial é a de que a Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície seria capaz de explicar a variabilidade presente na produção de morfologia verbal da língua inglesa dos aprendizes e de que haveria efeito da língua materna em estágios iniciais. Amostras de interações espontâneas e eliciadas foram coletadas, um teste foi aplicado e os dados passaram por uma análise estatística. A análise dos dados e dos resultados revelou que possivelmente há um efeito de transferência da língua materna dos aprendizes. Além disso, a Hipótese da Ausência da Flexão de Superfície não foi capaz de explicar a totalidade dos fenômenos observados.

Palavras-chave: flexão verbal, aquisição de língua estrangeira, sintaxe, Morfologia Distribuída.

## ABSTRACT

The present study investigates the variability in the use of inflectional verbal morphology in the acquisition of English as a foreign/ second language by speakers of Brazilian Portuguese in an instructional setting. Its main aim is to verify if the Missing Surface Inflection Hypothesis could account for the variable production of inflectional morphology of lexical verbs as well as copula and auxiliary BE in the speech of two groups of learners. This research is based on previous studies that have corroborated the Missing Surface Inflection Hypothesis and other studies that have refuted it. It also has, as its theoretical background, the syntactic theory of generative grammar related to agreement and tense marking, as well as the theory presented by the Distributed Morphology approach to grammar. The Missing Surface Inflection Hypothesis studies have shown that the syntax of agreement/ tense would be unimpaired and the variable production of inflectional morphology would be a result of mapping problems in the realization of surface forms, that is, the problems would lie in the mapping from abstract features to their surface morphological representation. This hypothesis, which takes the theory of Distributed Morphology as a point of departure, suggests that there would be underspecified features in the learners' abstract representation, accounting for the occurrence of non-finite forms in finite and non-finite contexts. Our initial hypothesis is that the Missing Surface Inflection Hypothesis is able to explain the variability found in the learners' oral production of verbal morphology and that there would be transfer effects from the mother language in initial stages of interlanguage development. Samples of spontaneous and elicited oral production were collected and a grammatical judgment test was applied. Statistical tests were done and the results showed that there is a possible L1 transfer effect. In addition, the Missing Surface Inflection Hypothesis was not able to account for all the observed phenomena.

Keywords: verbal inflection, foreign language acquisition, syntax, Distributed Morphology.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

GRÁFICO 1 -	Média dos escores nos grupos I e II por grupo de sentenças ..	102
QUADRO 1 -	Distribuição dos itens do teste de gramaticalidade .....	71
QUADRO 2 -	Resultado do teste de proficiência e classificação por grupo ..	76
QUADRO 3 -	Pronomes fracos .....	96
QUADRO 4 -	Pronomes fortes .....	96

## LISTA DE TABELAS

<b>1-</b>	Uso de morfologia verbal em contextos obrigatórios (L2 inglês, em %)	<b>63</b>
<b>2-</b>	Total individual de uso de morfologia verbal para os dados espontâneos	<b>77</b>
<b>3-</b>	Total de uso de morfologia verbal por grupo para os dados espontâneos	<b>78</b>
<b>4-</b>	Total de uso de morfologia em contexto obrigatório por indivíduo – tarefas de eliciação	<b>79</b>
<b>5-</b>	Total de uso de morfologia em contexto obrigatório por grupo – tarefas de eliciação	<b>79</b>
<b>6-</b>	Mediana, mínimo e máximo das proporções de uso para cada uma das variáveis no grupo I na produção espontânea	<b>80</b>
<b>7-</b>	Mediana, mínimo e máximo das proporções de uso para cada uma das variáveis no grupo II na produção espontânea	<b>80</b>
<b>8-</b>	Mediana, mínimo e máximo para os teste de eliciação de presente e passado no grupo I	<b>81</b>
<b>9-</b>	Mediana, mínimo e máximo para os teste de eliciação de presente e passado no grupo II	<b>81</b>
<b>10-</b>	Testes de Mann-Whitney para avaliar as amostras do grupo I e grupo II	<b>82</b>
<b>11-</b>	Testes estatísticos para avaliar o comportamento das variáveis presente e passado lexical quanto ao tipo de tratamento	<b>83</b>
<b>12-</b>	Uso <i>to be</i> como cópula e auxiliar por informante (uso/total) na produção espontânea	<b>85</b>
<b>13-</b>	Proporção de uso de sentenças com sujeito	<b>89</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1sg -	Primeira pessoa do singular
2sg -	Segunda pessoa do singular
3sg -	Terceira pessoa do singular
1pl -	Primeira pessoa do plural
2pl -	Segunda pessoa plural
3pl -	Terceira pessoa do plural
CP -	<i>Complementizer Phrase</i> (sintagma complementizador)
GU	Gramática Universal
HA -	Hipótese do Aspecto
HAFS -	Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície
HDR -	Hipótese do Déficit Representacional
HGC -	Hipótese das Gramáticas em Competição
I -	<i>Inflection</i> (Flexão)
L1 -	Língua materna
L2 -	Língua estrangeira/ segunda língua
LF -	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
MD -	Morfologia Distribuída
MS -	<i>Morphological Structure</i> (Estrutura morfológica)
NP -	<i>Nominal Phrase</i> (sintagma nominal)
PF -	<i>Phonological Form</i> (Forma fonológica)
Spec -	<i>Specifier</i> (Especificador)
T -	<i>Tense</i> (Tempo)
TP -	<i>Tense Phrase</i> (Sintagma de tempo)
V -	<i>Verb</i> (verbo)
VP -	<i>Verb Phrase</i> (Sintagma verbal)
v-	<i>Light verb</i> (verbo leve)

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1</b>	<b>SINTAXE E MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA</b> .....	16
1.1	Introdução .....	16
1.2	Concordância .....	20
1.2.1	Valoração de traços .....	23
1.2.2	Marcação de tempo .....	29
1.3	Morfologia Distribuída .....	35
1.4	Conclusão .....	44
<b>2</b>	<b>A VARIABILIDADE MORFOLÓGICA NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA</b> .....	46
2.1	Introdução .....	46
2.2	As hipóteses sobre a variabilidade morfológica .....	46
2.2.1	Hipótese do Déficit Representacional .....	52
2.2.2	Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície .....	54
2.3	Conclusão .....	66
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	68
3.1	Introdução .....	68
3.2	Natureza da pesquisa .....	68
3.3	O contexto e os instrumentos da formação dos dados .....	68
3.4	Os critérios para a seleção dos itens analisados e método de análise .....	72
3.5	Sobre os alunos-informantes .....	74
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	76
4.1	Variabilidade no uso de flexão verbal .....	76
4.1.1	A produção eliciada .....	83
4.1.2	Produção do verbo <i>to be</i> .....	85
4.1.3	Uso de formas não-flexionadas em contextos finitos .....	88
4.2	Propriedades sintáticas relacionadas .....	89
4.3	Outros fenômenos relacionados .....	91
4.3.1	<i>To be</i> e verbos lexicais .....	93
4.4	Teste de gramaticalidade .....	99
4.5	Conclusão .....	108
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	110
5.1	A Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície e a subespecificação .....	111
5.2	A transferência .....	117
5.3	O que torna a aprendizagem de uma L2 difícil? .....	118
5.3.1	Como a dificuldade pode ser definida? .....	119
5.4	Por que haveria uso variável? .....	124
5.5	Os problemas metodológicos: a falácia comparativa .....	126
5.6	Futuros direcionamentos .....	130
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>144</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre a aquisição de línguas estrangeiras com orientação gerativista, que se propõe a investigar a variabilidade na produção de morfologia de flexão verbal na interlíngua do inglês por falantes de português brasileiro.

Dentro de uma perspectiva cognitiva, as mudanças nas representações mentais ocorridas na mente do aprendiz formam a essência da aprendizagem. Estas mudanças por sua vez levam a mudanças no comportamento observável do aprendiz, que é muitas vezes medido e utilizado como indício de aprendizagem. Dessa forma, o entendimento do construto representação mental e de mudanças subseqüentes constituem o cerne de questões relativas à aprendizagem de uma segunda língua. Dentro do contexto de segunda língua/ língua estrangeira (doravante L2), as mudanças na representação mental são indicativas de formação de novo conhecimento ou reorganização ou consolidação de conhecimento prévio (Jiang, 2007).

Segundo Selinker (1996) é consenso geral que o desempenho lingüístico de falantes de L2 é variável, tanto quando dois falantes de L2 ou falantes nativos da língua alvo e falantes da L2 são comparados. Há ainda razões para se supor que os processos de aquisição de L1 e L2 são qualitativamente distintos. Poucos aprendizes adultos são capazes de chegar a um estágio no qual o seu desempenho em segunda língua é indistinguível do desempenho do falante nativo (Lyons, 1996; Selinker, 1972). No entanto, não é possível estabelecer uma correlação entre desempenho semelhante ao do nativo e competência semelhante à do nativo. Além disso, o acesso à competência pode ser impedido como consequência da ação de diversos fatores de desempenho, incluindo efeitos de processamento. De fato, não está claro até que ponto a variação no desempenho pode ser levada em consideração quando se busca estabelecer a natureza da representação gramatical em L2 (Selinker, 1996).

A pesquisa em aquisição de L2 com abordagem gerativa tem extensivamente debatido as possíveis causas para a variabilidade ou opcionalidade sintática na produção dos aprendizes de L2. Tal variabilidade é bem documentada em gramáticas maduras ('estados finais') e em estados transitórios de desenvolvimento, ambos em adultos (Prévost e White, 2000; Hawkins e Liszka, 2003; Lardiere, 1998a, 1998b; White, 2003a; Trenkic, 2007; Yuan, 2007) e crianças (Fleta, 2003; García Mayo et al, 2005; Ionin e Wexler, 2000, 2002; Haznedar, 2003;

Gavruseva, 2004, dentre outros). No entanto, não há ainda uma explicação completa sobre as causas da variabilidade nas gramáticas de interlíngua (Sorace, 2000; Rule e Marsden 2006; Jiang, 2004, 2007). A variabilidade de flexão verbal na interlíngua de aprendizes de inglês pode ser vista nos exemplos abaixo:

*Dinosaur **turn** back and **drink** water (Haznedar, 2003)*  
*The clever pig **is build** a house of bricks (Fleta, 2003)*  
*Girl **play** with toy (Ionin e Wexler, 2000)*  
*He **is want** go up then (Ionin e Wexler, 2000)*  
*She **give** me a lot of help (Lardiere, 1998)*  
*Sometimes he **go** out... to play with his friends (White, 2003)*

A discussão sobre a variabilidade morfológica na aquisição de L2 tem buscado identificar qual seria a fonte de desvio do aprendiz. Algumas abordagens foram propostas na tentativa de explicar o uso variável, havendo discordância em relação à explicação atribuída ao desvio, se advindo de uma sintaxe com déficits ou não. Dentro de uma abordagem, denominada de Hipótese do Déficit Representacional, que vê a variabilidade morfológica como resultado de uma sintaxe deficiente, o déficit sintático seria o resultado de ausência de projeções funcionais, ausência de traços ou inabilidade em ajustar valores de traços (Hawkins e Chan 1997; Vainikka e Young-Scholten, 1996; Beck, 1998, dentre outros). Para esta abordagem, a morfologia guiaria o alçamento verbal. Dessa forma, não haveria verbos alçados a uma projeção funcional mais alta na ausência de flexão verbal.

Entretanto, há evidências contra a proposta de déficit sintático, mostrando que a produção verbal não-alvo não implica em ausência de alçamento verbal ou projeções funcionais (IP/ TP) associadas a concordância. O estudo de Prévost e White (2000) mostrou que aprendizes de alemão e francês freqüentemente alçavam verbos sem flexão, evidenciado pela ordem dos verbos na sentença em relação a advérbios e negação. Os autores sugeriram que as formas alçadas sem flexão seriam de fato formas finitas com flexão ausente. Lardiere (1998b) estendeu o argumento para a marcação de caso nominativo, que era feita de maneira adequada, apesar da alta taxa de omissão de morfologia de passado da informante de seu estudo. De fato, se marcação de caso nominativo é atribuição de TP e se não houve desvios em relação a este, as baixas taxas de produção morfológica não indicam ausência de projeção da categoria funcional.

Juntos, os resultados de Lardiere e Prévost e White sugerem que a ausência de morfologia de tempo e concordância na L2 não implica em déficit sintático. Esta abordagem ficou conhecida como Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície (Prévost e White, 2000; Lardiere, 2000). Para os proponentes desta hipótese, a variabilidade morfológica deriva de dificuldades no acesso lexical e/ou dificuldades no mapeamento entre sintaxe e morfologia, onde as projeções sintáticas e os traços relacionados estariam intactos. Após analisarem a distribuição de formas verbais finitas e não-finitas em contextos finitos e não-finitos e partindo das idéias presentes na Morfologia Distribuída, os autores sugerem que formas não-finitas estariam subespecificadas para finitude, uma vez que formas não-finitas ocorrem tanto em contextos finitos e não-finitos, mas formas finitas estão restritas a contextos finitos.

O trabalho aqui apresentado relata uma pesquisa onde se buscou investigar a variabilidade na produção de flexão verbal na interlíngua do inglês, sob a ótica da Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície. Esta investigação teve como objetivo responder às seguintes perguntas de pesquisa:

*1) A variabilidade na produção de flexão verbal do inglês como L2 de aprendizes falantes de português brasileiro pode ser explicada pela Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície?*

*2) Há efeito de transferência da L1 relacionado à variabilidade?*

Para responder a essas perguntas, durante os meses de novembro de 2006 a setembro de 2007, interações espontâneas entre oito aprendizes de inglês e a professora-pesquisadora foram gravadas e posteriormente transcritas. Tarefas de eliciação e um teste de julgamento de gramaticalidade também foram aplicados. Os dados orais coletados foram transcritos, gerando um *corpus* interlingual. As sentenças foram isoladas e posteriormente classificadas em relação a contextos de tempo presente e passado. Os desvios e o uso alvo de morfologia de flexão verbal de verbos lexicais e verbo *to be* em contexto de presente e passado foram contados e analisados estatisticamente. O resultado do teste de julgamento de gramaticalidade foi então comparado com a análise das sentenças do *corpus*.

As conclusões parecem apontar para uma dificuldade na aquisição das formas flexionais, relacionada a fatores como saliência perceptual e frequência no insumo, assim como complexidade na relação forma-significado. Uma vez que a dificuldade estaria com a

aprendizagem e uso da forma, sugerimos que os aprendizes possuem a sintaxe operante, estando o problema localizado na inserção da forma adequada, que se daria pós-sintaticamente. Os aprendizes utilizariam formas *default* para produzir marcação de tempo/concordância, evitando assim problemas na checagem dos traços morfo-fonológicos.

A motivação para este trabalho nasceu da percepção de que a ausência de marca morfológica como instanciação de tempo e concordância pode levar a problemas na comunicação. Apesar de aparentemente simples de ser aprendido, o uso de morfologia de flexão verbal diverge do uso do nativo. Muito tem sido discutido sobre as possíveis causas do uso inconstante de morfologia funcional nas interlínguas, mas ainda não existe consenso a respeito da natureza da representação mental do aprendiz. No caso de aprendizes brasileiros, ainda não há estudos que investiguem a natureza desta representação mental, observável a partir do comportamento lingüístico do aprendiz e as mudanças ocorridas nesta representação, decorrentes do processo de aquisição. O presente trabalho tem como principal objetivo contribuir para a discussão acerca da variabilidade morfológica verbal na interlíngua do inglês.

Este trabalho foi organizado da seguinte maneira:

No capítulo 1, a teoria gerativa sobre concordância e marcação de tempo é descrita, seguida pela teoria de Morfologia Distribuída, fazendo uma relação entre mecanismos puramente sintáticos e a maneira como a sintaxe é expressa morfo-fonologicamente.

No capítulo 2, apresentamos um panorama sobre os estudos que contemplam a aquisição de morfologia flexional, discutindo as hipóteses que se propõem a explicar a variabilidade, seus pontos em comum e problemas.

No capítulo 3, a metodologia de coleta de dados, de formação e classificação do *corpus* da pesquisa e de sua análise é descrita.

No capítulo 4, os resultados da análise dos dados de produção oral espontânea, produção oral eliciada e teste de julgamento de gramaticalidade são apresentados, bem como a análise estatística e outros fenômenos sintáticos encontrados relacionados à morfologia verbal. Ainda neste capítulo, uma proposta de análise sobre efeitos de transferência da L1 é elaborada.

O trabalho é encerrado com uma discussão sobre a análise dos dados, tendo como norte a Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície e a teoria de Morfologia Distribuída. Também são discutidos os possíveis efeitos de transferência da L1 e a dificuldade na aprendizagem de morfemas na L2. Apresentamos ainda considerações sobre possíveis investigações futuras e problemas metodológicos relacionados a este paradigma de pesquisa.

## CAPÍTULO UM

### SINTAXE E MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

#### 1.1 Introdução

A morfologia é considerada uma área controversa no campo dos estudos das línguas naturais, tendo menor ou maior papel dentro das teorias lingüísticas. De fato, as correntes lingüísticas dominantes ao longo do tempo ora atribuíam à morfologia papel central, ora reduziam seu papel dentro da teoria. Veremos como esta controvérsia se manifestou em diferentes momentos teóricos, partindo da visão presente no Estruturalismo até chegarmos à Morfologia Distribuída.

Dentro da perspectiva estruturalista, o estudo de fenômenos lingüísticos era baseado na gramática descritiva, através da análise de um corpus lingüístico que possibilitava a elaboração de generalizações (cf. Cardoso, 2001). O objeto de estudo do estruturalismo é a língua-E (externa, extensional, social), isto é, o produto do desempenho. A língua seria adquirida indutivamente por estímulo e resposta. Dessa forma, “tanto desempenho lingüístico quanto a sua aquisição são vistos como comportamentos ou hábitos, altamente sensíveis à estimulação externa.” (Kato, 1997: 2).

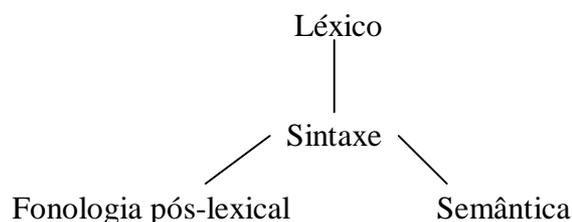
O lingüista behaviorista americano Leonard Bloomfield, expoente do estruturalismo, tinha como fundamentação filosófica a rejeição do conhecimento interior. Seu método era baseado no processo estímulo/ resposta, através da observação de fatos (Cardoso, 2001). Para Bloomfield, uma vez que as descrições lingüísticas eram advindas de generalizações indutivas, não haveria porquê se falar em universais lingüísticos, já que as descrições lingüísticas revelavam uma grande diversidade estrutural entre as línguas. De fato, nesta perspectiva teórica, a busca era por uma descrição e identificação de morfemas de línguas ainda não descritas uma vez que este quadro teórico assumia que o conhecimento dos morfemas de uma língua era suficiente para fazer com que um indivíduo reconhecesse e criasse palavras nunca antes escutadas (Sandalo, 2005).

No entanto, a escola estruturalista norte-americana e conseqüentemente a descrição lingüística indutiva foram fortemente contrapostas por Noam Chomsky na década de sessenta. Chomsky causa “um impacto muito grande no estudo da lingüística, que deixa de ser positivista para tornar-se racionalista, abandonando o mecanicismo e entrando no terreno do mentalismo.” (Cardoso, 2001: 2). A língua, dentro dessa teoria, denominada gerativa, passa a ser a língua-I (interna, intensional, individual). O objeto de estudo da teoria gerativa é postulado como o conhecimento inconsciente da língua. Dessa forma, “o uso inconsciente da língua não é devido à internalização inconsciente de hábitos, mas sim porque nele se utiliza o conhecimento automático do sistema computacional da língua.” (Kato, 1997: 3).

Com a busca pelos universais da linguagem, a sintaxe passou a ocupar o lugar de destaque na gramática, uma vez que as similaridades entre as línguas são vistas, de maneira expressiva, na sintaxe. A morfologia passou a ser tratada dentro do componente fonológico, dada a sua relação com a fonologia. Desse modo, a morfologia perdeu espaço dentro da teoria gerativa (Sandaló, 2005).

A teoria gerativa das décadas de setenta e oitenta assumia que cada componente da gramática corresponderia a um módulo independente, governado por princípios particulares. Isto quer dizer que cada módulo seria independente do outro. A gramática, segundo a teoria gerativa, passou a ser assim representada (Sandaló, 2005: 191):

(1) Componentes da gramática



A fonologia foi então dividida em duas partes: fonologia lexical, processada no Léxico, e fonologia pós-lexical, processada depois da sintaxe. Dentro desta arquitetura, a morfologia passou a ser vista como parte da fonologia lexical. De acordo com esta abordagem, os morfemas seriam adicionados no Léxico e regras fonológicas seriam aplicadas após a adição de cada morfema. O Léxico, dentro da perspectiva deste modelo, é visto como um local onde

irregularidades memorizadas são armazenadas<sup>1</sup>. Dessa forma, a diversidade lingüística seria explicada pelo Léxico, que é específico para cada língua. Segundo Chomsky (1970), citado em Sandalo (2005), a sintaxe manipulava palavras inteiras, sendo cega à estrutura interna das palavras. No entanto, esta perspectiva se mostrou “simplista demais” durante o decorrer da década de oitenta (cf. Sandalo, 2005: 192).

A irrelevância da morfologia para a sintaxe, como sugerido pelo modelo prevalente na época, foi desafiada por alguns autores. De fato, Anderson (1982) citado em Sandalo (2005), questionou a idéia de que toda morfologia deveria ser processada no Léxico, mostrando que os morfemas flexionais são relevantes para a sintaxe. Para entendermos melhor esta argumentação, vejamos como Aronoff (1994) delimita os papéis da sintaxe e da morfologia.

Inicialmente, Bloomfield (1933) citado em Aronoff (1994: 12) define morfologia como as construções de uma língua onde “formas presas aparecem entre os constituintes. Por definição, as formas resultantes são formas presas ou palavras, mas nunca frases”. Portanto, para Bloomfield, a morfologia trata da construção de palavras e parte de palavras e a sintaxe é responsável pela construção de frases. Dentro desta visão tradicional de morfologia e sintaxe, a sintaxe manipulava as formas mínimas livres e a morfologia manipulava as partes das formas mínimas. Entretanto, esta distinção não representa duas partes de um todo; de fato, a concepção de que sintaxe e morfologia são partes de um único domínio é baseada na distinção fonológica ou prosódica entre palavras e unidades maiores, não sendo relevante para a concepção mais moderna de sintaxe.

Dentro da visão atual de sintaxe gerativa, é possível que uma construção gramatical seja tanto gramatical por definição quanto morfológica (por conter formas presas). Logo, morfologia e sintaxe não são duas partes de um único domínio, mas duas dimensões distintas da linguagem. O papel principal da morfologia seria a mediação entre categorias gramaticais e substância fonológica e o papel da sintaxe as construções gramaticais e categorias. Para Aronoff (1994), a morfologia estaria restrita à manipulação dos formativos, que seriam os elementos que dão forma às palavras. Chomsky (1965) citado em Aronoff (1994: 13-14) chama de formativos lexicais (também chamados de projeções mínimas) as unidades básicas não flexionadas de

---

<sup>1</sup> Para Bloomfield (1933) citado em Aronoff (1994), os elementos básicos da linguagem são os morfemas, que por sua vez perfazem o Léxico de uma língua. Além disso, como cada morfema é uma irregularidade, o Léxico seria uma “lista de irregularidades básicas”. Estas idéias permaneceram por mais 40 anos. Chomsky (1965) citado em Aronoff (1994) igualmente define o Léxico como “uma lista desordenada de formativos lexicais”.

categorias funcionais (nome, verbo e adjetivo), que são distintas de formativos gramaticais. A formação dos lexemas, por sua vez, manipula a estrutura interna (sintática) das projeções mínimas, enquanto que a sintaxe manipula a sintaxe externa das projeções mínimas. Baseado nesta distinção, Aronoff argumenta que o termo sintaxe é ambíguo, tendo escopo em sentido mais amplo quando se refere à sintaxe da formação do lexema juntamente com a sintaxe supraleixal e um escopo mais restrito, quando se refere somente à sintaxe supraleixal.

Podemos então delinear a distinção entre morfologia flexional e morfologia derivacional. De acordo com Aronoff (1994: 15) a morfologia flexional está relacionada a realização de categorias e elementos que se encontram acima da projeção mínima (a sintaxe da morfologia) ao passo que a morfologia derivacional está relacionada com a realização de categorias e elementos que são internos às projeções mínimas (ou seja, a morfologia da formação dos lexemas). Aronoff ainda salienta que derivação e flexão não são tipos de morfologia, mas usos da morfologia, onde a flexão seria a realização morfológica da sintaxe e a derivação a realização morfológica do lexema. Em outras palavras, a morfologia flexional seria um processo sintático<sup>2</sup> e a morfologia derivacional um processo lexical.

De acordo com Sandalo (2005), a discussão levantada por Anderson (1982) desafiou a hipótese lexicalista de Chomsky, que sugeria que a sintaxe deveria ser cega para a morfologia, dando lugar à hipótese de que a morfologia flexional seria um processo sintático. Esta hipótese ficou conhecida como hipótese lexicalista fraca. Dessa forma, a morfologia flexional ganhou espaço na árvore sintática, representada na estrutura sintática por I<sup>3</sup>. A teoria sintática ganhou ainda uma teoria de caso, que passa a ser visto como um fenômeno sintático. De fato, como veremos na seção 1.2, caso está relacionado ao fenômeno de concordância verbal.

Em seu trabalho de 1982, Anderson, citado em Sandalo (2005), sugere que os morfemas não constituiriam a unidade básica da morfologia; este papel seria realizado pelos traços, definidos como propriedades semânticas mínimas. Assim, traços morfológicos seriam do tipo [+ pessoa, + passado], que por sua vez seriam parte integrante do Léxico de uma língua. Estes traços seriam manipulados pela sintaxe e a fonologia pós-lexical decidiria como estes traços seriam

<sup>2</sup> Uma evidência de que a morfologia tem relevância para a sintaxe vem dos morfemas que marcam caso em línguas como o Yidin (cf. Sandalo, 2005: 194). Para Sandalo, “seria difícil pensar que a morfologia pode ser totalmente processada antes da sintaxe, uma vez que morfemas flexionais, como morfemas de caso, fazem referência a estruturas sintáticas”.

<sup>3</sup> Durante todo o texto as abreviações das categorias funcionais e lexicais serão feitas por meio da forma em que figuram na língua inglesa. Assim, I = categoria flexão, do inglês *Inflection*.

realizados na superfície. A proposta de Anderson de considerar os traços como unidades mínimas foi adotada pelo minimalismo de Chomsky. Dessa forma, a morfologia passou a contar com um certo papel na teoria, uma vez que os traços morfológicos guiariam a sintaxe. A morfologia passou a ser parte da sintaxe, não constituindo um componente separado.

A Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993) por sua vez, sugere que a morfologia tem seu próprio componente, em um nível de interface entre a sintaxe e fonologia. Dentro desta perspectiva, “a sintaxe é visível para a morfologia e a morfologia é visível para a fonologia, permitindo maior intersecção entre morfologia-fonologia-sintaxe (cf. Sandalo, 2005: 197)”. Esta proposta teórica refutou a separação em módulos da morfologia derivacional e flexional e sugere que o componente morfológico tem processos que operam independentemente de qualquer outro fenômeno lingüístico.

Podemos perceber que a morfologia ocupou papéis distintos ao longo do desenvolvimento da teoria lingüística no último século até os dias atuais. A morfologia flexional e os efeitos sintáticos relacionados a ela tiveram inegável influência sobre a maneira como a morfologia era vista dentro da concepção da arquitetura da gramática. Esta relação entre morfologia flexional e sintaxe por sua vez levou à re-elaboração das propostas teóricas vigentes e deu lugar a novas propostas.

Com o objetivo de situar a flexão verbal como fenômeno sintático, iniciaremos com uma descrição dos fatos sintáticos relacionados à marcação de tempo, concordância e caso na língua inglesa, passando logo em seguida para discutir como as idéias presentes na Morfologia Distribuída são capazes de captar a realização morfo-fonológica da flexão verbal.

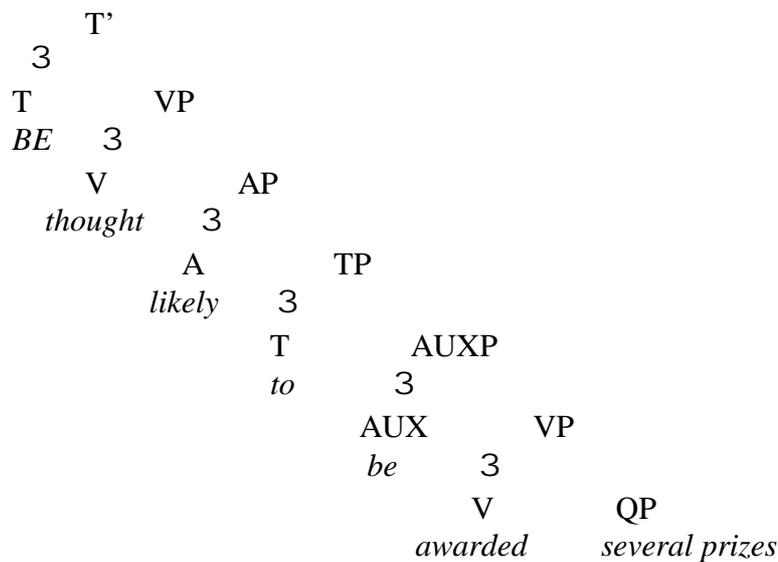
## **1.2 - Concordância**

Os traços de um item lexical interagem com os traços de outro item lexical por meio da concordância, influenciando a forma da estrutura sintática e o processo de interpretação semântica. É possível perceber que houve concordância a partir da observação da forma de uma dada construção – o valor de um traço em particular está representado em mais de um item lexical, apesar da ausência de interpretação semântica em alguns destes itens. Em última

análise, a concordância é um processo de compartilhamento de traços (Pesetsky e Torrego, 2004).

A relação de concordância presente nas línguas naturais pode ser expressa por uma relação entre um alvo (do inglês *goal*) e uma sonda (do inglês *probe*). Vejamos como esta relação se aplica na seguinte sentença em (2) (Radford, 2004: 282):

(2) *There are thought likely to be awarded several prizes.*



O Aux *be* [<sub>T</sub> BE] precisa concordar com um nominal dentro da estrutura que o contém. De acordo com o princípio *Earliness* de Pesetsky<sup>4</sup> (as operações devem ser aplicadas o quanto antes na derivação), a concordância em T deve ser feita tão logo BE seja introduzido na estrutura. Assumindo que a relação de c-comando é central às operações sintáticas, T fará a concordância com um nominal c-comandado por ele. Isto quer dizer que assim que a estrutura acima é formada, [<sub>T</sub> BE] irá procurar um nominal c-comandado por ele para realizar a concordância. Utilizando a terminologia adotada por Chomsky, BE, por ser o núcleo mais acima na estrutura atua como uma sonda, que procura por um alvo c-comandado para concordar com ele. O único nominal na estrutura acima é o QP *several prizes*. Assim, [<sub>T</sub> BE] concorda em número e pessoa<sup>5</sup> com *several prizes*, recebendo a forma *are* no componente PF.

<sup>4</sup> *Earliness Principle: An uninterpretable feature must be marked for deletion as early in the derivation as possible* (Pesetsky e Torrego, 2000). Pela falta de um termo adequado na língua portuguesa, optamos por deixar o nome em língua inglesa por captar a idéia mais fielmente.

<sup>5</sup> Traços de pessoa e número são denominados traços f (PHI).

Após a relação de concordância, o expletivo *there* é juntado em spec T para satisfazer o traço EPP<sup>6</sup> de T (cf. Radford, 2004).

Ao examinarmos a estrutura acima mais detalhadamente, vemos que o caso atribuído ao QP *several prizes* não recebe marca morfológica. Apesar de não ser explicitamente marcado em inglês, caso também é o resultado de uma relação de concordância em T, como podemos ver nestes exemplos do islandês (Radford, 2004: 283):

- (3) a- *Það voru lesnar fjórar bækur*  
*There were read four<sub>NOM.PL</sub> books<sub>NOM.PL</sub>*  
 b- *Það var skilað fjórum bókum*  
*there was returned four<sub>DAT.PL</sub> books<sub>DAT.PL</sub>*

Em (3a), o auxiliar *voru*, forma de terceira pessoa do plural, concorda com o complemento nominativo no plural. Em (3b), a forma auxiliar *var* está sem concordância e o complemento do particípio passivo está no plural e recebe caso dativo. Radford salienta que apesar da forma *var* estar na terceira pessoa do singular, pode ser tratada como uma forma sem concordância, se a concordância for caracterizada da seguinte forma: “um auxiliar é primeira/ segunda pessoa se ele concorda com um sujeito de primeira /segunda pessoa, mas terceira pessoa caso contrário; o auxiliar é plural se concordar com um sujeito plural, mas singular caso contrário”. Isto quer dizer que um auxiliar de terceira pessoa pode ser o resultado de uma relação de concordância com uma expressão de terceira pessoa do singular, como é o caso acima, ou pode ser uma forma *default*, empregada quando o auxiliar não concorda com nada (Radford, 2004).

Os dados do islandês sugerem que há uma relação sistemática entre atribuição de caso nominativo<sup>7</sup> e concordância em T. De fato, há dois reflexos distintos da relação de concordância entre a sonda T finita e o alvo nominal. Quando a sonda T finita estabelece concordância com o alvo nominal, caso nominativo é atribuído; quando a sonda T não estabelece concordância com o nominal c-comandado por ela, o caso atribuído não é nominativo. Dessa forma, a sonda T finita concorda com o nominal c-comandado por ela e este recebe caso nominativo. Por conseqüência, o nominal *several prizes* recebe caso

<sup>6</sup> EPP, do inglês *Extended Projection Principle* (princípio de projeção estendida) postula que todo constituinte T deve ser estendido à uma projeção TP que tem um especificador. Por exemplo, o fato de que um constituinte T como *will* requer um especificador seria conseqüência da presença de um traço EPP em T. O princípio EPP especifica que o traço EPP presente em um núcleo é apagado via uso de expletivo ou via movimento.

<sup>7</sup> Pesetsky e Torrego (2004) argumentam que apesar do traço de tempo de T vir do léxico já valorado, T também possui um traço não-valorado: caso estrutural.

nominativo ao estabelecer concordância com [<sub>T</sub> are]. Na próxima sessão examinaremos a marcação de caso e sua relação com concordância em mais detalhe.

### 1.2.1 - Valoração de traços

Vejam como caso e concordância estão relacionados, examinando a derivação da sentença passiva em (4B) (Radford, 2004: 284).:

- (4) A: *What happened to the protestors?*  
 B: *They were arrested.*

Como visto em (4), um pronome de terceira pessoa do plural é necessário para se referir à expressão *the protestors*. Além disso, um auxiliar no tempo passado é utilizado para se referir a um evento ocorrido no passado. Os traços de pessoa e número do pronome *they* e o traço de passado de *were* foram previamente determinados, antes mesmo que os itens entrassem na derivação. No entanto, o traço de caso atribuído a *they* e os traços de pessoa e número atribuídos a *were* são determinados por meio de uma operação de concordância durante a derivação. Por exemplo, se o sujeito fosse um pronome de terceira pessoa do singular, o auxiliar também seria de terceira pessoa do singular, resultante da relação de concordância. Do mesmo modo, se o objeto de um verbo transitivo fosse um pronome de terceira pessoa do plural, como em *the police arrested them*, a sua forma de superfície deveria ser o pronome acusativo *them* e não a forma nominativa *they*.

Tomando como base o exemplo (4), podemos dizer que expressões nominais e pronominais entram na derivação com seus traços *f* (pessoa e número) já valorados, mas com um traço de caso ainda não-valorado<sup>8</sup>. Isto quer dizer que certos traços dos itens lexicais parecem vir do léxico sem valor definido, isto é, não-valorado, e devem ser valorados por um outro item lexical que já tenha o mesmo traço valorado (Pesetsky e Torrego, 2004). Então, uma expressão nominal de terceira pessoa do plural entra na derivação com os seguintes traços: [3-Pessoa, Pl-Número,  $\mu$ -caso]. De maneira semelhante, um constituinte T finito entra na derivação com seu traço de tempo já valorado, mas com traços *f* ainda não valorados. Os traços não-valorados tanto da expressão pronominal quanto do constituinte em T serão

<sup>8</sup> Notação para traço não-valorado:  $\mu$ - ; [ $\mu$ - caso], por exemplo.

valorados por meio da relação de concordância. Conseqüentemente, o constituinte em T da sentença em (4B) entra na derivação com os seguintes traços: [passado-Tns,  $\mu$ -Pessoa,  $\mu$ -Número]. A representação da derivação em 4B pode ser vista a seguir, onde os traços já valorados estão destacados em negrito (Radford, 2004: 284):

(5)

Q	T'	
	P	
T		VP
<i>Be</i>	w	o
<b>[Passado:Tns]</b>	V	Pronome
<b>[<math>\mu</math>-Pessoa]</b>	<i>arrested</i>	<i>THEY</i>
<b>[<math>\mu</math>-Número]</b>		<b>[3: Pessoa]</b>
		<b>[Pl: Número]</b>
		[ $\mu$ -caso]

Dado o princípio *Earliness* de Pesetsky (Pesetsky e Torrego, 2000), a concordância em T se dá neste ponto. A relação de c-comando entre um alvo e uma sonda está envolvida na concordância; traços f não-valorados da sonda são valorados pelo alvo e o traço de caso não-valorado do alvo é valorado pela sonda. Uma vez que os traços não-valorados de [<sub>T</sub> Be] se encontram mais alto na estrutura, ele servirá de sonda que buscará por um alvo c-comandado que possui um traço de caso não-valorado. A sonda encontra então a expressão pronominal de terceira pessoa do plural (*THEY*), e uma relação de concordância é estabelecida entre a sonda *BE* e o alvo *THEY*. Como resultado desta relação, os traços de pessoa e número da sonda são valorados pelo alvo *THEY*. Valoração é aqui entendida como uma operação de cópia de traços, assim descrita por Pesetsky e Torrego (2004: 4)<sup>9</sup>:

(6) Concordância (compartilhamento de traços)

- (i) um traço F não valorado (uma sonda) em um núcleo H em uma locação a ( $F_a$ ) busca em seu domínio c-comandado por outra instância de F (um alvo) em um local  $\beta$  ( $F_\beta$ ), com o qual concorda.
- (ii) Substitua  $F_a$  por  $F_\beta$ , de modo que o mesmo traço esteja presente nos dois locais.

Se o alvo é valorado por F, a substituição da sonda pelo alvo resulta em uma instanciação de F valorada ocupando um local previamente ocupado por uma sonda não-valorada. Assim, H

<sup>9</sup> Tradução da autora para:

*Agree (Feature sharing version)*

(i) An unvalued feature F (a probe) on a head H at syntactic location a ( $F_a$ ) scans its c-command domain for another instance of F (a goal) at location  $\beta$  ( $F_\beta$ ) with which to agree.

(ii) Replace  $F_a$  with  $F_\beta$ , so that the same feature is present in both locations.

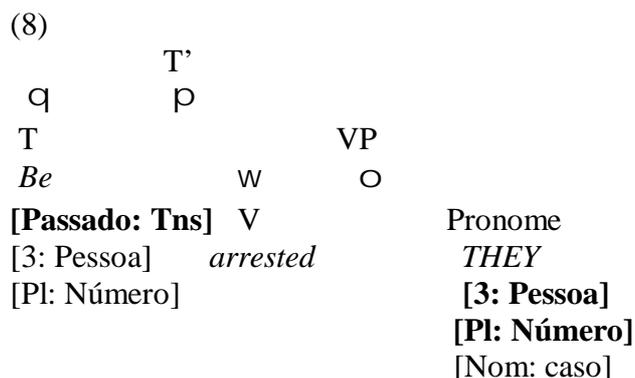
agora contém um traço valorado, que pode servir como alvo para alguma outra operação de concordância posterior, motivada pela presença de uma sonda localizada mais acima na estrutura. Como resultado, um único traço pode ser compartilhado por três posições, havendo ainda a possibilidade do processo continuar (Pesetsky e Torrego, 2004).

Como consequência do compartilhamento de traços, os valores dos traços de pessoa e número de *THEY* valoram os traços não-valorados em BE e o traço de caso não-valorado de *THEY* é valorado pela sonda BE. Uma vez que somente auxiliares com tempo finito possuem sujeitos nominativos, é possível supor que os traços finitos da sonda são responsáveis pela atribuição de caso nominativo ao alvo. Dessa forma, a atribuição de caso nominativo seria o resultado da valoração do traço de caso nominativo do alvo. A atribuição de caso nominativo pode ser definida da seguinte forma (Radford, 2004: 286)<sup>10</sup>:

(7) Atribuição de caso nominativo:

Um traço de caso não-valorado no alvo é valorado como nominativo por uma sonda que carrega tempo finito se a sonda e alvo combinam nos seus traços f (pessoa e número).

A representação da estrutura após a operação de concordância pode ser vista a seguir (Radford, 2004: 286):



Após a valoração dos traços em *BE*, ele é pronunciado como *were*, que é a forma de passado de terceira pessoa do plural do verbo *be*. De maneira semelhante, após a valoração de *THEY*, ele é pronunciado como a forma nominativa de terceira pessoa do plural – *they*. Entretanto, a

<sup>10</sup> Tradução da autora para:

*Nominative Case assignment*

*An unvalued case feature on a goal is valued as nominative by a probe carrying finite tense if probe and goal match in f-features (i.e. in person and number).*

derivação ainda não está acabada; o traço EPP em T motiva o movimento de *they* para a posição estrutural de sujeito da sentença, resultando no TP *they were arrested ~~they~~*.

A idéia de que alguns itens entrariam na derivação com valor de traços já atribuídos levou ao questionamento de quais traços estariam valorados ou não valorados e porquê. Chomsky (1998), citado em Radford (2004), argumenta que a diferença entre valorados e não-valorados está relacionada a uma outra distinção: traços interpretáveis (possuem papel na interpretação semântica) e não-interpretáveis (não possuem papel na interpretação semântica). Por exemplo, o traço de caso em um pronome como *THEY* é não-interpretável, uma vez que a forma de superfície do pronome pode ser nominativa, acusativa ou genitiva, dependendo do tipo de oração em que se encontra, sem nenhum efeito no significado, como ilustrado em (9) (Radford, 2004: 288):

- (9) *It is said [they were arrested]*  
*He expected [them to be arrested]*  
*He was shocked at [their being arrested]*

No entanto, os traços *f* dos pronomes são interpretáveis, como pode ser observado na diferença de significado entre os pronomes ‘eu’ e ‘eles’. No caso dos auxiliares finitos, o traço de tempo também é interpretável, pois uma forma de presente tem significado diferente quando comparado a uma forma de passado. Já os traços de pessoa e número dos verbos auxiliares são não-interpretáveis, pois marcam somente a concordância com um nominal. Estes fatos sugerem uma correlação entre interpretabilidade e valoração, tal como formulada em (10) (Pesetsky e Torrego, 2004: 3):

- (10) Valoração/ Interpretabilidade bicondicional (Chomsky, 2001b: 5)<sup>11</sup>  
 Um traço F é não-interpretável se e somente se F é não-valorado.

Chomsky sugere que *Agree*<sup>12</sup> existe para apagar traços não-interpretáveis. O apagamento de traços não-interpretáveis é um requisito imposto pelas interfaces. De fato, a estrutura gerada pela sintaxe é posteriormente enviada ao componente PF para ser pronunciada, isto é, para receber uma representação fonética. Ao assumir que traços não-valorados são ilegíveis pelo

<sup>11</sup> Tradução da autora para:

*Valuation/Interpretability Biconditional* (Chomsky (2001b, 5), citado em Pesetsky e Torrego, 2004):

*A feature F is uninterpretable iff F is unvalued.*

<sup>12</sup> *Agree*, a operação que checa os traços sob c-comando, é escrita com letra maiúscula para se diferenciar do fenômeno gramatical tradicional de concordância.

componente PF, pode-se dizer que todos os traços não-valorados devem ser valorados no curso da derivação para que esta não seja ‘quebrada’, já que o componente PF não é capaz de pronunciar traços não-valorados. Isto quer dizer que a sintaxe deve especificar se a forma requerida é de primeira pessoa do singular ou terceira pessoa do plural de BE, por exemplo, para que o componente PF seja capaz de determinar qual forma será pronunciada.

Além disso, a estrutura gerada pela sintaxe também é enviada ao componente semântico, para que seja convertida em uma representação semântica apropriada (Radford, 2004; Pesetsky e Torrego, 2004). Os traços interpretáveis têm papel na computação da representação semântica; entretanto, os traços não-interpretáveis são ilegíveis ao componente semântico. A idéia é a de que, pelo fato de traços não-interpretáveis não terem valor semântico, deveriam desaparecer durante a derivação; isto é, a estrutura sintática deve conter apenas traços interpretáveis para que seja interpretada pela interface semântica – Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation Principle*) (Adger, 2003: 85).

Em que sentido os traços não-interpretáveis são apagados? Chomsky sugere que os traços não-interpretáveis apagados durante o curso da derivação sintática, são marcados como invisíveis para o componente semântico, mas permanecem visíveis para a sintaxe e para o componente PF. Como ilustração, voltemos ao exemplo *they were arrested*. *They* possui um traço de caso não-interpretável, que deve ser apagado durante o curso da derivação para que a expressão seja lida pela interface semântica. Entretanto, a interface fonética deve ser capaz de lê-lo, para que determine qual forma pronominal será pronunciada. Uma convenção de visibilidade de traços é então estabelecida (Radford, 2004: 289)<sup>13</sup>:

(11) Convenção de visibilidade de traço

Qualquer traço não-interpretável apagado na sintaxe é invisível ao componente semântico, mas permanece visível ao componente sintático e ao componente PF.

Em que ponto da derivação os traços não-interpretáveis são apagados? De acordo com Pesetsky e Torrego (2004), o apagamento ocorre antes da estrutura ser mandada para a interface. Chomsky sugere que o apagamento acontece no final de cada fase<sup>14</sup>, e oferece

<sup>13</sup> Tradução da autora para:

*Feature Visibility Condition*

*Any uninterpretable feature deleted in the syntax is invisible to the semantic component, but remains visible in the syntactic component and in the PF component.*

<sup>14</sup> Chomsky (2005) sugere que o nível CP é um nível fásico. Isto quer dizer que quando a derivação chega neste ponto, o produto é enviado para as interfaces para ser interpretado e o TP no domínio da fase não está mais

várias propostas sobre o local específico dentro da fase onde o processo de apagamento acontece. O processo de apagamento pode ser assim descrito (Radford, 2004: 289)<sup>15</sup>:

(12) Apagamento de traços

*a* apaga qualquer traço não-interpretável (pessoa/ número/ caso) carregado por  $\beta$  se *a* é *f* completo e se o valor de qualquer traço *f* carregado por  $\beta$  se combina com os traços *f* de *a* correspondentes.

No processo descrito em (12), *a* e  $\beta$  são dois constituintes distintos contidos na mesma estrutura, sendo que um deles é a sonda e o outro o alvo. Em uma língua como o inglês, onde verbos finitos concordam com o sujeito em pessoa e número (mas não em gênero),  $\beta$  é *f* completo se carregar tanto traços de pessoa como de número. Para que  $\beta$  apague os traços de pessoa/ número/ caso de *a*, os traços *f* de  $\beta$  devem combinar com os traços *f* carregados por *a*.

Tomando como exemplo a estrutura em (8), vejamos como o apagamento dos traços se dá. Tanto BE quanto THEY são *f* completos, uma vez que são especificados para pessoa e número. Ainda, os traços *f* de ambos combinam, pois apresentam o mesmo valor para pessoa e número (terceira pessoa do plural). Assumindo o princípio *Earliness* de Pesetsky (cf. Pesetsky e Torrego, 2000), o apagamento dos traços deve ocorrer o quanto antes na estrutura, e se aplica no ponto em que se encontra a derivação em (9). De acordo com o processo de apagamento de traços descrito em (12), BE é *f* completo e pode apagar o traço de caso não-interpretável de THEY; os traços *f* completos de THEY podem então apagar os traços *f* não-interpretáveis de BE. O resultado pode ser visto abaixo, onde o tachado indica que o traço foi apagado (Radford, 2004: 290):

---

disponível para operações sintáticas (Condição de impenetrabilidade da fase). Isto quer dizer que qualquer alvo no domínio do núcleo da fase está inacessível às sondas externas à fase.

<sup>15</sup> Tradução da autora para:

*Feature-deletion:*

*a* deletes any uninterpretable (person/ number/ case) feature(s) carried by  $\beta$  if *a* is *f*-complete and if the value(s) of any *f*-feature(s) carried by  $\beta$  match those of the corresponding *f*-features of *a*.

(13)	T'		
Q	ρ		
T		VP	
<i>Be</i>	<i>w</i>	<i>o</i>	
<b>[Passado: Tns]</b>	<b>V</b>		Pronome
<del>[3: Pes]</del>	<i>arrested</i>		<i>THEY</i>
<del>[Pl: Num]</del>			<b>[3: Pes]</b>
			<b>[Pl: Num]</b>
			<del>[Nom: case]</del>

Os traços apagados estão agora invisíveis para a semântica, e o restante da derivação prossegue. Chomsky (1999), citado em Adger (2003) ainda postula que sonda e alvo devem estar ativos para que a concordância aconteça. Um constituinte está ativo se contém um ou mais traços não-interpretáveis. Isto quer dizer que sondas e alvos precisam ter um traço não-interpretável para que façam parte da operação de concordância.

### 1.2.2 - Marcação de Tempo

Enquanto verbos modais, *do* enfático e *to* ocupam a posição de núcleo de T na língua inglesa, verbos lexicais e verbos auxiliares são marcados morfologicamente para tempo. Esta marca pode ser vista nos exemplos a seguir:

(14) *Gilgamesh misses Enkidu*  
*Gilgamesh missed Enkidu*

Vejamos como a checagem de traços não-interpretáveis ocorre para que os traços de tempo sejam pronunciados no verbo, quando não há auxiliares. É o núcleo de *v* que hospeda um traço de tempo não-interpretável, denominado [ $\mu$ -Infl:] (do inglês *inflection*). Inicialmente, o *vP* é formado e *V* é alçado à *v*, havendo adjunção (Adger, 2003: 170):



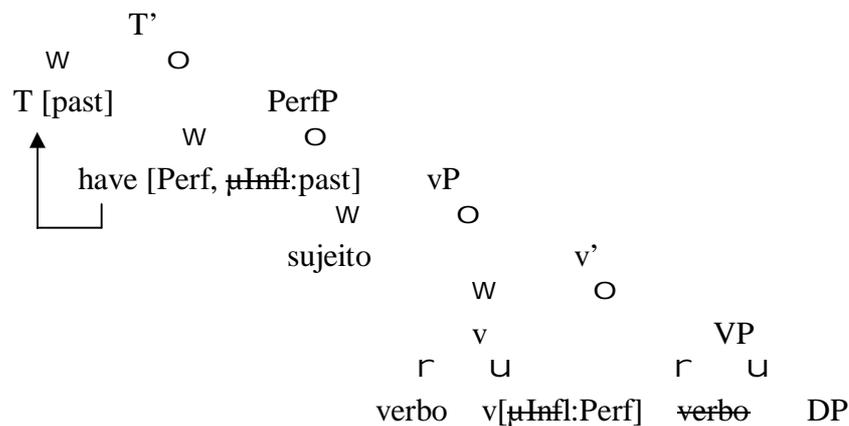
O mesmo sistema pode ser usado para descrever a pronúncia da marcação de concordância do tempo presente em inglês. Uma maneira de captar o fato de que a concordância verbal em inglês está restrita ao tempo presente é supor que neste caso T carrega somente um traço de número, e é este traço que valoriza o traço não-interpretável em v. Por exemplo, um traço [sing: número] em T irá combinar e valorizar um traço [ $\mu$ Infl:] em v. Como consequência, v será pronunciado /-z/, como em *misses*. A regra semântica irá interpretar T sem traço de tempo como tempo presente (Adger, 2003). Para os verbos principais em inglês, uma relação de concordância é estabelecida entre o conteúdo de traços de T e v. Esta relação de concordância faz com que a semântica imposta pelo traço interpretável de T seja compatível com a forma morfológica de flexão de tempo da sentença. O resultado é uma sentença morfológicamente no passado e igualmente interpretada como passado.

Verbos modais e verbos auxiliares em inglês figuram em uma posição à esquerda do verbo lexical e é possível haver mais de um auxiliar na sentença:

- (19) *The man could have been killed in the accident.*  
*She has been working for the same company for years.*

A marcação de tempo é sempre no primeiro auxiliar, mas cada auxiliar tem um efeito específico na morfologia do elemento verbal seguinte. Assim, o verbo *have* perfeito (*perfect*) é sempre seguido por uma forma no particípio passado, o verbo *be* progressivo é sempre seguido por um particípio presente e os modais são sempre seguidos por uma raiz verbal nua (Adger, 2003). Tanto o auxiliar perfectivo, quanto o auxiliar progressivo e os verbos modais são alçados a T, obedecendo as restrições do movimento de núcleo (do inglês *Head Movement Constraint*) (Adger, 2003: 173):

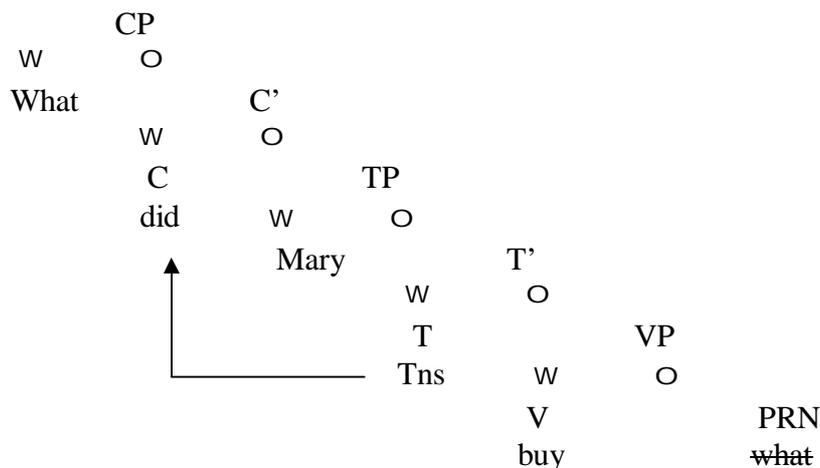
(20)



Como descrito anteriormente, *v* carrega um traço não-interpretável Infl, que pode ter como valor [perf]. Assumindo que o auxiliar perfectivo *have* carrega o traço categorial interpretável [perf], haverá a concordância e valoração do traço não-interpretável em *v*. O núcleo T nulo se junta e checa o traço [ $\mu$ -Infl:] de *have*, valorando-o como passado. *Have* é então mandado para *Spell-out*, sendo pronunciado como a forma de passado *had*. Esta mesma análise pode ser estendida para o auxiliar progressivo. É importante notar que o tratamento dado à marcação de tempo dos verbos auxiliares perfectivos é o mesmo dos verbos principais. No entanto, a diferença está no fato de que o verbo auxiliar é de fato alçado à T, enquanto que o verbo lexical permanece em *v* (Adger, 2003).

De acordo com Radford (1997), o movimento de núcleo também pode ser visto na formação de interrogativas em inglês:

(21) *What did Mary buy?*



É interessante notar que tanto o movimento de Perf para T quanto o movimento de T para C são operações locais, de uma posição mais baixa para uma posição estruturalmente mais alta, de modo que a condição de c-comando é mantida. O movimento também obedece às restrições de localidade, uma vez que o núcleo é alçado para a posição de núcleo mais próxima na estrutura. A propriedade de localidade parece refletir um princípio mais geral da Gramática Universal. Este princípio, denominado ‘Restrição de movimento de núcleos’ pode ser descrito da seguinte maneira (Radford, 1997: 117):

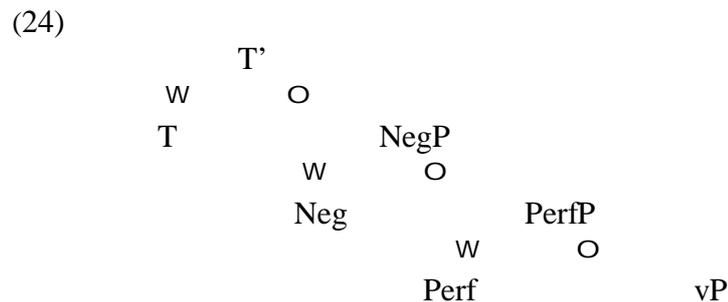
(22) Restrição de movimento de núcleo

Um núcleo só pode se mover da sua posição para a posição de núcleo imediatamente contido (isto é, o próximo núcleo acima) em um sintagma.<sup>16</sup>

Uma das evidências de que os auxiliares se movem para T está na posição da negação em inglês. No exemplo em 24, vemos que a negação se segue ao verbo modal:

- (23) *Brian might not have been reading a book.*  
 \* *Brian might have not been reading a book.*

Assumindo que o modal ocupa o núcleo de T, a estrutura da sentença em (23) seria a seguinte:



Este fato indica que no inglês, o auxiliar se move para T, assim como V se move para v. Temos então duas situações: T checa tempo no auxiliar, havendo o movimento do auxiliar para T, ou checa tempo em v, não havendo alçamento verbal. Esta diferença pode ser explicada pela suposição de que certas propriedades motivam movimento. Assim, podemos supor que além da propriedade de não-interpretabilidade, os traços possuem uma segunda propriedade – força. A força dos traços seria responsável pelas operações de movimento. Se o traço é forte, o compartilhamento de traços deve ser feito localmente, em vez de à distância. Como resultado teríamos a operação *Move*, que colocaria os dois núcleos envolvidos na relação de compartilhamento em relação de irmandade, deixando um vestígio no seu local de origem.

Diferentemente do inglês, os traços de T em francês são considerados fortes, pelo fato de motivarem o movimento de v para T. Vejamos o exemplo em (25):

- (25) *Jean n'aime pas Marie*  
 João ama não Maria  
 'João não ama Maria'.

<sup>16</sup> Tradução da autora para:

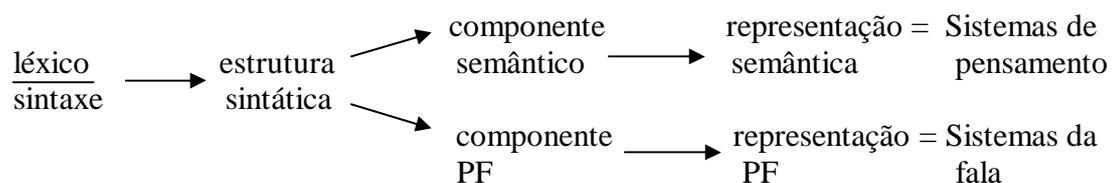
*Head movement constraint: a head can only move from the head position to the head position in the immediately containing (i.e. next-highest) phrase in the structure.*

Em (25), vemos claramente que os verbos principais em francês se movem para uma posição que precede a negação, ao contrário do inglês. Podemos então dizer que os traços de T valorados em Aux são fortes, motivando o alçamento do auxiliar, ao passo que os traços de T valorados em v são fracos, resultando em *v in situ*.

A teoria de checagem aqui descrita determina a maneira pela qual a computação realiza operações sintáticas, como a operação de Concordância e marcação de caso. É importante lembrar que esta operação é realizada pelo componente sintático da arquitetura da linguagem, não havendo determinação de qual será a forma fonológica final. De fato, Chomsky (1995) sugere que a computação entrega o seu produto para componentes externos a ela. A faculdade da linguagem toma um conjunto finito de elementos e gera um conjunto potencialmente infinito de expressões discretas<sup>17</sup>. Cada uma destas expressões discretas é então passada para os sistemas sensório-motor e conceptual-intencional, que processam e elaboram esta informação como uso da língua. Assim, a faculdade da linguagem se encaixa dentro da arquitetura da mente/ cérebro e interage com outros sistemas. Estes sistemas impõem condições que a linguagem deve satisfazer, denominadas condições de legibilidade. Para Chomsky (1998: 44) “os sistemas dentro das quais a faculdade da linguagem se encaixa têm de ser capazes de ‘ler’ as instruções da língua e usá-las como ‘instruções’ para o pensamento e a ação”. A faculdade da linguagem utiliza outros sistemas da mente/ cérebro em dois níveis de interface; um relacionado com o som e outro com o significado. De acordo com Chomsky (1998: 45, 46) “uma dada expressão gerada pela língua contém uma representação fonética, que é legível para os sistemas sensoriomotores, e uma representação semântica, que é legível para o sistema conceitual [...]”.

A organização da gramática de uma língua pode ser vista da seguinte maneira (Radford, 2004):

(26) Gramática de uma língua:



<sup>17</sup> Esta capacidade de gerar infinidade discreta já foi descrita por Galileu, Descartes e gramáticos do século XVII (Hauser, Chomsky e Fitch, 2002: 1571).

Um dos componentes da gramática é o léxico, constituído por uma lista de todos os itens lexicais/ palavras de uma língua e suas propriedades lingüísticas, que é acessado para que os itens relevantes sejam selecionados. Uma vez escolhidos, os itens lexicais são combinados por meio de computações presentes no componente sintático da gramática, dando origem a uma estrutura sintática. Esta estrutura sintática é então apresentada ao componente semântico e ao componente fonológico da gramática. (Radford, 2004).

Isto quer dizer que a forma fonológica do produto da derivação será determinada por um componente externo à derivação; isto é, a atribuição de conteúdo fonológico acontece pós-sintaticamente. Chomsky (2001), citado em Lardiere (2005) afirma que:

$S_0$  determina o conjunto  $\{F\}$  de propriedades (traços) disponíveis a uma língua. Cada língua faz uma seleção de um subgrupo  $[F]$  de  $\{F\}$  e uma montagem dos elementos de  $[F]$  como o seu Léxico LEX, que pode ser uma lista clássica de exceções, deixando de lado outras questões.<sup>18</sup>

No entanto, Chomsky não faz referência à maneira como os traços selecionados por uma língua são montados<sup>19</sup> e realizados, se por morfemas presos, livres ou encaixados entre vários lexemas. A teoria de Morfologia Distribuída, por sua vez, oferece uma possibilidade de descrição dos processos que ocorreriam no componente fonológico, ao sugerir a existência de um componente morfológico autônomo, capaz de realizar operações restritas e que leria a produção da derivação sintática, identificando os traços condicionantes para a realização da forma fonológica. Na próxima seção veremos como a Morfologia Distribuída descreve a maneira pela qual a forma morfo-fonológica é adicionada ao produto da derivação sintática.

### 1.3 – Morfologia Distribuída

Morfologia Distribuída (doravante MD) é uma teoria sobre a organização da linguagem, proposta no início da década de 1990 por Morris Halle e Alec Marantz, sendo o trabalho publicado em 1993 considerado o *locus classicus* desta teoria. Apesar de haver várias

---

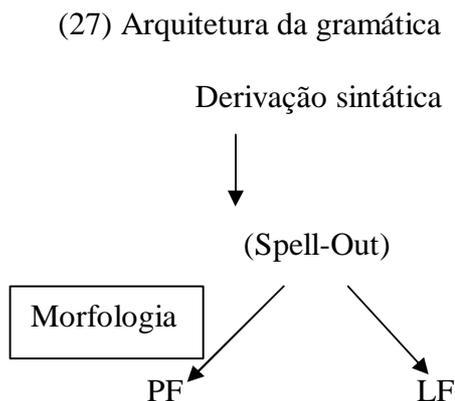
<sup>18</sup> Tradução de: *S<sub>0</sub> determines the set {F} of properties ('features') available for languages. Each L makes a onetime selection of a subset [F] of {F} and a one-time assembly of elements of [F] as its lexicon LEX, which we can take to be a classical 'list of exceptions,' putting aside further issues (Chomsky 2001, p. 4).*

<sup>19</sup> Lardiere utiliza o termo "assembly" para se referir à maneira como os traços são expressos por uma dada língua.

hipóteses presentes na literatura em MD, pode-se dizer que existem algumas propriedades que definem a teoria e a diferenciam de outras propostas teóricas: inserção tardia, subespecificação e estrutura sintática hierárquica *all the way down*. Estas propriedades serão discutidas mais adiante.

Não há Léxico na MD, no sentido assumido pela teoria gerativa das décadas de 70 e 80. Isto quer dizer que a MD inequivocadamente rejeita a Hipótese Lexicalista. De fato, o papel antes atribuído ao componente lexical descrito pelas teorias anteriores agora está distribuído pelos outros componentes da arquitetura da gramática. Por não haver Léxico na MD, o uso do termo ‘item lexical’ não tem sentido para a teoria, assim como não se pode dizer que algo é lexical ou lexicalizado (Harley e Noyer, 1999).

A organização básica da MD, proposta inicialmente por Halle e Marantz, é de uma gramática de ‘princípios e parâmetros’, com um nível adicional (MS)<sup>20</sup> de interface entre sintaxe e fonologia. De fato, MS é uma representação sintática que é parte da fonologia, onde a fonologia é vista como o componente interpretativo que realiza a representação sintática fonologicamente. Isto quer dizer que MS se refere às estruturas encontradas no nível PF da derivação, onde PF é entendido como uma derivação sequencial que termina com uma representação fonológica:



A sintaxe consiste de um conjunto de regras que gera a estrutura sintática, que por sua vez está sujeita a operações subseqüentes na derivação nos níveis PF e LF (Embick e Noyer, 2005). Toda palavra é formada por meio de operações sintáticas – juntar e mover (*Merge* e *Move*). Entretanto, em casos mais complexos, processos adicionais em PF podem modificar e elaborar

<sup>20</sup> MS, do inglês *Morphological Structure*.

estruturas sintáticas de maneira limitada. Morfologia é o termo usado para designar este conjunto de processos que são relevantes para a formação de palavras; por exemplo, requisitos específicos da língua em PF poderiam forçar a introdução de traços e nós terminais na estrutura sintática.

O termo Morfologia Distribuída se deve ao fato de que alguns aspectos da formação de palavras são provenientes de operações sintáticas (como movimento de núcleo) que ocorrem na sintaxe própria, enquanto outros aspectos são oriundos de operações que ocorrem no componente PF. No entanto, os processos que ocorrem em PF não constituem um sistema gerativo separado, somente realizando modificações restritas em estruturas geradas pela sintaxe (Embick e Noyer, 2005). Dessa forma, na DM assume-se que as palavras são montadas pelas regras da sintaxe e que as palavras e objetos sintáticos são tratados como o *output* do mesmo sistema gerativo<sup>21</sup>.

As unidades que estão sujeitas às operações *Move* e *Merge* são denominadas morfemas, que se referem aos nós terminais das representações arbóreas da estrutura sintática e seu conteúdo. Em outras palavras, morfemas são os átomos da representação morfossintática. Cada morfema é um complexo de traços de dois tipos: traços fonológicos e traços sintático-semânticos, oriundos do inventário universal disponível pela GU. Dessa forma, o inventário básico dos terminais sintáticos é dividido em morfemas abstratos e raízes. Os morfemas abstratos contêm apenas traços sintático-semânticos, tais como [Passado] ou [pl], isto é, traços não-fonéticos. As raízes, por sua vez, são seqüências complexas de traços fonológicos, tais como vCAT, vOX e vSIT. Há ainda uma diferença entre estes terminais: os traços que compõem os morfemas abstratos são universais, enquanto que as raízes são combinações específicas de sons e significados da língua. Isto quer dizer que raízes fazem parte de uma classe-aberta, podendo haver a adição de novas raízes à gramática a qualquer hora. Esta distinção está relacionada à distinção entre categorias funcionais e categorias lexicais.

---

<sup>21</sup> Dentro da teoria gerativa, mais recentemente Jackendoff propõe um modelo de arquitetura da gramática que representa desafios para as conceptualizações presentes no Programa Minimalista de Chomsky. Jackendoff sugere um abandono ao que denomina 'sintatocentrismo', através do modelo em arquitetura paralela. A arquitetura paralela é uma abordagem da estrutura gramática que contrasta com a gramática gerativa no sentido em que trata fonologia, sintaxe e semântica como componentes gerativos independentes, cujas estruturas estão ligadas por regras de interface. Além disso, vê palavras e regras como pedaços de estrutura lingüística, armazenados na memória de longo prazo (cf, Jackendoff, 2002).

Dessa forma, há dois tipos de primitivos da sintaxe dentro do quadro teórico assumido pela DM. Estes primitivos são, em última análise, os elementos que servem como terminais para a derivação sintática, isto é, são os primitivos da formação de palavras, que estão sujeitos às operações *Merge* e *Move*. São eles os morfemas abstratos, compostos exclusivamente por traços sintático-semânticos e as raízes, formadas por seqüências complexas de traços fonéticos. Estes dois tipos de terminais correspondem à distinção padrão entre categorias funcionais e lexicais (Embick e Halle, 2004).

As raízes não podem permanecer na derivação sem que estejam categorizadas, isto é, raízes são categorizadas a partir da combinação com um núcleo funcional que define a categoria. Dessa forma, as raízes figuram como pertencentes a categorias lexicais, tais como nome, verbo e adjetivo. No entanto, estas categorias são sempre sintaticamente complexas, sendo compostas minimamente por uma raiz e um núcleo funcional que define a categoria. Assim, um ‘substantivo’ é uma raiz cujo morfema mais próximo que a c-comanda é um determinante; um ‘verbo’ é uma raiz cujo morfema mais próximo que a c-comanda é v, Aspecto e Tempo (Noyer, n.d)

No entanto, morfemas abstratos como [pl] ou [Passado] são o conteúdo das categorias funcionais da teoria sintática<sup>22</sup>. No final da computação, cada morfema recebe um conjunto de traços fonológicos (incluído aqui o morfema nulo –Ø-) que servem como instrução para comandos realizados pelo sistema articulatório-perceptual. Morfemas abstratos recebem conteúdo fonológico a partir do componente morfológico; as raízes, no entanto, não recebem traços durante a derivação uma vez que assume-se que as raízes entram na derivação com todos os seus traços.

Os morfemas abstratos e as raízes são armazenados em uma lista de terminais que os falantes adquirem quando aprendem uma língua. Assim, um falante nativo de inglês memoriza raízes e morfemas abstratos, que estão disponíveis no inventário universal de traços e igualmente ativos na língua. Pelo fato de serem os primitivos da sintaxe e conseqüentemente da morfologia, os itens dessa lista são os elementos que fazem parte de palavras, frases e sentenças (Embick e Noyer, 2005).

---

<sup>22</sup> Por este motivo, morfemas abstratos e núcleo funcional se referem ao mesmo objeto (cf. Embick e Noyer, 2005).

O mecanismo que atribui traços fonológicos aos morfemas abstratos é denominado Inserção de Vocabulário. O Vocabulário é uma lista de expoentes fonológicos dos diferentes morfemas abstratos de uma língua juntamente com condições para a sua inserção. Um item de vocabulário é, portanto, a relação entre uma seqüência fonológica e a informação sobre onde esta seqüência pode ser inserida. Os itens de Vocabulário fornecem um conjunto de sinais fonológicos disponíveis em uma língua para a expressão dos morfemas abstratos.

Como exemplo, vejamos o caso da formação de plural em inglês. A inserção de Vocabulário atribui conteúdo fonológico ao morfema abstrato [pl], que foi combinado à um nome na sintaxe. O expoente regular do plural em inglês é /-z/, sendo formalmente representado da seguinte maneira ( expoente fonológico ? contexto de inserção):

(28)  
z ? [pl]

O efeito deste item de Vocabulário é adicionar /-z/ ao nó terminal. É importante salientar que a inserção de Vocabulário não apaga os traços abstratos presentes no nó (Embick e Noyer, 2005: 7). Temos então a propriedade de inserção tardia, mencionada anteriormente. A inserção tardia se refere à hipótese de que a expressão fonológica dos terminais sintáticos ocorre no mapeamento para a forma fonológica (PF). Isto quer dizer que os itens de Vocabulário são inseridos em um processo denominado *Spell-Out* (Noyer, n.d).

Harley e Noyer (1999) salientam que o conteúdo fonológico de um item de Vocabulário pode ser qualquer seqüência fonológica, incluindo zero ou  $\emptyset$ . Além disso, o conteúdo de traços ou o contexto de inserção também podem estar desprovidos de informação; neste caso, temos um item de Vocabulário *default*<sup>23</sup>. No entanto, o item de Vocabulário zero e o item *default* nem sempre coincidem. Como exemplo, temos o afixo de plural zero no contexto de certos substantivos marcados em inglês (exemplo: *sheep*) que não coincide com a forma *default*.

Dentre os itens de Vocabulário especificados para a inserção em um determinado nó terminal, pode haver mais de um que satisfaça as condições de inserção. Uma vez que, sob condições normais, um único expoente deve ser inserido em um terminal, estes itens de Vocabulário entram em competição para inserção. O princípio do subconjunto determina a aplicação dos

<sup>23</sup> Na literatura o termo *elsewhere* é igualmente utilizado.

itens de Vocabulário e resolve a maioria dos casos de competição (Halle, 1997, citado em Embick e Noyer, 2005: 7)<sup>24</sup>:

Princípio do Subconjunto: o expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em uma posição se o item combina com todos ou um subconjunto de traços especificados para aquela posição. A inserção não acontece se o item de Vocabulário contém traços não presentes no morfema. Quando vários itens cumprem as condições para a inserção, o item que se combinar com o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido.

Tomando novamente o exemplo do plural de substantivos em inglês, o nó com o traço [pl] possui, além da forma *default* /-z/, os expoentes -Ø (como em *moose*-Ø) e -en (como em *ox-en*). Isto mostra que enquanto há um único morfema abstrato no ambiente de plural em inglês, este morfema possui diferentes expoentes fonológicos, que são determinados pela raiz no contexto local de [pl].

Uma segunda propriedade já mencionada anteriormente sugere que os expoentes fonológicos não precisam estar totalmente especificados para que sejam inseridos em determinados nós sintáticos, ou seja, possuem traços subespecificados. Os nós sintáticos que são os lugares para a inserção de material fonológico estão totalmente especificados, enquanto que os itens de Vocabulário que são atribuídos a estes nós não precisam estar totalmente especificados, resultando na possibilidade de inserção de um mesmo item de Vocabulário em diferentes contextos sintático-semânticos (Harley e Noyer, 1999).

Como exemplo, vejamos a realização de prefixos de pessoa e número para objetos e sujeitos na língua hupa (Golla, 1970, citado em Embick e Noyer, 2005: 8):

(29) Marcadores de sujeito e objeto na língua hupa:

	Sujeito	Objeto
1S	W-	Wi-
2S	n-	ni-
1PL	di-	noh-
2PL	oh-	noh-

<sup>24</sup> Tradução da autora para **Subset Principle**: *The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a position if the item matches all or a subset of the features specified in that position. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.*

Nas formas de plural, temos a distinção somente na posição de sujeito (exponentes di- e oh-), enquanto que na posição de objeto não há distinção de pessoa, ou seja, o mesmo expoente (-noh) figura na primeira e segunda pessoas. Como já mencionado, a teoria assume que as posições morfossintáticas estão totalmente especificadas quando da inserção do item de Vocabulário. O conteúdo de traços dos nós sintáticos de plural podem ser representados da seguinte maneira (Embick e Noyer, 2005: 9):

(30) conteúdo dos traços de plural dos nós sintáticos:

$$\begin{array}{cccc}
 \text{a} & \text{b} & \text{c} & \text{d} \\
 \left[ \begin{array}{c} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{array} \right] & \left[ \begin{array}{c} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{SUBJ} \end{array} \right] & \left[ \begin{array}{c} +1 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{array} \right] & \left[ \begin{array}{c} +2 \\ +\text{PL} \\ +\text{OBJ} \end{array} \right]
 \end{array}$$

E os itens de Vocabulário que realizam o plural da seguinte forma:

(31) itens de Vocabulário para o plural:

- a. [+1 +PL +Subj] ? di
- b. [+2 +PL +Subj] ? oh
- c. [+PL +Obj] ? noh

A realização da primeira e segunda pessoas do plural na posição de sujeito é feita por itens de Vocabulário distintos (31a e b), mas a realização da primeira e segunda pessoas do plural na posição de objeto é feita por um único item (31c). Dessa forma, o item de Vocabulário em (31c) não está especificado para o traço de pessoa e, portanto, está subespecificado com relação ao feixe de traços onde será inserido em (30c) e (30d). Em outras palavras, há um único item de Vocabulário que figura em mais de um contexto de plural.

Vejamos ainda como acontece a inserção de Vocabulário na formação do passado em inglês. O item de Vocabulário que insere a forma fonológica do passado regular em inglês pode ser representado da seguinte forma (Embick e Halle, 2004: 3):

$$\begin{array}{l}
 (32) \\
 \text{T [past] ? -d}
 \end{array}$$

O efeito desta regra é adicionar o expoente /-d/ ao nó que contém o traço [passado]. Há ainda alguns itens de Vocabulário que fazem referência a itens no ambiente do núcleo que são pronunciados assim. Dessa forma, temos os expoentes -t e -Ø que também aparecem no

passado regular em inglês; estes itens de Vocabulário inserem expoentes que se referem a listas específicas de verbos, como mostrado a seguir:

(33)

T[past] ? ʔt/{LEAVE, BEND, BUY...} + (List 1)

T[past] ? -Ø/{HIT, SING, SIT...} + (List 2)

Estas regras, que são mais específicas que a regra em (32), são aplicadas quando uma raiz da lista 1 ou lista 2 se encontra no mesmo núcleo complexo de T [past]. Na inserção de Vocabulário, uma regra mais específica tem precedência sobre uma regra menos específica, logo, as regras em (33) são aplicadas antes das regras em (32), uma vez que em (32) não há condição contextual para a aplicação do item de Vocabulário e por isto ele funciona como *default* para T[past]. Veremos no capítulo seguinte como as teorizações a respeito da inserção de material fonológico aos nós terminais presente na Morfologia Distribuída possibilita uma análise de fatos interlinguais, mais especificamente de uso de *defaults* na instanciação de flexão verbal.

Os itens de Vocabulário (32) e (33) são regras aplicadas a morfemas abstratos e conferem a eles traços fonéticos. No caso do passado em inglês, a sintaxe gera uma estrutura onde a raiz verbal é separada de Tempo (isto é, não há alçamento verbal em inglês). No nível PF, uma operação de descida<sup>25</sup> combina Tempo e a raiz verbal em um único núcleo complexo (Embick e Halle, 2004: 4):

(34) núcleo complexo

$$\begin{array}{ccc}
 & & v \\
 & r & i \\
 & & \\
 & v & T \\
 r & i & \\
 v\text{ROOT} & & v
 \end{array}$$

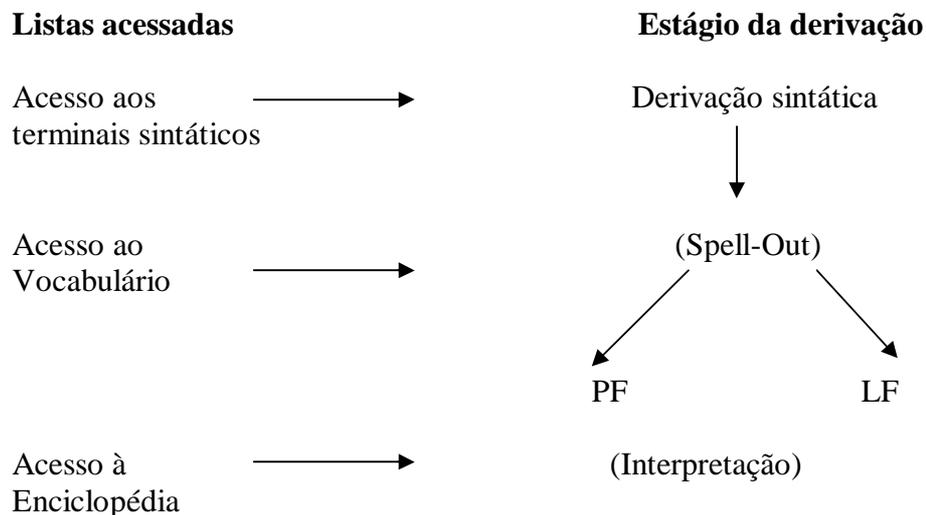
A operação de descida que gera a estrutura em (34) acontece antes da inserção de Vocabulário. Quando a inserção de Vocabulário é aplicada a T, toda a informação necessária para a realização fonológica deste morfema abstrato se encontra em (34).

<sup>25</sup> Do inglês *Lowering*.

Para a MD, todas as derivações são realizadas na arquitetura da gramática mostrada em (27). Durante as derivações, três listas são acessadas: (i) os terminais sintáticos, que contém as raízes e morfemas abstratos; (ii) o Vocabulário, uma lista de itens de Vocabulário – regras que atribuem conteúdo fonológico aos morfemas abstratos e (iii) a enciclopédia, uma lista de informação semântica que deve ser listada como propriedade de uma raiz ou como um objeto construído sintaticamente.

Estas listas são acessadas em momentos diferentes durante a derivação. As duas primeiras listas – terminais sintáticos e o Vocabulário - já foram aqui discutidas. Os terminais sintáticos são acessados na derivação sintática enquanto que o Vocabulário é consultado em PF. A terceira lista constitui um repositório para significados especiais, tanto de raízes ou de objetos maiores. A enciclopédia, como é chamado este componente, é acessada em uma fase posterior, atribuindo interpretação ao produto gerado por PF/LF. Em outras palavras, a enciclopédia é a lista de expressões idiomáticas<sup>26</sup> de uma língua (Embick e Noyer, 2005, Harley e Noyer, 1999). Assim, a arquitetura da gramática poderia ser representada, incluindo-se as listas, da seguinte forma:

(35)Arquitetura da gramática para MD e listas acessadas:



A terceira propriedade, estrutura hierárquica sintática *all the way down*, determina que os elementos da sintaxe e da morfologia entram no mesmo tipo de estrutura constituinte, sendo

<sup>26</sup> Segundo Harley e Noyer (1999), a noção de expressões idiomáticas em MD abrange mais do que o uso convencional do termo indica. Expressões idiomáticas no sentido convencional (grupos de palavras em um determinado arranjo sintático que recebem uma interpretação especial) são representadas na MD como sub-partes da entrada na enciclopédia da raiz (ou raízes) envolvidas. A entrada na enciclopédia de *kick*, por exemplo, irá especificar que no ambiente do objeto direto *the bucket*, *kick* pode ser interpretado como ‘morrer’.

representados por meio da estrutura arbórea binária. Dessa forma, pode-se dizer que a MD é baseada em ‘pedaços’, uma vez que tanto os elementos da sintaxe quanto os elementos da morfologia são vistos como constituintes discretos ao invés de serem resultantes de processos morfológicos (Noyer, n.d).

Pode-se dizer que a MD é essencialmente uma abordagem sintática da morfologia. Como consequência da arquitetura da gramática, a estrutura da gramática e a estrutura morfológica são, grosso modo, a mesma. Como não há Léxico, conseqüentemente também não há a montagem de objetos complexos que seguiriam regras distintas das regras da sintaxe; pelo contrário, a geração de todas as formas complexas deve ser feita pela sintaxe. Os processos que ocorrem em PF adicionam informação à estrutura que foi derivada na sintaxe, sob a forma de operações morfológicas relevantes, tais como inserção de Vocabulário.

#### **1.4 Conclusão**

Dentro da concepção mais recente, presente no programa minimalista de Chomsky (1998, 1999, 2001), citado em Hawkins e Liszka (2003), a faculdade da linguagem possui um número universalmente fixo e invariante de procedimentos computacionais e um inventário universal de traços formais (F) semânticos, fonológicos e sintáticos. A sintaxe constituiria um subgrupo do componente computacional, capaz de realizar um pequeno número de operações empírica e conceptualmente necessárias: *Merge* (Juntar) *Agree* (Concordar) e *Move* (Mover). Itens presentes no léxico são combinados pela sintaxe e formam expressões, que são interpretadas por um componente semântico (LF, do inglês *Logical Form*) cuja função é fazer com que as expressões sintáticas sejam legíveis pela interface conceptual - intencional. As expressões sintáticas também são interpretadas por procedimentos fonológicos/ morfológicos, que tornam a expressão legível para o sistema sensorio-motor para que haja produção e compreensão da fala.

A Morfologia Distribuída, teorização a respeito da faculdade da linguagem, adiciona um nível morfológico ao componente fonológico (PF) da arquitetura da gramática. Este nível adicional é responsável pela atribuição de conteúdo fonológico ao produto da derivação sintática e capaz de realizar operações sintáticas restritas. Chomsky não faz referência à maneira como os

traços selecionados por uma língua são montados e realizados, e quais são os mecanismos que atribuem conteúdo fonológico ao produto da derivação. Ao se investigar o desempenho lingüístico de um aprendiz, notadamente marcado por variabilidade morfológica, é necessário um modelo que explique como os traços presentes na língua são montados e instanciados morfológicamente. A Morfologia Distribuída é um modelo possível para a análise interlingual, uma vez que os processos sintáticos são distribuídos pelos componentes da gramática. No próximo capítulo veremos como a pesquisa em aquisição de segunda língua de cunho gerativista faz uso deste modelo e das idéias presentes na teoria de Morfologia Distribuída para tentar explicar o fenômeno de variabilidade morfológica presente na produção de uma segunda língua.

## CAPÍTULO DOIS

### A VARIABILIDADE MORFOLÓGICA NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

#### 2.1 - Introdução

A pesquisa em aquisição de segunda língua/ língua estrangeira (doravante L2) com abordagem gerativa tem extensivamente debatido as possíveis causas para a variabilidade ou opcionalidade sintática (nos termos de Sorace, 2000)<sup>27</sup>, na produção dos aprendizes de L2. Tal variabilidade é bem documentada em gramáticas maduras ('estados finais') e em estados transitórios de desenvolvimento, ambos em adultos (Prévost e White, 2000; Hawkins e Lszka, 2003; Lardiere, 1998a, 1998b; White, 2003a; Trenkic, 2007; Yuan, 2007) e crianças (Fleta, 2003; García Mayo et al, 2005; Ionin e Wexler, 2000, 2002; Haznedar, 2001; Gavruseva, 2004, dentre outros). No entanto, não há ainda uma explicação completa sobre as causas da variabilidade nas gramáticas de L2 (Sorace, 2000; Rule e Marsden 2006; Jiang, 2004).

Neste capítulo veremos as duas principais hipóteses que tentam explicar a variabilidade morfológica presente na produção interlingual. Mostraremos as idéias nas quais estas hipóteses estão ancoradas, além de alguns estudos já realizados que tentam corroborar ambas. Com esta revisão, tentaremos delimitar o fenômeno e situar a pesquisa em aquisição de segunda língua dentro das teorizações apresentadas no capítulo anterior.

#### 2.2 – As hipóteses sobre a variabilidade morfológica

---

<sup>27</sup> Sorace (2000: 93) define opcionalidade sintática como 'a coexistência, dentro de uma mesma gramática individual, de duas ou mais variantes de uma construção que fazem uso dos mesmos recursos lexicais e expressam o mesmo significado'.  
(...) *it can be defined as the coexistence within an individual grammar of two or more variants of a given construction, which: 1) make use of the same lexical resources; and 2) express the same meaning.*

Uma explicação completa para a variabilidade se faz necessária por duas razões. Primeiramente porque a opcionalidade representa um desafio para os modelos formais contemporâneos de gramática gerativa que, diferentemente de seus predecessores (Gramática Transformacional e Regência e Ligação), assumem que há competição para a formação da forma correta e eliminação de operações sintáticas opcionais. A segunda razão diz respeito à presença de opcionalidade em estágios intermediários de desenvolvimento, estágios avançados e até em estados finais, tornando-se uma característica permanente da aquisição de L2. Esta opcionalidade residual em gramáticas de estado final pode então ser considerada como um tipo de divergência em relação à gramática alvo. Dessa forma, a questão está em explicar a natureza da opcionalidade nas gramáticas de L2; se esta teria a mesma causa da opcionalidade estável da gramática madura de L1 e se a opcionalidade no desenvolvimento da gramática adulta de L2 seria um fenômeno de natureza distinta ao fenômeno de opcionalidade observado na gramática de L1 das crianças (Sorace, 2000).

Hawkins (2007) salienta que uma das questões atuais acerca da investigação sobre propriedades morfossintáticas na aquisição de uma L2 está em relacionar o uso de formas na produção escrita e oral e o conhecimento subjacente associado a estas propriedades sintáticas. Assim, a opcionalidade na produção de L2 seria reflexo direto da representação gramatical abstrata da L2, isto é, a variabilidade seria resultado de uma representação ainda deficiente ou o desempenho variável indicaria que há conhecimento subjacente da representação gramatical; as propriedades sintáticas estariam presentes apesar do uso inconsistente. Estas questões estão relacionadas à vários aspectos da aquisição de língua estrangeira, notadamente ao papel da L1 nos diferentes estágios de desenvolvimento, natureza da representação no estágios iniciais, intermediários e estados estáveis, propriedades da Gramática Universal e papel do insumo de L2 no desenvolvimento do conhecimento em L2.

Segundo Rule e Marsen (2006), o debate sobre as causas da variabilidade está centrado na presença ou ausência de categorias funcionais no estado inicial e em estados subsequentes e nas propriedades que as categorias exibiriam uma vez que fossem projetadas. Para alguns pesquisadores, as categorias funcionais estão ausentes nos estágios iniciais e há apenas a projeção de categorias lexicais, isto é, somente VP seria inicialmente projetado. A hipótese das árvores mínimas (Vainikka e Young-Scholten 1996) sugere que as categorias funcionais são gradativamente motivadas pela evidência positiva advinda da distribuição sintática ou morfologia explícita presente no insumo da L2. Por outro lado, alguns pesquisadores

argumentam que as categorias funcionais e suas projeções estão disponíveis para o aprendiz de L2 nos estágios iniciais de aprendizagem, seja por meio da gramática universal (Epstein et al, 1996; Grondin e White, 1996, citados por Rule e Marsden, 2006), seja por meio da gramática de L1 (Herschenson, 2001).

Mesmo depois de projetadas, ainda há controvérsia em relação à natureza das categorias funcionais nas gramáticas de L2. A controvérsia diz respeito às explicações dadas para a aparente opcionalidade da gramática de L2, evidenciada pelo uso de formas verbais finitas e não-finitas em contextos obrigatórios na produção dos aprendizes. Mais recentemente, esta polêmica tem se centrado na relação entre conhecimento de morfologia flexional e conhecimento de categorias funcionais relacionadas e valores de traços.

De um lado, a hipótese da ausência de flexão de superfície - HAFS <sup>28</sup> (do inglês *Missing Surface Inflection Hypothesis*) (Prévost e White, 2000; Herschenson, 2001; Ionin e Wexler, 2000, 2002, Haznedar 2003) argumenta que os aprendizes possuem conhecimento das projeções funcionais e valores de traços relacionados a tempo e concordância. Para esta hipótese, a opcionalidade no uso de morfologia flexional é devida a um problema com a realização morfológica de superfície. Conseqüentemente, as realizações morfo-fonológicas dos aprendizes nem sempre coincidem com a forma alvo de superfície. Por outro lado, a hipótese do déficit representacional - HDR (do inglês *Impaired Representation Hypothesis*) (Meisel, 1997; Hawkins, 2000; Franceschina, 2001) supõe que há problemas no sistema computacional, especialmente em certas propriedades dos traços das categorias funcionais. Esta suposição indica que a gramática de L2 é deficiente, resultando em opcionalidade na produção interlingual (Rule e Marsden, 2006).

Para Jiang (2004), a diferença entre as duas hipóteses descritas está na definição que atribuem a competência e desempenho. A HAFS define competência como a habilidade de uso correto de uma dada estrutura, em produção espontânea da língua, sem que seja necessário atenção<sup>29</sup>. Isto quer dizer que uma estrutura foi adquirida quando há uso consistente na produção espontânea. Por outro lado, a HDR assume que competência se refere apenas à representação

---

<sup>28</sup> Na literatura, a hipótese do déficit representacional também é referida como Abordagem do déficit na competência (do inglês *Competence Deficit Approach*) e a hipótese da ausência de flexão de superfície como abordagem da deficiência no desempenho (do inglês *Performance Deficiency Approach*) (Jiang, 2004).

<sup>29</sup> Jiang parece estar se referindo ao uso de conhecimento explícito.

lingüística internalizada, sem levar em conta a acuidade e percentagem de uso em comunicação espontânea.

Na HDR, que vê a variabilidade no uso da morfologia como reflexo de déficit na competência, a aquisição do conhecimento morfológico não foi feita de maneira completa. Jiang (2000) sugere que a morfologia flexional não é parte integrante do conhecimento da representação lexical em L2. Dessa forma, o uso adequado de morfemas flexionais é geralmente resultante da aplicação de um conhecimento explícito (Jiang, 2000).

Já para a HAFS, o problema estaria no desempenho e não na competência ou representação abstrata. A dificuldade estaria em acessar e controlar o que já se encontra internalizado. Sorace (1985) citada em Jiang (2004) faz a distinção entre o conhecimento internalizado da L2 e o conhecimento procedural que é necessário para acessar o conhecimento internalizado. Para a autora, desvios de produção do aprendiz de L2 indicam que o conhecimento procedural se segue ao conhecimento internalizado, isto é, é necessário tempo para que haja controle sobre o conhecimento internalizado.

Hawkins (2007) relaciona a forma de superfície de uma sentença produzida por um aprendiz de L2 e a sua representação abstrata, exemplificando as possíveis explicações para os desvios encontrados. Patty<sup>30</sup>, uma falante nativa de chinês, aprendiz de inglês como L2 produziu a seguinte sentença em um contexto que indica passado: *I eventually also get into the Chinese school*. O problema desta sentença está no uso da forma verbal *get* e conseqüentemente na ausência da forma *got*, que seria potencialmente utilizada por um nativo (36). Hawkins utiliza a representação de falante nativo (38) para propor como seria a representação da sentença produzida pela aprendiz (37), uma vez que não se sabe se as representações abstratas de aprendizes e nativos são convergentes:

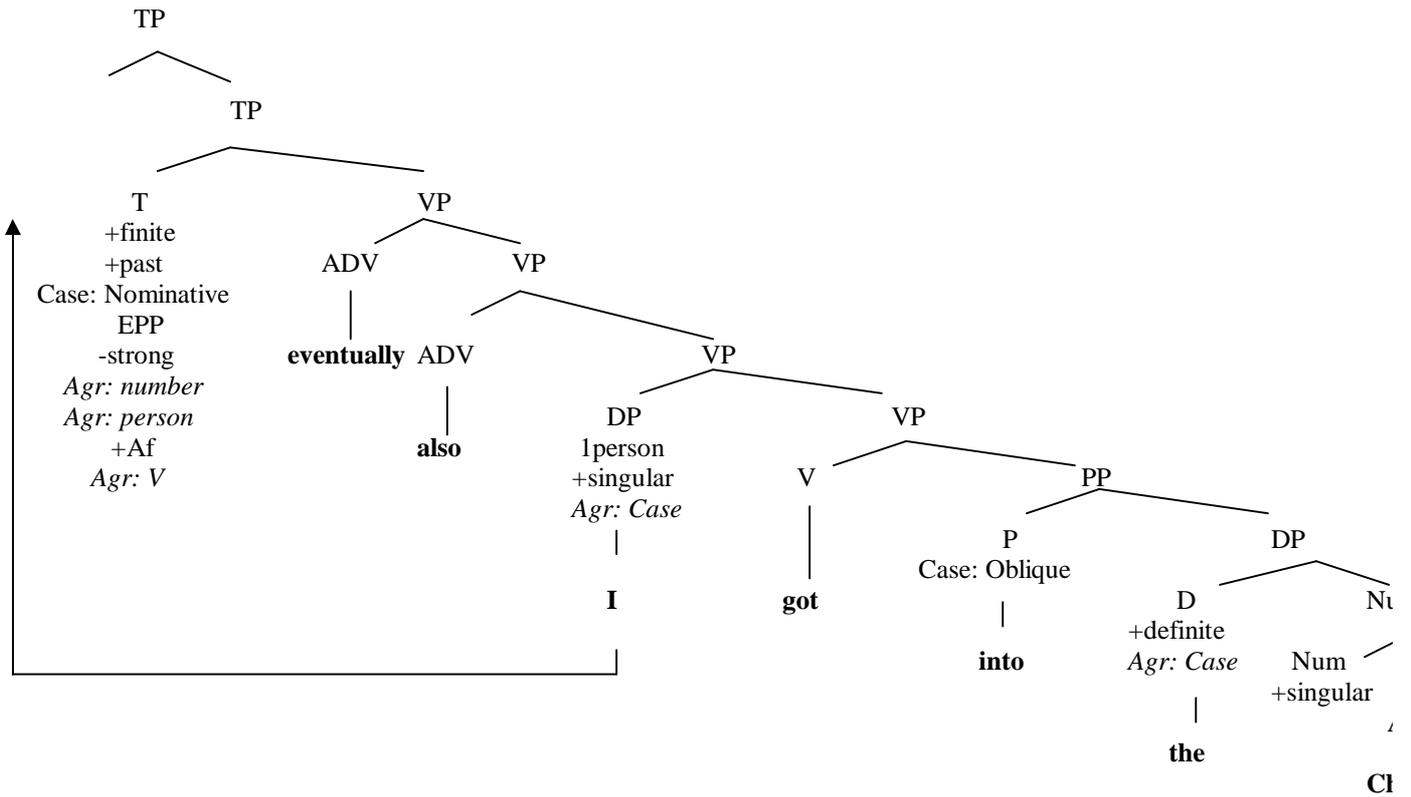
(36) *I eventually also got into the Chinese school.*

(37) *\*I eventually also get in the Chinese school.*

(38) Estrutura morfossintática proposta (simplificada) do nativo para a sentença '*I eventually also got into the Chinese school*' (Hawkin, 2007: 3):

---

<sup>30</sup> Exemplo retirado de Lardiere (2007: 23) citada em Hawkins (2007: 1), onde Patty, uma falante nativa de chinês mandarim que tem o inglês como L2 descreve o período em que viveu na Indonésia: *So I ... well uh, when I was thirteen, from thirteen to fourteen there's political change in Indonesia. So my school, which is Indonesian school, was closed. [...] And uh, I eventually also get into the Chinese school for maybe six month. And then school was close.*



No caso da falante em questão, a sentença produzida estaria bem próxima de uma sentença produzida por um nativo se não fosse pela ausência de uso da forma *got*, apesar de parecer haver a intenção de passado. Para Hawkins, há três interpretações possíveis. Uma possibilidade seria a ausência do traço [+Af]<sup>31</sup> em T. Isto quer dizer que apesar da sua gramática determinar que a expressão é [+passado], não há requerimento para que T se junte a V. Logo, a forma que aparece como exponente de V é *get* e não *got*. Uma segunda possibilidade seria a ausência de traços [+passado] em T, que não motivaria a escolha da forma *got*, apesar de haver junção de T à V. Ainda há uma terceira possibilidade, onde haveria a representação dos traços de T conforme a indicação da representação em (38), mas devido a um problema pós-sintático na seleção da forma apropriada, *get* seria inserido em V (Hawkins, 2007).

As duas primeiras possibilidades assumem que há um déficit nos traços, diferentemente do que seria esperado se a representação em questão pertencesse a um nativo. A terceira e última possibilidade, por sua vez, assume que não há déficit de traços na representação, mas sim um problema no mapeamento da representação subjacente para a forma de superfície.

Dessa forma, perspectivas diferentes tratam da interface morfologia/ sintaxe presente nas gramáticas de interlândia. Em uma perspectiva, a variabilidade é explicada em termos de representação gramatical. Assim, a variabilidade morfológica seria reflexo de (i) um fenômeno de desenvolvimento, onde não haveria a representação de certas categorias ou traços abstratos nos estágios iniciais de aprendizagem, sendo adquiridos posteriormente ou (ii) déficit gramatical permanente. Para esta perspectiva, a ausência de formas de flexão sugere que as projeções funcionais também estão ausentes (Vainikka e Young-Scholten, 1996) ou inertes (Beck, 1998).

Na segunda perspectiva, a representação abstrata das características morfossintáticas estaria presente desde o início, e a representação sintática estaria intacta (*unimpaired*). Poderia haver, entretanto, uma falha na relação entre partes da gramática, resultando em não acesso à morfologia necessária, mesmo quando esta já foi adquirida (Prévost e White, 2000; White, 2003b). O problema estaria na realização de uma forma em particular em um dado contexto e

---

<sup>31</sup> Segundo Hawkin (2007: 4) T tem natureza afixal, representado pelo traço [+Af], que faz com que T seja adjungido a um núcleo que possua um traço V. Radford (2004: 161) também sugere que T finito em inglês possui natureza afixal, com valores de traço fracos, que não motivam alocamento verbal, mas requerem que um afixo ou verbo auxiliar seja juntado à T.

não na representação abstrata do conhecimento em questão (Jiang, 2004). As duas abordagens serão descritas a seguir, salientando-se as conclusões principais dos estudos que as corroboram.

### 2.2.1 – Hipótese do Déficit Representacional

Vários pesquisadores assumem que o alçamento verbal é resultado de traços fortes em I/ T, mas há discordância com relação à força dos traços abstratos e os paradigmas de flexão verbal. Vainikka e Young-Scholten (1994, 1996) e Eubank (1994), citados em Rule e Marsden (2006), propõem uma relação direta entre força dos traços e morfologia explícita, isto é, equacionam ausência de morfologia à ausência de categorias funcionais ou déficit dos valores dos traços. Por outro lado, Lardiere (1998, 2000) e Sprouse (1998), citado em Rule e Marsden (2006), assumem que há uma separação entre os traços funcionais abstratos e a forma morfológica de superfície. De fato, as duas propostas aqui descritas estão associadas à separação ou não entre morfologia e sintaxe.

A visão não-separacionista (hipótese do déficit representacional) sugere que a omissão de morfologia flexional nos estágios iniciais de desenvolvimento de uma L2 implicam em déficit na representação sintática interlingual de forma global (Meisel, 1997) ou de certas propriedades das categorias funcionais – hipótese do déficit local <sup>32</sup> (Beck, 1998). Há ainda uma proposta compatível com a idéia de déficit representacional, sugerida por Hawkins (2000, 2005), Franceschina (2001) e recentemente revisada (Tsimpli e Dimitrakopoulou, 2007), onde certos valores de traços não seriam reajustados ou ativados na aquisição de L2.

Hawkins (2005) prevê que somente os traços não-interpretáveis ativados na L1 estão disponíveis para a aquisição de L2. Isto quer dizer não haveria aquisição de traços não-interpretáveis que não foram ativados na L1. Haveria então um período crítico para a seleção de traços formais parametrizados. Dentro desta proposta, um déficit na representação abstrata explicaria o uso de formas não-finitas em contextos finitos e vice-versa, por aprendizes de

---

<sup>32</sup> Do inglês *Local Impairment Hypothesis*.

L2; isto é, a omissão freqüente de morfologia flexional do verbo indica que haveria falhas na representação abstrata das categorias funcionais.

Dentro desta visão, está também a hipótese das árvores mínimas, de Vainikka e Young-Scholten (1996), na qual a representação inicial da gramática de L2 estaria restrita a categorias lexicais (N, V, Adj, P), sendo a base para a produção. Isto pode ser visto na produção espontânea de aprendizes iniciantes, caracterizada por expressões formulaicas e ausência de formas esperadas na língua alvo:

(39) *Girl play with toy* (Ionin e Wexler 2002: 106)

(40) *I'm something eating* (Haznedar, 2001: 9)

A produção em (39) envolveria somente a junção de categorias lexicais (Hawkins, 2007:6):

(41) [<sub>N</sub> girl] [<sub>VP</sub> play] [<sub>PP</sub> [<sub>P</sub> with] [<sub>N</sub> toy]]]

As categorias funcionais TP, DP e CP estariam ausentes da representação inicial. Baseado na idéia de que a gramática nativa do adulto varia na seleção e instanciação das categorias funcionais, as diferentes gramáticas teriam a sua própria “árvore mestre, que incluiria todas as possibilidades de ocorrência de projeções na língua (Hawkins, 2007: 6, citando Vainikka e Young-Scholten, no prelo)”.<sup>33</sup> Devido à variação entre as línguas, não seria esperado que um sistema econômico de aprendizagem lingüística projetasse todas as categorias funcionais desde o início. Seria necessária evidência no insumo para que a categoria funcional e seus traços fossem selecionados pela língua.

Meisel (1997), citado por Ionin e Wexler (2002) encontrou verbos não-finitos em posições finitas e formas finitas em posições não-finitas ao investigar a aquisição de alemão como segunda língua. A conclusão é de que não haveria distinção de finitude na representação interlingual dos aprendizes investigados, indicando déficit global dos traços abstratos relacionados.

Eubank et al (1997) citado em Choi (2005) argumentam que a opcionalidade em relação ao alicamento verbal observada durante o curso da aquisição de L2 pode ser resultado de um

---

<sup>33</sup> Tradução da autora para: *Different target grammars for language learners therefore have their own 'master tree that includes all possible projections occurring in the language'.*

déficit na intensidade dos traços associados à categorias funcionais, que permaneceria mesmo quando os aprendizes adquirem o paradigma morfológico de concordância verbal. Assim como Eubank et al (1997), Beck (1998) sugere que haveria um problema em adquirir a intensidade do traço relacionado à categoria funcional. Em seu estudo, onde aprendizes de alemão (língua onde há alçamento verbal), falantes de inglês (língua onde T tem valores fracos e o alçamento verbal não é a norma) foram investigados, houve opcionalidade no alçamento verbal na L2. Beck conclui que a opcionalidade pode ser explicada pela inabilidade dos aprendizes em adquirir os valores fortes de T do alemão.

### 2.2.2 – Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície

No entanto, se de fato a representação abstrata está ausente ou apresenta falhas, é de se esperar que o uso de formas finitas e não-finitas ocorra ao acaso e que o uso da morfologia flexional se dê de forma distinta à forma alvo, como visto em (42):

- (42) *\*He are my friend.*  
*\*Bob go to school by bus.*  
*\*They goes to school everyday.*  
*Mary woks for her father.*  
*\*I need to stopped for a while.*  
*Francis went to bed late last night.*

Em outras palavras, haveria uso ao acaso das formas verbais flexionadas e não-flexionadas, tanto em contextos onde a forma necessária seria flexionada ou em contextos onde uma forma não-flexionada seria esperada, como efeito de déficit na representação sintática do aprendiz.

A suposição de que a distribuição das formas finitas e não-finitas não se dá ao acaso e o uso da forma, quando presente, é um uso alvo, constituem um dos argumentos principais contra a proposta do déficit representacional (Prévost e White, 2000). Em oposição à proposta do déficit representacional e seguindo uma visão separacionista da gramática, está a HAFS, para a qual a causa da variabilidade no uso de morfologia flexional teria como origem um componente periférico da faculdade da linguagem. Dessa forma, as categorias e traços

relacionados seriam adquiridos e o problema estaria na interface entre a forma morfológica de superfície e a representação abstrata (Lardiere, 1998 a,b, 2000) ou na seleção do item lexical para a derivação (Prévost e White, 2000; White 2003b).

Ao discutir a relação entre presença de traços abstratos de T e uso de morfologia flexional na L2, White (2003b) estabelece comparações com a aquisição de morfologia flexional na L1. A autora cita Hyams (1994:45) e afirma que é difícil sustentar a idéia de que a ausência de itens funcionais implicaria na ausência de categorias funcionais, uma vez que crianças em processo de aquisição de L1 exibem propriedades sintáticas de operações relacionadas a categorias funcionais e falham ao produzir elementos funcionais. Para Hyams, uma explicação mais simples para a ausência destes itens lexicais seria supor que eles possuem propriedades que fazem com que sejam difíceis de serem aprendidos, como falta de referencialidade ou significado.

Em relação a L2, Herschensohn (2000) citada em White (2003b) também afirma que a morfologia precisa ser aprendida. Isto quer dizer que paradigmas morfológicos precisam ser gradualmente incorporados ao léxico. Entretanto, propriedades sintáticas mais abstratas derivam de GU e não precisam ser aprendidas. De fato, a observação de que a morfologia precisa ser aprendida encontra respaldo nas idéias de Lardiere (2005), ao sugerir que o aprendiz precisa adquirir ‘competência morfológica’ na L2.

No entanto, a variabilidade não pode ser explicada partindo da premissa de que as formas precisam ser aprendidas. Se este fosse o caso, uma vez aprendida, não haveria variabilidade de uso de formas na produção de L2. Apesar dos aprendizes de L2 mostrarem considerável correção no uso de formas funcionais, a variabilidade é inevitável. Logo, é improvável que a aprendizagem de itens funcionais seja o único problema que o aprendiz encontra na sua tarefa de aprendizagem de uma L2 (White, 2003b).

Igualmente para a L1, mesmo quando a forma já foi adquirida, e aqui White se refere à aquisição da forma como a sua entrada no léxico mental, há momentos em que ela não é acessada. Isto quer dizer que há uma interrupção temporária entre sintaxe e léxico. Ao discutir o fenômeno de ‘infinitivos opcionais’ (do inglês *Root Infinitives*), presente em crianças no curso da aquisição de L1, Philips (1995) salienta que, para o adulto, o acesso aos paradigmas flexionais de uma língua é um processo extensivamente aprendido, e por este

motivo, sem custos para a tarefa de processamento. Por outro lado, o processo de acesso à morfologia ainda não é automático, representando maior demanda para a tarefa de processamento do que o não-acesso, resultando em falha na produção da forma. Assim, a transição do estágio de infinitivos opcionais para um desempenho semelhante ao do adulto pode ser descrita como uma transição de processamento controlado para processamento automático. Estas observações foram estendidas para o contexto de L2 e formam a base dos trabalhos sobre variabilidade morfológica de Lardiere (1998a,b), Prévost e White (2000), Haznedar (2001) e vários outros que se seguiram.

Para os proponentes da HAFS, as formas não finitas que ocorrem em contexto finitos são na verdade formas *default* finitas sem morfologia de superfície, e figuram tanto em contextos finitos quanto não-finitos (cf. Prévost e White, 2000; Ionin e Wexler, 2002). Estas formas *default* finitas exibem comportamento de verbo finito como no caso do francês, por exemplo, figurando em posição pré-negação e ocorrendo com pronomes clíticos, uma vez que somente verbos finitos podem ocorrer com estes pronomes (cf. Rule e Marsden, 2006). Esta hipótese prevê ainda que, quando a morfologia de flexão está presente, ela é empregada de forma adequada; quando não há morfologia de flexão, uma forma subespecificada seria utilizada.

Para a HAFS, os desvios morfológicos presentes na produção do aprendiz são atribuídos ao mapeamento entre sintaxe e morfologia. Para Lardiere (1998a; 2) “pode ser que este próprio mapeamento – no componente morfológico ou PF – seja adquirido imperfeitamente e, a partir disto, o estatuto sintático da estrutura frasal pode não ser inferido de maneira confiável”.

De fato, os dados da aprendiz Patty<sup>34</sup> (Lardiere 1998a,b) revelam uma produção morfológica deficiente, mas também mostram evidências que sugerem competência sintática. Assim, a gramática interlingual não estaria limitada sintaticamente; a limitação estaria relacionada ao aspecto morfo-lexical. Conseqüentemente, para a HAFS o aprendiz de L2 possui uma gramática com projeções funcionais completas, mas com morfologia incompleta. Os traços morfológicos que estão ausentes na produção podem não ser foneticamente realizados, ao invés de indicarem uma ausência de traços na sintaxe.

---

<sup>34</sup> Patty é a informante dos estudos de Lardiere. Trata-se de uma falante de chinês mandarim que tem o inglês como L2 em contexto de imersão. Patty vem sendo acompanhada por mais de 20 anos e sua interlíngua pode ser considerada como pertencente a um estado estável.

A teoria gerativa situa a variação translingüística como sendo o resultado de diferenças no morfo-léxico. A noção minimalista é a de que o sistema computacional é idêntico entre as línguas, sendo o morfo-léxico a fonte de variação. Se, de fato, a variação é essencialmente morfo-lexical, a previsão é a de que a aquisição da sintaxe da L2 deveria ser mais acessível do que a aquisição do morfo-léxico. A aquisição incompleta dos traços morfológicos é então esperada para os estágios intermediários de aprendizagem, e os aprendizes devem adquirir sintaxe antes da morfologia (Herschensohn, 2001).

A idéia de que a variação está localizada no léxico nos leva a pensar que esta variação deve ser aprendida pelo falante de L2. No entanto, pode ser que esta aquisição se dê de forma incompleta, uma vez que os aprendizes precisam aprender como determinados traços são expressos na L2. Em outras palavras, é necessária competência morfológica, entendida aqui como o conhecimento de quais formas ‘combinam’ com quais traços. Além disso, outros conhecimentos seriam necessários: o que são e quais seriam os fatores condicionantes – associados à fonologia, morfossintaxe, semântica ou discurso; quais formas seriam opcionais e quais seriam obrigatórias; em quais domínios os vários traços são expressos e em combinação com quais outros traços (Lardiere, 2005).

Para exemplificar, vejamos como três línguas realizam o traço  $[\pm\text{passado}]$ . Em inglês, irlandês e somali, há a seleção de um traço formal, que não é um traço primitivo e nem está restrito a um domínio em particular. Em inglês, além de codificar tempo passado, este traço está associado a aspecto perfectivo (43a) e modo irrealis em condicionais (43b), além de não ser obrigatório em contextos de presente histórico (43c). Já no irlandês, [passado] aparece em complementizadores no CP, concordando com o tempo expresso na oração encaixada (44). Em somali por sua vez, [passado] é expresso em determinantes e adjetivos no DP, onde indica não apenas tempo passado (45a), mas também habitualidade temporal (45b) ou se o referente nominal está visível ou não ao falante (Lardiere, 2005: 180):

(43) Inglês

a. *The cow jumped over the moon.*

b. *If I only had a brain...*

c. *So we asked some guy to come over and help us. So he opens the car and everyone gets out...* (Schiffrin, 1981).

(44) Irlandês (McCloskey, 1979)

*Deir sé gurL thuig sé an scéal*

*says he that.past understood he the story*

*'He says that he understood the story.'*

(45) Somali (Lecarme, in press, 2003)

a. *árday-gii hore*  
*student-detM.past before*  
*'the former student'*

b. *(weligay) dúhur-kii baan wax cunaa*  
*(always) noon-detM.past F.IS thing eat.pres*  
*'I (always) eat at noon.'*

c. *Inán-tii hálkée bay joogta?*  
*girl-detF.past place-detM.Q F.3S stay.F.pres*  
*'Where is the girl?'*

Podemos ver nos exemplos acima que a montagem de um traço, no caso em questão [passado], em uma língua não é necessariamente idêntica à montagem do mesmo traço em outra, apesar de haver propriedades em comum. Os domínios e restrições de uso das formas que instanciam o traço precisam ser aprendidos pelo adquirente de L2. Por estas razões, Lardiere argumenta que onde há produção morfológica variável, provavelmente não houve falha em selecionar o traço sintático relacionado, isto é, não haveria déficit de traços sintáticos.

Se considerarmos que o aspecto morfo-lexical das gramáticas de L2 é limitado e imperfeitamente adquirido, justamente por ser variável, talvez possamos dizer que a variabilidade no uso morfológico não necessariamente reflete uma sintaxe 'defeituosa', mas é o resultado da variação translingüística e dificuldade na aquisição do morfo-léxico da L2.

Além disso, o estudo de Lardiere mostrou que deve haver uma modularidade do sistema gerativo, uma vez houve discrepâncias entre o conhecimento sintático demonstrado por Patty, evidenciado pela adequada marcação de caso nominativo, e o uso de morfologia de flexão verbal de passado<sup>35</sup>. Esta discrepância parece apontar para uma construção da estrutura sintática, realizada em momento anterior à aquisição da forma morfológica. Os dados sugerem que os traços abstratos que motivam as computações sintáticas, como o movimento para marcação de caso, por exemplo, estão presentes e encontram-se eclipsados

---

<sup>35</sup> O estudo apresentado em Lardiere (1998b) também sugere modularidade do sistema ao mostrar que o conhecimento de traços sintáticos associados à operação sintática de alçamento verbal está presente e independe da aquisição do paradigma flexional da L2. Os dados de produção de Patty indicam que a opcionalidade de alçamento verbal não está presente na sua gramática de interlíngua.

pela realização morfológica (ou ausência dela). A modularidade do sistema é vista aqui como a relação entre o mapeamento unidirecional dos traços sintáticos no componente morfológico (Lardiere, 1998a).

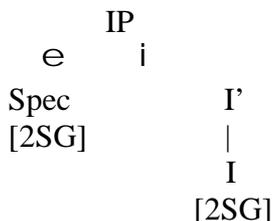
Alguns estudos em morfologia (Anderson, 1994 e Halle e Marantz, 1993), especialmente dentro do quadro proposto pela Morfologia Distribuída, têm procurado elucidar a natureza deste mapeamento, sugerindo a existência de um componente morfológico autônomo, capaz de ler a produção da derivação sintática e identificar os traços que condicionariam mudanças fonológicas aos lexemas. A HAFS, ao sugerir que os aprendizes enfrentam problemas no mapeamento da sintaxe para a forma explícita, lança mão da arquitetura da gramática presente na MD para tentar explicar o uso variável de morfemas de flexão verbal na produção interlingual de aprendizes de L2s diversas.

Ao assumir que a fonte da variabilidade morfológica (caracterizada como um problema de mapeamento ou remapeamento) pode estar localizada em um componente morfológico distinto da gramática, faz-se necessária a utilização de um modelo separacionista da gramática (Lardiere, 2005). A MD é um modelo possível para análise, uma vez que na MD o *spell-out* ou seleção de traços fonológicos ocorre pós-sintaticamente, em uma operação que seleciona o item de vocabulário que mais se combina ao nó terminal que contém o feixe de traços morfossintáticos (Lardiere, 2005; Embick e Noyer, 2005).

Tomando como ponto de partida os pressupostos teóricos da MD e especificamente o princípio do subconjunto, assume-se que uma entrada de Vocabulário pode ser inserida em um nó mesmo que alguns de seus traços estejam ausentes ou parcialmente especificados. Logo, os traços do item lexical não precisam estar totalmente especificados e formar uma correspondência exata com os traços do nó terminal; os traços do item lexical podem constituir um subconjunto dos traços do nó terminal.

White (2003b: 197, 198) exemplifica como a morfologia distribuída pode explicar o uso de formas *default* na interlíngua. Como exemplo, ela cita o estudo de Müller (1998) sobre um falante de italiano aprendiz de alemão. A representação sintática interlingual de uma sentença flexionada corretamente ou incorretamente pode ser visualizada abaixo:

(46) *Du verstehst* (você entende)/ *du verstehen* (você entender)



Tanto o núcleo I quanto o especificador estão totalmente especificados para pessoa e número. As entradas lexicais das formas *verstehen*, *vertehst* e *versteht* são mostradas a seguir, onde a indica que a entrada não está especificada para o traço em questão:

- (47)
- a) *verstehen*: [a pessoa, a número]
  - b) *vertehst*: [2SG]
  - c) *versteht*: [3SG]

As formas flexionadas no léxico estão associadas a um feixe de traços, tais como tempo, pessoa, número e gênero. No caso do exemplo acima, os traços relevantes são pessoa e número. Para que um item lexical seja inserido na árvore sintática, é necessário que os traços do item de vocabulário estejam consistentes com os traços do nó terminal, isto é, não pode haver quebra entre os traços do item lexical e nó terminal (White, 2003b). Enquanto que os traços do nó terminal estão totalmente especificados, não há necessidade de total especificação dos traços do item lexical; basta que estes traços formem um subconjunto dos traços do traços do nó terminal (cf. principio do subconjunto, descrito anteriormente). Na ausência de uma correspondência perfeita entre os traços do item lexical e nó sintático, há uma competição entre os candidatos potenciais, e o item a ser inserido será aquele que tiver maior número de traços combinantes (Prévost e White, 2000).

A forma *vertehst* (47b) pode ser inserida na árvore em (46), pois os seus traços combinam com os traços da árvore sintática. Em contrapartida, *versteht* (47c) não pode ser inserida, já que seus traços não formam um subconjunto dos traços do nó terminal e haveria quebra dos traços. Já a forma *verstehen* (47a), que está subespecificada para pessoa e número, pode ser inserida no nó sintático sem haver quebra dos traços. Esta análise pode ser estendida para explicar a observação de que os aprendizes inserem formas não-finitas em contextos finitos, mas raramente inserem formas finitas em contextos não-finitos (White, 2003b).

O fato de que o uso das formas finitas é feito de forma adequada indica que os aprendizes evitam a quebra dos traços. As únicas possibilidades de inserção de formas flexionadas, de acordo com a morfologia distribuída, seriam (i) itens lexicais adequadamente e totalmente especificados ou (ii) itens lexicais subespecificados (cf. White, 2003b). Estendendo o exemplo do alemão, o feixe de traços dos nós terminais e das entradas lexicais contém um traço de finitude. Uma forma não-finita como (48a) estaria também subespecificada para finitude no léxico interlingual, ao passo que as formas finitas estariam especificadas (White, 2003b: 198):

- (48)  
 a) *verstehen*: [a finito, a pessoa, a número]  
 b) *verstehst*: [+ finito, 2SG]  
 c) *versteht*: [+ finito, 3SG]

Desta maneira, a forma subespecificada (48a) pode ser inserida em posições especificadas como [+ finito] ou [- finito], ao passo que as formas (48b) e (48c) só podem ser inseridas em posições [+ finito], para que não haja quebra dos traços. Supondo que na gramática de L2 as formas não-finitas estejam subespecificadas para finitude, pode haver a inserção de uma forma não-finita em um nó que contenha o traço [+finito]. Isto explicaria o uso de formas não-finitas em posições finitas. As formas finitas, por sua vez, estariam especificadas para finitude e não figurariam em nós não-finitos (Prévost e White, 2000).

A idéia de que formas *default* de concordância estão presentes durante a aquisição de uma língua também é contemplada para a aquisição de L1. Ferdinand (1996) citada por Prévost e White (2000) argumenta que a forma de terceira pessoa do singular serviria como uma forma *default*, não especificada para pessoa ou número. Como resultado, formas de terceira pessoa do singular aparecem com sujeitos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural. Inicialmente a forma *default* prevalece, sendo seguida por um estágio onde as formas mais especificadas são adquiridas, ao mesmo tempo em que a forma *default* é usada. Finalmente, somente formas verbais totalmente especificadas aparecem. De forma semelhante aos dados dos aprendizes de L2, há unidirecionalidade na supergeneralização das formas: enquanto que a forma verbal de terceira pessoa do singular pode ocorrer com sujeitos que não de terceira pessoa, as formas verbais de plural não ocorrem com sujeitos no singular e nem há formas verbais de primeira pessoa ocorrendo com sujeitos de terceira pessoa. Isto indica que as formas verbais de primeira pessoa e de plural possuem traços totalmente especificados.

Com exceção de casos patológicos, a aquisição de morfologia em L1 é bem-sucedida. A partir do momento em que os traços morfossintáticos e semânticos são mapeados em uma dada forma, a associação é permanente, não havendo formas finitas em posições não-finitas nem falta de combinação (*mismatches*) na concordância. Em outras palavras, as formas subespecificadas são substituídas por formas totalmente especificadas à medida que estas são adquiridas. Logo, é possível perceber uma progressão de desenvolvimento na aquisição de L1. O mesmo pode ser dito sobre a aquisição de L2 (cf. Prévost e White, 2000), com a diferença que as formas subespecificadas permanecem, mesmo após as formas especificadas terem sido adquiridas (Lardiere, 1998a, b; White, 2003a). Isto pode ser visto nos estudos de Clahsen (1998) e Muller (1988), citados por Prévost e White (2000), onde apesar das formas subespecificadas para concordância terem sido progressivamente substituídas por formas totalmente especificadas, formas não finitas não desapareceram por completo, mesmo em gramáticas de interlíngua consideradas como estado final.

Prévost e White (2000) argumentam que esta opcionalidade indica que nem sempre a forma mais especificada ‘vence’ a competição para a inserção, fazendo com que a forma não-especificada seja utilizada. Para os autores, o acesso à entrada lexical mais especificada pode estar temporariamente bloqueado, mesmo quando esta já foi adquirida. Por questões de processamento ou pressão comunicativa, o aprendiz passaria por um bloqueio temporário, impedindo que a forma adequada seja acessada a partir do léxico interlingual. Como consequência, haveria diferentes efeitos dependendo do uso da língua. Por exemplo, um aprendiz teria desempenho melhor em um teste de gramaticalidade realizado sem restrição de tempo do que em produção espontânea, pois no primeiro caso ele teria tempo para acessar a representação adequada.

Lardiere (1998a, b, 2000) sugeriu que a variabilidade na realização de morfologia flexional presente nos dados orais da falante chinesa do seu estudo estaria no mapeamento entre a representação sintática, que estaria totalmente especificada, e a forma morfo-fonológica de superfície. Outras características da produção espontânea em L2 da falante constituiriam evidência de que a categoria T está especificada para finitude. Primeiramente, a marcação de caso nominativo, evidenciada pelo uso de adequado de pronomes nominativos, sugere que T está especificado para finitude, já que a marcação de caso nominativo no inglês é o resultado de uma relação de checagem entre a categoria T especificada como [+finito] e o sujeito na posição de spec de T. Logo, se há uso adequado de pronomes nominativos, deve haver

representação do traço de finitude em T. Além disso, não há evidência de alçamento de verbos temáticos na produção da falante (por exemplo, verbos temáticos não figuram em posição pré-negação), sugerindo que houve o estabelecimento dos traços fracos de T no inglês. Finalmente, há evidência de que a falante projeta CPs finitos, implicando, mais uma vez, na presença de T especificado para finitude (Hawkins e Liszka, 2003). Dados de quatro estudos que investigaram a relação entre uso de morfologia verbal e propriedades sintáticas relacionadas como marcação de caso nominativo e alçamento verbal podem ser visto a seguir:

TABELA 1  
Uso de morfologia verbal em contextos obrigatórios (L2 inglês, em %)

	Concordância 3SG v.lexicais	Tempo passado	<i>Be</i> supletivo	Sujeito explícito	Caso nominativo	<i>V no</i> <i>VP</i>
<i>Haznedar, 2001</i>	<b>46.5</b>	<b>25.5</b>	<b>89</b>	<b>99</b>	<b>99.9</b>	-
<i>Ionin and Wexler, 2000</i>	<b>22</b>	<b>42</b>	<b>75</b>	<b>98</b>	-	<b>100</b>
<i>Lardiere, 1998</i>	<b>4.5</b>	<b>34.5</b>	<b>90</b>	<b>98</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<i>White, 2003-time 2</i>	<b>81.5</b>	<b>76</b>	<b>97.5</b>	-	<b>99.4</b>	<b>100</b>

FONTE: (White 2003b: 189) modificada.

O estudo de Prévost e White (2000) investigou a aquisição de alemão e francês (línguas ricas em flexão morfológica verbal) por falantes nativos de inglês. A sugestão de que as formas não finitas que aparecem em contextos finitos são de fato formas finitas sem flexão, decorre do fato de que em francês e em alemão as formas flexionadas sobem para Infl, ao passo que as formas não-finitas permanecem *in situ* (no VP). Dessa forma, verbos finitos ocorrem antes da negação (*pas* em francês e *nicht* em alemão). Os dados mostram que, com poucas exceções, formas finitas ocorreram após negação. Além disso, formas finitas raramente permaneceram *in situ*. Logo, as formas não finitas que ocorreram em contextos finitos são consideradas como formas finitas com flexão ausente. Em línguas como o francês e alemão, onde há distinção morfológica entre formas finitas e não finitas, é possível visualizar de forma clara a ocorrência de formas finitas sem flexão de superfície em contextos finitos devido às propriedades sintáticas da língua.

Rule e Marsden (2006) analisaram o desenvolvimento de negativas e sua relação com finitude verbal na interlíngua do francês por falantes de inglês. As autoras tinham por objetivo investigar o *status* e natureza das categorias funcionais nas gramáticas emergentes.

A análise de dados orais eliciados de 60 adolescentes (13 a 16 anos de idade) em contexto instrucional mostrou que a categoria funcional I (ou T), apesar de ausente inicialmente, emergiu rapidamente. Além disso, o padrão de desenvolvimento da negação e dos verbos finitos e não-finitos sugere que os valores dos traços das categorias estão adequados, indicado pelo consistente alçamento verbal<sup>36</sup>. A rara ocorrência de verbos alçados não-finitos indica que haveria um problema com a realização de morfologia de superfície (cf. Prévost e White, 2000, White 2003b). De fato, uma percentagem pequena (7% a 11%) de formas não-finitas foi produzida em contextos finitos. As formas finitas foram produzidas adequadamente. Seguindo a HAFS, as autoras argumentam que estas formas não-finitas são de fato formas *default* finitas, pois ocorrem com pronomes sujeito clítico<sup>37</sup> e se comportam sintaticamente como formas finitas.

Ionin e Wexler (2000, 2002) investigaram a aquisição das categorias tempo e concordância na segunda língua de crianças russas. Os autores sugerem que a variabilidade encontrada seria o reflexo de problemas relacionados ao mapeamento morfológico das representações abstratas para a forma de superfície, estando também associada a dificuldades na aprendizagem de afixos de flexão específicos<sup>38</sup>.

Além de mostrarem alta frequência de uso das formas do verbo *to be*, as crianças russas do estudo de Ionin e Wexler produziram supergeneralizações, onde formas do *to be* ocorriam em sentenças contendo uma forma não flexionada de um verbo lexical. Os autores levantam a possibilidade do uso supergeneralizado do *to be* ser uma forma de marcar tempo e/ ou concordância, já que a flexão por suprimimento seria adquirida primeiramente. Em seu estudo, Lardiere (1999) também corrobora o fato de que a produção de formas do verbo *to be* indica que há conhecimento da categoria funcional Infl.

<sup>36</sup> Em francês, T tem traços fortes não-interpretáveis que forçam o alçamento de V para a checagem de traços. Em inglês, o traço de T é fraco e não há alçamento verbal. Estas propriedades têm reflexo direto na ordem das palavras das duas línguas - em francês, negação e advérbios precedem o verbo finito; o verbo não-finito permanece em V (quando o verbo é alçado à T, *ne* se cliticiza a ele e é também alçado) (Rule e Marsden, 2006):  
Jean *ne regarde*<sub>i</sub> [<sub>NegP</sub> *pas* *t*<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> *t*<sub>i</sub> *la television*]].

Jean não assiste televisão.

<sup>37</sup> Pronome sujeito clítico é a forma pronominal fraca do francês (cf. Kato, 1999) e ocorre com formas verbais finitas.

<sup>38</sup> Em uma revisão das pesquisas sobre ordem de aquisição de morfemas realizada na década de 70, Zobl e Liceras (1994) mostram que há evidências de que as formas do verbo *to be* são adquiridas antes dos sufixos de concordância. Isto quer dizer que os aprendizes de inglês como L2, independente de sua L1, adquirem os morfemas de suprimimento antes do *-s* do presente e *-ed* do passado. Baseado nestes achados, Zobl e Liceras sugerem que as projeções funcionais estão presentes em estágios iniciais de aquisição, sendo exemplificadas pelo uso das formas do verbo *to be*.

Em um recente estudo, Fleta (2003) discute as possíveis causas e implicações da inserção de *is* e concomitante omissão de morfologia de flexão verbal em sentenças declarativas na gramática de interlíngua de crianças aprendizes de inglês de diferentes L1s (francês, bantu e coreano) de estudos prévios e de crianças do seu estudo (L1 espanhol). Exemplos como *\*the dog is like to eat the cat* e *\*the paper is not put in the bin* foram encontrados na interlíngua de crianças falantes de espanhol L1 (Fleta, 2003: 89). As conclusões do estudo sugerem que as formas não-flexionadas dos verbos lexicais seriam marcadoras de informação lexical, enquanto que a inserção de formas de *be* (*'m, is, are, was, were*) expressaria a informação sintática.

É possível que a inserção do verbo *to be* seja reflexo da transferência das propriedades dos morfemas de concordância da L1, conforme sugerido por García-Mayo et al (2005). Enquanto não percebem que os morfemas (*-s* e *-ed*) do inglês marcam tempo e concordância, os aprendizes de inglês falantes de espanhol utilizam as formas do verbo *to be* para expressar estas propriedades. O efeito de transferência poderia advir das diferentes escolhas de pronomes fracos que as línguas inglesa e espanhola fazem; no inglês, os pronomes fracos são morfemas livres, instanciados por pronomes nominais, enquanto que no espanhol os pronomes fracos são os morfemas de concordância (cf. Kato, 1999). Dessa forma, os aprendizes transfeririam as propriedades dos morfemas de concordância da sua língua, adjungindo um elemento ao verbo para expressar tempo e concordância. Como o paradigma de flexional do verbo *to be* é adquirido primeiramente, os aprendizes fariam uso destes elementos, adjungindo-os ao verbo lexical.

Sundquist (2005) revê as previsões da HAFS e propõe uma explicação para o problema de mapeamento. Dados longitudinais de produção espontânea de um falante de turco aprendiz de alemão confirmam a HAFS. Especificamente, a concordância morfológica é realizada adequadamente e apenas um pequeno número de desvios (7% a 12%) por 'quebra dos traços'<sup>39</sup> foi observado. Além disso, em 5,3% dos casos verbos finitos ocorreram em contextos não-finitos, comparado a 10,5% de formas não-finitas em contextos finitos, diferença esta considerada significativa ( $\chi^2 = 6.732$ ,  $p < 01$ ,  $df = 1$ ).

---

<sup>39</sup> Tradução da autora para *feature clash*, isto é, uso de formas de terceira pessoa em contexto de segunda, por exemplo.

A proposta é a de que formas verbais fonologicamente vazias são alternativas viáveis para as formas explícitas no mapeamento entre flexão abstrata e de superfície. A natureza temporária deste último fenômeno indica que somente através da exposição extensa à evidência positiva no insumo da L2 o aprendiz é capaz de excluir a seleção desta forma subespecificada. A L1 exerce um efeito de bloquear o processo de mapeamento, evidenciado pelo uso, nos estágios iniciais de desenvolvimento da L2, de um sistema dual de marcação morfológica, existente na língua turca<sup>40</sup>. Isto quer dizer que o aprendiz turco transfere uma propriedade morfológica geral da sua L1, que relaciona traços abstratos e morfologia explícita, para a interlíngua do alemão.

### 2.3. Conclusão

Podemos perceber que o fenômeno de variabilidade morfológica na interlíngua é bem documentado, mostrando a ocorrência do fenômeno em aprendizes de diferentes L1s e níveis de proficiência. As propostas presentes na literatura - HDR (Hawkins, 2000) e a HAFS (Prévost e White, 2000) - diferem em relação à presença ou não de déficit representacional. Apesar de ter gerado considerável debate, a questão ainda não está resolvida. Nos parece plausível supor que a HAFS, dentre as hipóteses presentes na literatura, é capaz de acomodar o fenômeno, uma vez que explica a variabilidade morfológica verbal como sendo o reflexo de um problema no acesso à forma relevante, além de se pautar em outros fenômenos sintáticos relacionados à categoria funcional Infl. Além disso, ao lançar mão da teoria de Morfologia Distribuída e da não-necessidade de total especificação de itens de Vocabulário, explica de maneira satisfatória a direcionalidade do fenômeno.

A concepção da faculdade da linguagem presente no Programa Minimalista de Chomsky abre novas possibilidades para o campo de pesquisa em aquisição de línguas estrangeiras. As idéias presentes neste quadro teórico podem ser estendidas para a pesquisa em aquisição. Assim, como os níveis de interface têm relevância para a faculdade da linguagem, igualmente serão importantes para o processo de aquisição.

---

<sup>40</sup> No turco, os sufixos que os verbos finitos recebem nas orações encaixadas são distintos dos sufixos verbais das orações principais. Por outro lado, em alemão, só há um grupo de sufixos de concordância, tanto para orações principais quanto para orações encaixadas.

O principal objetivo da MD é distribuir as várias propriedades da morfologia, tradicionalmente encontradas no Léxico, para diferentes partes da gramática. Assim, morfemas presos e livres são considerados traços morfossintáticos abstratos e não itens lexicais, como assumido pela visão lexicalista. As terminações morfológicas são inseridas na derivação como itens fonológicos, denominados itens de Vocabulário, através do *Spell-Out*. Enquanto que alguns itens podem ter seus traços totalmente especificados, outros itens podem estar subespecificados, e irão competir com os itens mais especificados para inserção, como se fossem itens *default*. É justamente neste ponto que a MD oferece uma possibilidade de análise para a variabilidade no uso de formas verbais.

Uma vez que o princípio do subconjunto determina a seleção dos itens de Vocabulário possíveis, pode ocorrer que, na gramática de interlíngua, um item menos especificado ganhe a competição para inserção. Dessa forma, a gramática de interlíngua elegeria um item *default*, subespecificado, para ser inserido em um nó terminal que contenha traços que se combinam com os traços dos itens de Vocabulário. Uma análise interlingual que se baseia na proposta teórica da MD parece ser capaz de explicar os dados aqui apresentados.

## **CAPÍTULO TRÊS**

### **METODOLOGIA**

#### **3.1 – Introdução**

Este capítulo reporta a metodologia adotada para a realização do projeto de pesquisa e se divide em quatro partes: a natureza da pesquisa, o contexto onde ocorreu a coleta dos dados e os instrumentos adotados, os critérios para seleção das amostras a serem analisadas, bem como o método para análise, finalizando com informação sobre os participantes da pesquisa.

#### **3.2 - Natureza da pesquisa**

O presente estudo teve como objetivo verificar se haveria variabilidade de morfologia de flexão verbal na produção de aprendizes de inglês falantes de português brasileiro, no que se refere ao *-s* da terceira pessoa do singular do presente, verbo *to be* como cópula e auxiliar e formas verbais do passado. Para verificar se uma menor proporção de uso de morfologia de flexão verbal no grupo de menor proficiência seria resultante de maior dificuldade em se aprender morfemas funcionais do inglês por haver diferenças entre as línguas, optamos por conduzir um estudo descritivo de natureza quantitativa, que revelasse diferenças entre o uso de morfologia flexional entre os dois grupos e possibilitasse uma comparação numérica com fins a uma análise estatística.

#### **3.3 - O contexto e os instrumentos da formação dos dados**

Os dados analisados nesta pesquisa incluem as transcrições de interações espontâneas e narrativas eliciadas em língua inglesa, que aconteceram durante as aulas de inglês ministradas pela professora-pesquisadora. Além das interações espontâneas e narrativas

eliciadas, um teste de nivelamento e um teste de julgamento de gramaticalidade foram aplicados e seus resultados constituem os instrumentos de análise. As interações espontâneas e as tarefas de eliciação foram gravadas digitalmente e posteriormente transcritas. O teste de nivelamento e o teste de gramaticalidade foram respondidos por escrito e os resultados posteriormente computados. Ainda para o teste de julgamento de gramaticalidade, após a sua realização, foi pedido que os alunos-informantes comentassem algumas das respostas dadas. Estes comentários foram gravados e posteriormente transcritos.

A coleta das amostras de dados utilizadas nesta análise ocorreu entre os meses de novembro de 2006 até setembro de 2007. Um mínimo de seis aulas e um máximo de doze aulas foram gravadas para cada aluno-informante, excetuando-se as gravações das tarefas de eliciação e comentários sobre o teste de gramaticalidade. Após a gravação, o arquivo era nomeado e transferido para o computador. Cada arquivo de aula de gravada tem tempo mínimo de 50 minutos e máximo de 90 minutos de duração.

As aulas dadas pela professora-pesquisadora são realizadas em sala especialmente preparada para este fim em sua residência. O formato do curso varia de acordo com a necessidade individual de cada aluno. Geralmente, um livro texto é adotado como base, e atividades extras são introduzidas para complementar as atividades do livro. O livro adotado tem por objetivo o desenvolvimento das habilidades de compreensão oral, escrita, leitura e produção oral, muitas vezes modificadas ou complementadas para que o tema seja enriquecido ou mais prática em determinada habilidade seja dada. Somente dois alunos-informantes não seguem o livro. Trata-se de dois alunos que têm a Medicina como profissão e possuem uma necessidade de desenvolver as quatro habilidades na língua com finalidade profissional. Para estes alunos, as atividades são montadas pela própria professora, que utiliza como fonte artigos científicos, textos de organizações médicas internacionais, vídeos educativos, arquivos de áudio/ vídeo de palestras e congressos, todos estes disponíveis na Internet, complementados com livros didáticos de inglês voltados para a área médica.

Na maioria dos casos das interações espontâneas, os alunos-informantes iniciavam a interação, relatando fatos que haviam acontecido com eles ou com alguém conhecido durante a semana, suas impressões sobre um determinado assunto ou até mesmo faziam um comentário adicional após a resposta dada a uma pergunta feita pela professora-pesquisadora

(ANEXO A). O gravador digital<sup>41</sup> ficava ligado, sob a mesa onde o aluno-informante e a professora pesquisadora se sentavam. No início, um dos informantes disse estar incomodado com a presença do gravador e até mesmo pediu que eu o desligasse, mas não chegou, em nenhum momento, a pedir que as gravações não fossem mais feitas. A partir da terceira aula com o gravador ligado, o aluno já não notava a presença do gravador, fazendo comentários do tipo “uai, tava gravando?”.

A primeira tarefa realizada foi o teste de nivelamento<sup>42</sup> escrito, que constava de cinquenta questões de múltipla escolha, com quatro alternativas cada, onde apenas uma deveria ser escolhida para completar corretamente o enunciado da questão. Este teste teve por objetivo estabelecer o nível de proficiência dos alunos. O teste de nivelamento adotado classifica os aprendizes em três níveis distintos de proficiência, denominados pela pesquisadora como básico (I), intermediário (II) e avançado (III). Os resultados permitiram agrupar os informantes nos níveis I e II.

As duas tarefas de eliciação<sup>43</sup> tinham por objetivo eliciar a produção de morfologia de flexão verbal do tempo presente e produção de morfologia de flexão verbal do tempo passado de verbos regulares e irregulares (APÊNDICES A e B). A escolha pela eliciação se pautou pelo fato de que as interações espontâneas talvez não revelassem dados suficientes para uma análise da variabilidade de uso de morfologia verbal. Nestas tarefas, aos alunos-informantes era apresentada uma ilustração seguida por alguns verbos, que deveriam ser usados na realização da tarefa. Após examinarem por dois minutos a ilustração, os alunos-aprendizes deveriam contar a história presente na ilustração. Estas narrativas foram gravadas digitalmente e posteriormente transcritas.

Finalmente, o teste de gramaticalidade foi realizado, com o objetivo de verificar o conhecimento explícito dos aprendizes em relação aos contextos de uso da morfologia de flexão verbal do presente, passado e *to be* cópula e auxiliar (APÊNDICE C). Trinta pares de sentenças foram apresentados em meio impresso, onde a mesma sentença figurava em sua forma gramatical e em uma forma agramatical, conforme exemplo abaixo:

---

<sup>41</sup> Gravador digital, tocador de MP3 e rádio FM, da marca *Powerpack*®.

<sup>42</sup> Teste de nivelamento da *Oxford University Language Centre*, disponível em: [http://www.lang.ox.ac.uk/tests/english\\_placement.html](http://www.lang.ox.ac.uk/tests/english_placement.html)

<sup>43</sup> As tarefas de eliciação geralmente ocorreram no transcorrer das aulas, juntamente com as gravações das interações espontâneas.

(49)\**Jéssica and Paul is doctors.*  
*Jéssica and Paul are doctors.*

Dentre as trinta sentenças, vinte e quatro tinham por objetivo avaliar o conhecimento de morfologia e seis eram distratores. Os aspectos observados no teste de gramaticalidade estão relacionados ao conhecimento das seguintes formas: (a) passado regular, (b) passado irregular, (c) concordância do presente, (d) concordância com o verbo *to be* como cópula, (e) presente progressivo. Também foram contemplados: (f) marcação dupla de passado, (g) marcação de caso, (h) verbo no VP. Os distratores foram constituídos por sentenças onde havia (i) plural regular, (j) uso de adjetivo possessivo e marcação de gênero em pronome reflexivo e (k) uso de artigos. Estas sentenças foram distribuídas aleatoriamente, como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 1  
 Distribuição dos itens do teste de gramaticalidade

Aspecto observado	Número de sentenças	Número da sentença no teste
Passado regular	3	1, 18, 26
Passado irregular	3	5, 9, 12
Concordância presente	3	7, 20, 24
Concordância cópula	3	13, 16, 21
Presente progressivo	2	6, 28
Marcação de caso	3	8, 17, 25
Verbo no VP	4	4, 11, 22, 30
Sujeito explícito	2	15, 29
Marcação dupla de passado	1	2
Distratores	6	3, 10, 14, 19, 23, 27

Uma escala tipo *Likert*, variando de -2 a 2<sup>44</sup>, foi utilizada para mensurar o julgamento das sentenças pelos informantes. Os alunos-informantes foram informados pela professora-pesquisadora o que significava os termos ‘agramatical’ e ‘gramatical’, indicando que se referiam a formas ‘gramaticalmente certas ou erradas’, e que deveriam marcar o seu julgamento de cada sentença do par, de acordo com a escala de cinco itens previamente mencionada. Após o término do teste, os aprendizes explicavam oralmente como haviam

<sup>44</sup> Escores da escala:  
 -2: totalmente agramatical  
 2: agramatical  
 0: não sei  
 1: gramatical  
 2: totalmente gramatical.

chegado a determinados resultados. Esta fase é justificada pela tentativa de tentar entender quais critérios os aprendizes utilizaram para julgar as sentenças e, em última análise, verificar se de fato as escolhas se basearam no uso do conhecimento explícito de morfologia de flexão verbal da língua inglesa.

### 3.4 – Os critérios para seleção dos itens analisados e método de análise

Após as gravações, as interações espontâneas foram transcritas. Foram consideradas espontâneas as interações que (i) foram iniciadas pelos alunos-informantes e não tinham relação alguma com o tema ou tópico da aula e (ii) se seguiram a uma resposta a uma pergunta feita pela professora-pesquisadora, constituindo informação adicional ou comentário. Em muitas vezes, um novo tópico se seguia a este comentário inicial e novamente a interação era iniciada pelo aprendiz. Estas partes, consideradas interações espontâneas na sala de aula, foram selecionadas para análise. Após a transcrição, com o objetivo de ter maior segurança e dar confiabilidade aos dados, os arquivos eram abertos pelo *software* para análise acústica PRAAT<sup>45</sup>. Neste programa foi possível isolar as instâncias onde houve dúvidas com relação a pronúncia do som dos morfemas *-s* do presente e *-ed* de passado. Quando não era possível diferenciar o som, a sentença era então excluída da análise.

Após a transcrição, as sentenças foram agrupadas de acordo com os contextos em que figuravam. Os critérios para a análise desta pesquisa foram formulados seguindo os critérios adotados para a análise dos dados dos estudos de Lardiere (1998a) e de Prévost e White (2000). Dessa forma, para ser considerada como item para análise, a sentença deveria conter um sujeito e um verbo, incluídos aqui casos de coordenação, como em *I remember when I get my wallet and return the car*, onde *and return* constitui uma sentença por ser coordenada. Após a definição das sentenças, as mesmas foram agrupadas de acordo com o contexto de uso, se passado ou presente. Assim, cada narrativa teve suas sentenças separadas de acordo com o contexto de presente ou passado.

Instâncias de auto-correção, isto é, uso da forma verbal não-alvo seguido imediatamente por uso da forma adequada sem qualquer intervenção da professora-pesquisadora também foram

---

<sup>45</sup> Software disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

excluídos, apesar da forma correta final ser incluída. Também foram excluídas repetições imediatas que não envolviam auto-correção. Casos onde as formas de passado e não-passado são idênticas foram igualmente excluídas. Além disso, contextos onde o verbo não marcado para passado figurava em contexto que poderia ser ambigualmente interpretado como presente ou passado não foram analisados. Por exemplo, no excerto *When I stay there, I have a problem with my foot, because I walk four hours in the Washington, with high heels, not shoes, sandálias, they have the tirinhas*, não foi possível determinar se as sandálias tinham ou ainda têm tirinhas, apesar de ser um contexto de passado.

As sentenças das narrativas foram separadas de acordo com a seguinte classificação: uso de *to be* como cópula e auxiliar em contexto de presente e passado, uso de presente, uso de passado, auto-correção e outros fenômenos. Deve-se salientar que apenas verbos lexicais foram analisados, excluindo verbos modais. Não somente sentenças declarativas, mas formas interrogativas e negativas foram também incluídas. O passado foi considerado marcado quando o auxiliar (nos casos em que estava presente) ou o verbo principal foram modificados para indicar passado. O uso de presente foi considerado mesmo quando houve formas não-alvo em relação à concordância como em *Sometimes I have difficult but listening music, films is easy now*. Apesar de Lardiere (1998a), não ter analisado casos onde o passado se encontrava marcado pelo auxiliar e o elemento que se seguia estava inadequadamente flexionado, optamos por incluir estes casos no grupo ‘outros fenômenos’, para serem analisados posteriormente. Um exemplo pode ser visto a seguir: *Because you have the excuse that you are a very gentle, a very nice person, you are concerned about the others, because you are concerning about the others*.

Após a classificação em contextos, a incidência de uso em contextos obrigatórios<sup>46</sup> de presente e passado foi calculada. A incidência foi determinada como o número de sentenças onde o *-ed* ou a forma de suprimento para o passado foram produzidos, assim como o uso de *-s* para o presente, dentro do total de sentenças em contexto de passado e presente, respectivamente. Em seguida, estes números foram transformados em proporção de uso por indivíduo; o mesmo foi feito para o uso do verbo *to be* como cópula e como auxiliar. Esta escolha se deve ao fato de que alguns autores argumentam que o paradigma flexional do verbo *to be* não é problemático para o aprendiz, sendo aprendido em estágios mais iniciais de

---

<sup>46</sup> As implicações das escolhas metodológicas deste trabalho serão discutidas no capítulo 5.

aquisição (cf. Zobl e Liceras, 1994). Após o cálculo das proporções de uso, a média, a mediana, mínimo e máximo das proporções foram calculados por grupo. Estes dados foram analisados estatisticamente. Para as tarefas de eliciação de presente e passado, os mesmos critérios e a mesma metodologia para análise foram mantidas.

O uso de morfologia flexional em contextos obrigatórios foi calculado individualmente para os contextos de presente e passado. Posteriormente esses resultados foram agrupados por nível: resultado do nível I e resultado do nível II. Estes resultados foram transformados em proporção de uso e receberam tratamento estatístico.

Os escores do teste de gramaticalidade foram transferidos para uma tabela, discriminando as escolhas de cada informante e de cada item do teste. Em seguida, as sentenças foram agrupadas de acordo com o grupo a que pertenciam (10 grupos, conforme tabela 1). As médias dos escores atribuídos às sentenças gramaticais e agramaticais de cada grupo de sentenças foram calculadas por indivíduo. Em seguida, as médias, medianas, mínimos e máximos dos escores atribuídos às sentenças gramaticais e agramaticais por grupo de sentenças foram calculados por nível de proficiência – grupo I e grupo II. A partir destes dados, gráficos foram gerados. O objetivo do cálculo das médias, medianas, mínimos e máximos foi o de visualizar as diferenças nos julgamentos de gramaticalidade entre os dois grupos. Os comentários pós-teste foram transcritos e comparados com os resultados individuais.

Os dados receberam tratamento estatístico, para que fosse verificado se as diferenças entre o comportamento dos grupos em relação às variáveis eram estatisticamente significativas. Verificou-se também se o tipo de tarefa exerceu influência sobre os resultados obtidos. Os testes de *Mann-Whitney* e *Wilcoxon* foram aplicados aos dados, por se tratar de resultados não-paramétricos.

### **3.5 – Sobre os alunos-informantes**

Os dados selecionados para a análise advêm de oito alunos adultos, falantes de português brasileiro, aprendizes de inglês em contexto instrucional. Dos oito alunos-informantes,

metade é aluno da professora-pesquisadora desde o primeiro semestre de 2006 e a outra metade desde o primeiro semestre de 2007. Em sua maioria, os alunos-informantes são profissionais que têm por objetivo o uso do idioma para fins acadêmicos e/ ou profissionais.

Os alunos-informantes serão identificados pelas siglas IF-1 (que corresponde a informante 1), IF2, IF3, e assim sucessivamente, até IF8. Os dados são formados por amostras de interação e resultado de testes de dois informantes masculinos (IF3 e IF8) e seis informantes femininos (IF1, IF3, IF4, IF5, IF6 e IF7). Apesar de haver seis informantes do sexo feminino, o substantivo masculino aluno-informante foi utilizado, pois a variável gênero não se fez relevante para o tratamento dos dados. No próximo capítulo, veremos os resultados obtidos a partir da coleta de dados aqui descrita.

## CAPÍTULO QUATRO

### RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados resultantes da transcrição dos dados orais e teste de gramaticalidade é dividida em três partes. Primeiramente, os dados em relação ao uso de variabilidade na produção de morfologia de flexão de verbal serão analisados. Em seguida, é apresentada uma análise das propriedades sintáticas relacionadas à flexão, observadas na produção espontânea e produção eliciada, bem como a ocorrência de outros fenômenos associados à marcação de tempo e concordância. Finalmente, os resultados do teste de julgamento de gramaticalidade e sua relação com os dados de produção serão analisados.

#### 4.1 – Variabilidade no uso da flexão verbal

O teste de proficiência adotado para este estudo classifica os aprendizes em três níveis distintos de proficiência. De acordo com o número de acertos dentre as cinquenta questões do teste, os níveis são assim distribuídos: 0-30, 31-40 e 41-50. O resultado do teste de proficiência classificou os oito informantes em dois grupos distintos, denominados grupo I e grupo II, correspondentes aos dois primeiros níveis de proficiência do teste. Os resultados e o grupo ao qual o aprendiz se enquadra são mostrados no QUADRO 2:

QUADRO 2  
Resultado do teste de proficiência e classificação por grupo.

<b>Informante</b>	<b>Resultado</b>	<b>Classificação</b>
IF1	21	Grupo I
IF2	25	Grupo I
IF3	20	Grupo I
IF4	31	Grupo II
IF5	31	Grupo II
IF6	31	Grupo II
IF7	27	Grupo I
IF8	31	Grupo II

Após a transcrição, os dados foram agrupados de acordo com o contexto de uso (presente e passado) e quanto ao verbo utilizado na sentença (verbo *to be* como cópula e auxiliar e verbos lexicais). Assim, foram gerados quatro grupos: presente *to be*<sup>47</sup>, presente lexical, passado *to be* e passado lexical, como ilustram os exemplos a seguir:

(50) *To be* presente:

*I'm going to São Paulo, to meeting at the CMDDB. (IF1)*

*He's so beautiful and now in this film he's normal, more real. (IF6)*

(51) *To be* passado:

*When I was studying Spanish, my intention was to go to Barcelona to do my post doctorate, my post graduate studies. (IF8)*

(52) Presente lexical:

*Today everyone has a cell phone. (IF4)*

*what's the name of a person who works for you? (IF4)*

(53) Passado lexical:

*He told me he coughed eight hours and he started in respiratory insufficiency. (IF2)*

*Because when I change the flat one year ago, I change one small to a bigger one. (IF4)*

*I went to the movies this Sunday last Sunday. (IF6)*

Os dados podem ser vistos nas TAB. 2 e 3:

TABELA 2

Total individual de uso de morfologia verbal para os dados espontâneos<sup>48</sup>.

Informante	Presente <i>to be</i>		Presente lexical		Passado <i>to be</i>		Passado lexical	
	Total	uso	total	Uso	total	Uso	total	Uso
1 (I)	33	31	11	3	26	4	80	19
2 (I)	18	18	5	3	2	2	21	20
3 (I)	66	64	10	2	17	17	58	24
4 (II)	36	34	21	12	52	50	46	27
5 (II)	37	36	10	8	14	14	31	28
6 (II)	69	69	22	18	41	41	68	53
7 (I)	31	31	19	10	15	13	39	22
8 (II)	53	53	11	9	22	22	89	71

<sup>47</sup> Os desvios para o verbo *to be* foram considerados como ausência de auxiliar no tempo progressivo e uso da forma inadequada dentro do contexto de presente ou passado, ou seja, uso de forma do presente em contexto de passado e uso de forma do passado em contexto de presente.

<sup>48</sup> Os números em parêntesis se referem ao grupo no qual o aprendiz foi classificado.

TABELA 3  
Total de uso de morfologia verbal por grupo para os dados espontâneos.

Grupos	Presente <i>to be</i>		Presente lexical		Passado <i>to be</i>		Passado lexical	
	total	uso	total	Uso	total	uso	total	Uso
grupo I	148	144	45	18	60	36	198	85
grupo II	195	192	64	47	129	127	234	179

Como pode ser visto pelos resultados apresentados nas tabelas 2 e 3, de maneira geral, nas interações espontâneas<sup>49</sup> houve uso variado de morfologia de flexão verbal para o verbo *to be* como cópula e auxiliar e para verbos lexicais, como visto em<sup>50</sup> (54) a (60):

(54) *TM has a central operation for the data center.* (IF1)

(55) *Then my boss called the operation and the man tell him my telephone number and he told me I have to go to Rio on Monday.* (IF1)

(56) *For three times a week I have...I had lunch on a McDonalds and after that I just drink a Coca- cola.* (IF3)

(57) *She leave us a history, what happening in Amsterdam, about the persecution of the 'church' (Jew) people.* (IF4)

(58) *I like songs, different songs, because he likes Madonna, only Madonna.* (IF5)

(59) *Ten years ago I was at the faculty direction (...), and we organized a trip to make some contacts(...).* (IF8)

(60) *I do this before the test of vestibular but I thought (...).* (IF7)

Para os dados resultantes da aplicação da tarefa de eliciação de morfologia verbal de presente e de passado, somente os verbos lexicais foram computados. Esta escolha foi feita porque foi sugerido aos aprendizes que utilizassem determinados verbos lexicais para cada uma das tarefas. Assim, não era esperado que produzissem formas do verbo *to be*. De fato, houve uso esporádico de formas do verbo *to be* nas tarefas de eliciação, e este uso foi feito de maneira adequada. Alguns exemplos podem ser vistos a seguir:

(61) Tarefa de eliciação de presente:

(a) *I noticed that probably she is a... she works at a kind of radio, radio station during the morning she has a program at this radio.* (IF8)

<sup>49</sup> Alguns nomes próprios e lugares foram modificados para garantir o anonimato dos informantes.

<sup>50</sup> Os seguintes códigos foram utilizados para as transcrições: ( ) parêntesis vazio significa trecho inaudível; reticências - ... - indicam uma pausa na fala e (fala) parêntesis preenchidos indicam intervenção da professora.

(b) *And after she has I don't know how **she have** time to to work out and she goes to home [...]. (IF7)*

(c) *Sometimes she tries to watch TV and at late of the night **she try** to put her homework... in front of her in the bed. (IF5)*

(62) Tarefa de eliciação de passado:

(a) *Mary Ann loved animals and she liked to spend a lot of time among them. Her parents were very upset about her love for animals because she was 21 years old [...]. (IF8)*

(b) *But one day one beautiful princess arrived in a castle and **talk** with her parents and **make** a 'pedido'. (IF3)*

(c) *He kissed...he kiss one kiss? No, he kissed the prince and suddenly and they and **he transform** to a toad. (IF4)*

As TAB. 4 e 5 mostram os resultados dos testes de eliciação. Os usos de morfologia de presente em contexto de passado e morfologia de passado em contexto de presente não foram computados nestas tabelas. Estes dados serão comentados mais adiante.

TABELA 4

Total de uso de morfologia em contexto obrigatório por indivíduo – tarefas de eliciação.

Informante (grupo)	Presente lexical		Passado lexical	
	Total	Uso	Total	Uso
1 (I)	8	0	8	7
2 (I)	22	19	12	11
3 (I)	30	3	19	12
4 (II)	26	6	9	4
5 (II)	19	16	23	22
6 (II)	19	12	12	12
7 (I)	22	5	16	4
8 (II)	23	8	22	21

TABELA 5

Total de uso de morfologia em contexto obrigatório por grupo – tarefas de eliciação.

Grupos	Presente lexical		Passado lexical	
	total	uso	total	Uso
I	82	27	55	34
II	87	42	66	59

Os dados originais apresentados nas TAB. 2 a 5 foram transformados em proporções, para que a análise estatística fosse feita. A seguir apresentamos os testes estatísticos utilizados, bem como os resultados obtidos e as implicações destes resultados.

Como mencionado anteriormente, os resultados foram divididos em uso de morfologia de flexão de presente e passado, tanto para o verbo *to be* quanto para verbos lexicais. A divisão em verbos lexicais e verbo *to be* se justificou pela hipótese de que os aprendizes não teriam problemas com as formas de suprimento do paradigma flexional do verbo *to be* e que o paradigma flexional por afixação apresentaria maior dificuldade e, conseqüentemente, maior variabilidade de uso (cf. Zobl e Liceras, Ionin e Wexler, 2002). De fato, os aprendizes apresentaram maior proporção de uso para o verbo *to be*, quando comparados à proporção de uso de verbos lexicais, tanto no presente quanto no passado, como pode ser visto pelas medianas das proporções de uso nas TAB. 6 e 7:

TABELA 6  
Mediana, mínimo e máximo das proporções de uso para cada uma das variáveis no grupo I na produção espontânea.

	<b>Presente <i>to be</i></b>	<b>Passado <i>to be</i></b>	<b>Presente lexical</b>	<b>Passado lexical</b>
<b>Mediana</b>	0,98	0,93	0,40	0,49
<b>Mínimo</b>	0,94	0,15	0,20	0,24
<b>Máximo</b>	1,00	1,00	0,60	0,95

TABELA 7  
Mediana, mínimo e máximo das proporções de uso para cada uma das variáveis no grupo II na produção espontânea.

	<b>Presente <i>to be</i></b>	<b>Passado <i>to be</i></b>	<b>Presente lexical</b>	<b>Passado lexical</b>
<b>Mediana</b>	0,99	1,00	0,81	0,79
<b>Mínimo</b>	0,94	0,96	0,57	0,59
<b>Máximo</b>	1,00	1,00	0,82	0,90

Podemos perceber também que o grupo I apresentou menor proporção de uso de morfologia flexional em relação ao grupo II na produção espontânea. Por exemplo, em relação à variável presente lexical, o grupo I mostrou mediana de proporção de uso de morfologia de flexão em contexto obrigatório em 0,40 do total de sentenças, enquanto que o grupo II obteve mediana

de 0,81. O mesmo aconteceu para o passado lexical, onde a mediana de uso do grupo I foi de 0,49 e a do grupo II chegou a 0,79.

Para a tarefa eliciada, o mesmo cálculo de proporção, média, mediana, mínimo e máximo das proporções de uso de morfologia verbal em contexto obrigatório foi feito por grupo. Os resultados podem ser vistos nas TAB. 8 e 9:

TABELA 8  
Mediana, mínimo e máximo para os teste de eliciação de presente e passado no grupo I.

	<b>Presente lexical</b>	<b>Passado lexical</b>
<b>Mediana</b>	0,16	0,75
<b>Mínimo</b>	0,00	0,25
<b>Máximo</b>	0,86	0,92

TABELA 9  
Mediana, mínimo e máximo para os teste de eliciação de presente e passado no grupo II.

	<b>Presente lexical</b>	<b>Passado lexical</b>
<b>Mediana</b>	0,49	0,96
<b>Mínimo</b>	0,23	0,44
<b>Máximo</b>	0,84	1,00

Os resultados das TAB. 8 e 9 também revelam que as medianas foram diferentes para os grupos, havendo menor proporção de uso no grupo I para as duas variáveis analisadas. Os resultados da produção oral e das tarefas eliciadas mostram que houve diferenças na proporção de uso de morfologia de flexão verbal entre os grupos. No entanto, para estabelecer diferenças significativas entre o comportamento dos grupos, é necessário uma análise estatística destes dados. Passamos agora para a descrição e análise dos resultados dos testes estatísticos realizados.

Para verificar se havia diferenças no comportamento dos informantes do grupo I e grupo II, em relação a cada uma das variáveis (uso de presente *to be*, passado *to be*, presente lexical, e passado lexical), e ainda, se havia diferença no comportamento dos aprendizes em relação ao tratamento (produção espontânea e teste de eliciação), uma análise estatística foi conduzida. Dois testes estatísticos foram utilizados – teste de *Mann-Whitney* e teste de *Wilcoxon*. O teste

de *Mann-Withney*, que é o equivalente ao teste paramétrico t, testa se duas amostras independentes são derivadas da mesma população. O teste de *Wilcoxon* avalia se duas amostras relacionadas possuem a mesma distribuição<sup>51</sup>.

Com o objetivo de identificar se as amostras são derivadas de uma população ou de populações distintas, o teste de *Mann-Whitney* foi utilizado, testando cada variável em relação aos grupos. Os resultados são apresentados na TAB. 10. Como podemos ver pela análise dos p-valores da TAB. 10<sup>52</sup>, nenhuma das variáveis apresentou comportamento distinto em relação ao grupo. Dessa forma, não há razão para rejeitar a hipótese de que as duas amostras vêm de populações com comportamentos distintos. Em outras palavras, o grupo não é fator de influência nas variáveis, uma vez que os todos os p-valores estiveram acima de 0,05, não sendo considerados significativos. Isto significa que não houve diferenças significativas no uso de morfologia de flexão verbal entre os grupos.

TABELA 10  
Testes de Mann-Whitney para avaliar as amostras do grupo I e grupo II.

	Produção espontânea				Produção eliciada	
	<i>To be</i> presente	<i>To be</i> passado	Presente lexical	Passado lexical	Presente lexical	Passado lexical
Mann-Whitney	7,00	5,00	1,00	4,00	4,00	3,00
Wicoxon W	17,00	15,00	11,00	14,00	14,00	13,00
Z	-3,08	-,99	-2,03	-1,15	-1,15	-1,44
P-valor	0,886	0,486	0,057	0,34	0,34	0,20

Com o objetivo de avaliar se os informantes apresentaram respostas distintas como consequência do tipo de tarefa utilizada, o teste de *Wilcoxon* foi aplicado. A tabela 10 apresenta os resultados do teste de *Wilcoxon*, para verificar se o tipo de tratamento influenciou o uso de presente e passado lexical. Mais uma vez, os p-valores da tabela mostram que não existe diferença significativa entre as duas variáveis quanto ao tipo de tratamento. Não houve necessidade de dividir as duas variáveis em relação ao Grupo, já que no teste anterior este não foi um fator de influência. Dessa forma, as amostras foram tratadas como derivadas da mesma população.

<sup>51</sup> Os testes de *Mann-Whitney* e de *Wilcoxon* são testes não-paramétricos utilizados para se comparar dois grupos. Optou-se pela aplicação de testes não paramétricos uma vez que os resultados não estão distribuídos normalmente. Geralmente, quanto maior a amostra, maior a chance de termos uma distribuição normal dos dados.

<sup>52</sup> Valores de  $p > 0,05$  indicam valores não significativos para os resultados dos testes estatísticos.

TABELA 11  
Testes estatísticos para avaliar o comportamento das variáveis  
presente e passado lexical quanto ao tipo de tratamento.

	<b>Presente lexical eliciação- presente lexical espontânea</b>	<b>Passado lexical eliciação- passado lexical espontânea</b>
Z	-1,82	-0,98
P-valor	0,07	0,38

Os resultados dos testes estatísticos mostram que os informantes dos grupos I e II não têm comportamento distinto em nenhuma das variáveis estudadas, como pode ser visto nos p-valores na TAB. 10 (todos os p-valores são maiores que 0,05). Da mesma forma, o tipo de tarefa parece não ter exercido influência no comportamento dos informantes, como evidenciado pelos p-valores na TAB. 11. Em outras palavras, os resultados dos testes de *Mann-Whitney* e *Wilcoxon* não mostraram significância estatística para os resultados apresentados. É importante salientar que o tamanho dos grupos (n=4 por grupo), considerado pequeno, pode ter influenciado os resultados dos testes. De fato, quando olhamos as proporções de uso de morfologia de flexão verbal por grupo para cada variável, podemos perceber que o grupo I apresenta menor proporção de uso de morfologia de flexão verbal quando comparado à proporção de uso do grupo II, em todas as variáveis, tanto na produção espontânea quanto na tarefa eliciada.

#### 4.1.1 – A produção eliciada

Na produção eliciada, buscou-se forçar o aprendiz a utilizar formas de presente e passado, com sujeito de 3sg (APÊNDICES A e B). De maneira geral, também pode ser verificada uma variabilidade no uso das formas de tempo/ concordância dos verbos, como visto em (63) a (66):

(63) [...] *and after that she **have** a breakfast, **go** out to the work. She **arrives** on the work and saw the persons when she **works** and after this she **read** a... I'm not sure.. the news for example [...]* (IF3 – teste presente)

(64) *He **kissed**...he **kiss** one kiss? No, he **kissed** the prince and suddenly and they and he **transform** to a toad. And all of them live happy forever.* (IF4 - teste passado)

(64) [...] *because the prince **arrived** at the castle but the princess **look** at him very angry and he **continue** to play with the animal and she **have** a idea [...]* (IF7- teste passado)

(65) *After she **wake** up, **take** a shower and **dress** up, she **takes** her breakfast, **take** her coat and **go** to the to her work.* (IF6- teste presente)

(66) *And so she **come** back to the radio and after her normal schedule of work, she **takes** Italian classes at the end of the afternoon.* (IF8 – teste presente)

Somente dois aprendizes (IF2 e IF3) produziram formas de passado em contexto de presente, como mostram os exemplos (67) e (68) :

(67) *In her work she reads the paper after has a lunch with a man, after in this case Joanne **shopped** clothes did go Joanne goes shopping.* (IF2)

(68) *She arrives on the work and **saw** the persons [...]* (IF3)

Dos oito informantes, seis produziram formas de 3sg do presente, marcadas com –s, na tarefa de eliciação de passado:

(69) *I think there is a history for the princess who **likes** very much animals and your parents imagine she went a prince [...]* (IF1)

(70) *The prince think during the marriage she **kisses** the princess and on the moment tchan [...]* (IF3)

(71) *There was a princess who **lives** in a beautiful castle, the princess loved animals [...]* (IF4)

(72) *There was a princess, she **loves** animals and all the time she was together them [...]* (IF5)

(73) [...] *and when the prince came to saw the princess – but I think he **likes** animals too [...]* (IF7)

(74) *Her parent invited and asked for her hand and he **has** the intention to get married with her [...]* (IF8)

Esta marcação de presente com –s 3sg parece indicar que os aprendizes utilizam o presente, apesar do uso esporádico, em contexto de passado. Este uso pode indicar que há a escolha de uma forma padrão ou *default*, na gramática destes aprendizes, que aparece quando percebem a necessidade de marcar tempo/ concordância. Como há homofonia entre a forma de infinitivo e as demais formas flexionadas (com exceção da 3sg) no presente, é difícil

estabelecer se os aprendizes utilizam formas verdadeiramente finitas ou formas de presente como *default*. No entanto, conclusões em relação a escolha de uma forma padrão não podem ser tiradas pela própria homofonia e escassez de dados. Possivelmente, os dados de uso do verbo *to be*, por ter formas diferenciadas de presente e infinitivo, podem ajudar a iluminar esta questão.

É interessante notar que, apesar da dificuldade em determinar o quê o aprendiz estabeleceu como contexto de presente ou passado, falhas em produzir formas de presente e passado ocorreram, uma vez que a determinação prévia de se contar a história de um personagem fictício em terceira pessoa forçou o uso de formas onde o –s 3sg e formas de passado seriam necessários. Em outras palavras, independentemente se o aprendiz falhou em produzir formas de passado ou presente, a variabilidade no uso da forma esteve presente.

#### 4.1.2- Produção do verbo *to be*

Passamos agora para uma análise mais detalhada da produção do verbo *to be* como cópula e como auxiliar. Uma visão geral do uso do verbo *to be* por informante é apresentada na TAB. 12<sup>53</sup> :

TABELA 12

Uso *to be* como cópula e auxiliar por informante (uso/total) na produção espontânea.

Informantes	Presente			Passado		
	Auxiliar	Cópula		Auxiliar	Cópula	
		Tempo	Concordância		Tempo	Concordância
IF1 (I)	1/2	31/31	31/31	1/1	21/25	25/25
IF2 (I)	-	19/19	18/19	-	2/2	2/2
IF3 (I)	4/9	57/57	57/57	-	11/17	17/17
IF4 (II)	4/6	30/30	30/30	3/3	20/22	22/22
IF5 (II)	4/5	32/32	32/32	-	14/14	13/14
IF6 (II)	-	38/38	37/38	14/14	27/27	27/27
IF7 (I)	1/1	30/30	30/30	-	14/15	15/15
IF8 (II)	6/6	47/47	47/47	7/7	15/15	15/15

<sup>53</sup> Os desvios em relação ao verbo *to be* como cópula foram separados em desvio de marcação de tempo (uma forma de presente em contexto de presente, por exemplo) e desvio de concordância (uma forma de terceira pessoa em contexto de segunda, por exemplo).

No passado, os desvios de tempo correspondem a formas de presente do verbo *to be* em contextos de passado, como em quando IF1 conta sobre um incêndio ocorrido em seu local de trabalho: *We work in another floor and we didn't have way to go. **The problem is in this area.*** No presente e passado, os desvios de *to be* como auxiliar correspondem ao não-uso da forma *to be* auxiliar e uso da forma lexical com *-ing*, como em: *I remember when, **I doing the start the equipment in Belvedere (IF3).*** Os desvios de concordância se devem a desvios no número verbal e não na marcação de tempo.

A produção espontânea revelou um uso consistente e adequado do verbo *to be* como cópula em contexto de presente<sup>54</sup>. Houve dois casos onde a concordância se deu de forma inadequada, visto em (75) e (76):

(75) *The black mans is very ( ). (IF2)*

(76) *Sometimes I have difficult but listening music, films is easy now. (IF6)*

No passado, houve um único caso de desvio na concordância sujeito-verbo:

(77) *I heard sometime that these fairy tales was also made for adults(...). (IF5)*

Em algumas instâncias, houve omissão do verbo *to be* como auxiliar no presente progressivo, como mostram os exemplos a seguir:

(78) *When **you building** the datacenter, you pass the cabling and you protect this cabling. (IF1)*

(79) ***I living** there, on the new flat. (IF3)*

(80) *I remember when, **I doing** the start the equipment in Belvedere. (IF3)*

(81) *Because I'm not sure my ( ) brother **coming** here this week. (IF3)*

Não houve, no entanto, omissão de auxiliar no passado progressivo, evidenciado pelos exemplos abaixo:

(82) *Because he finish his PhD, he **was looking** for a post-doc. (IF6)*

---

<sup>54</sup> Entretanto, a concordância na construção *there be* existencial foi problemática, conforme veremos na seção 4.3.

(83) *So my brother went to São Carlos and **was living** there and entered directly in the Doc. (IF6)*

(84) *I **was living** with some friends, I had a good experience about living with another person. (IF4)*

(85) *I suppose that she live here about 15 year because before they **were living** in Abaeté. (IF4)*

(86) *(...) the volunteers that **were taking** the vaccine [...] (IF8).*

Em relação à marcação de tempo, formas de presente foram produzidas em contextos de passado, mas não houve a produção de formas de passado do verbo *to be* em contextos de presente. Os exemplos a seguir ilustram as formas de presente em contextos de passado:

(87) *We work in another floor and we didn't have way to go. The problem **is** in this area and the problem **is** in the floor when you put the rubber to protect to fire and the rubber is black and when the problem having, the fire was in the rubber and the smoke **is** black and all this area in the reception **is** black with smoke and you didn't.. (IF1)*

(88) *After that I went to radio BBC. I search on google, to learn English and he send me to BBC learning and there, my first idea **is** search a radio in English, all right, and my idea **is** just listen the English. (IF3)*

(89) *It's a homework, I don't remember very well. I remember it's about... I study in catholic school... it's a 'judge' (Jew) history, right? It was a sister who was my professor, I remember now, probably about religion. (IF4)*

Entretanto, para verbos lexicais, em duas instâncias, uma forma de passado foi produzida em contexto de presente pelo mesmo aprendiz:

(90) *No sorry, the tomography is less, is more common to do a tomography but just different. On tomography **you saw hard** parts and on magnetic resonance you see the soft parts. (IF3)*

(91) *Sometimes, the tomography is better than resonance. Because the resonance is more expensive...on tomography you need x-rays, all right, and resonance there's another physical and **you saw different** things. (IF3)*

É possível que os aprendizes tenham a forma de presente como *default*. O verbo *to be* possibilitaria verificar esta hipótese, já que possui formas distintas e não-homófonas, mas os dados ora aqui apresentados são insuficientes e no máximo podem indicar caminhos a serem investigados. O uso de formas *default* por aprendizes de L2 será discutido no capítulo 5.

#### 4.1.3- Uso de formas flexionadas em contextos não-finitos

Alguns aprendizes parecem ter supergeneralizado as formas flexionadas, empregando-as em contexto onde uma forma finita seria esperada<sup>55</sup>. Este fenômeno ocorreu nos dois grupos e perfaz um total de doze ocorrências no grupo I e quatro no grupo II. Houve também desvio em relação à marcação de concordância da 3sg, onde a marca de 3sg aparece em contexto de 3pl e contexto não-finito, como em *cats loves* e *like to plays*, mostrados abaixo. É interessante notar que várias das formas flexionadas em contextos não-finitos ocorreram com auxiliares (92) a (96):

(92) *I don't went to Valadares.* (IF3)

(93) *I didn't saw this.* (IF3)

(94) [...] *and I didn't told with her with him what will be the time and the songs* (IF3)

(95) *I put but I did not knew.* (IF6)

(96) *The second one I did not understood.* (IF6)

(97) *She lived with your parents in a beautiful castle and but her parents need one man, one princess to married with him with her.* (IF3)

(98) *she like very much animals and like to plays with animals and take care of them, and his father and his mother decided that he she's have to married with a prince.* (IF7)

(99) *Cats loves high places.* (IF4)

Nos casos onde houve uma forma finita em contexto não finito, como no caso dos auxiliares seguidos por formas flexionadas, parece que houve uma marcação dupla de passado. Em outras palavras, pode ser que os aprendizes não reconheçam os auxiliares como marcadores de tempo. É necessário, no entanto, investigação futura para que esta hipótese seja confirmada. Dentro de todo o corpus analisado, somente uma ocorrência de uso de morfologia de terceira pessoa em contexto que não de 3sg foi encontrada. Isto parece indicar que os aprendizes evitam a quebra dos traços, preferindo formas *defaults*.

---

<sup>55</sup> Os contextos não-finitos não foram calculados. Diferentemente do estudo de Prévost e White (2000), o objetivo aqui foi verificar a marcação de presente e passado, e não uso em contextos finitos e não-finitos.

## 4.2 – Propriedades sintáticas relacionadas

Nesta seção, analisaremos os fenômenos sintáticos relacionados à categoria funcional I, ou seja, uso da forma pronominal de marcação de caso nominativo, uso de sujeito explícito e posição verbal dentro do VP.

Os dados de produção mostraram que os aprendizes produziram sentenças com sujeito de maneira consistente, havendo alta proporção de uso nos dois grupos: 0,97 no grupo I e 0,99 no grupo II (TAB. 13).

TABELA 13  
Proporção de uso de sentenças com sujeito.

Grupos	Sujeito explícito		
	Total	Uso	Proporção
I	501	489	0,97
II	665	661	0,99

Alguns exemplos de forma não-alvo podem ser vistos a seguir:

(100) *And is late, because my hour is 9 and... he think is only the PDA, he know is necessary to go...And in this case is a 'phone move' and a PDA. ...because is necessary to have a computer.* (IF1)

(101) *Here counseling about conception, when the pregnancy don't desired...* (IF2)

(102) *...the tomography is less, is more common to do a tomography but just different.* (IF3)

(103) *So he said that sometimes was terrible to do this...* (IF6)

Em relação à marcação pronominal de caso nominativo, não houve uso de formas não-alvo. Entretanto, os informantes, ambos do grupo I, usaram formas pronominais nominativas onde deveriam ter utilizado uma forma pronominal acusativa e formas de adjetivo possessivo. É interessante notar em (104) que o próprio aprendiz suspeita que há algo errado, confirmando com uma pergunta:

(104) *The parent's desire she daughter... she daughter?* (IF1)

(105) *And my mother loved her and said: oh, it's very sad, **let she with me**, because she's not living alone.* (IF4)

(106) *I received one in the email very fun, there is a woman doing the... with the head in the floor and the feet ( ) but she's talking there and **she** T- shirt fall.* (IF7)

Lembrando que em inglês os verbos lexicais permanecem dentro do VP, isto é, não há alçamento verbal, evidenciado pela posição de negação e advérbios, o corpus foi examinado com o objetivo de verificar possíveis desvios. A análise do corpus revelou que no grupo I, alguns aprendizes têm dificuldade com o uso de advérbios que marcam tempo, (utilizando formas como *next* e verbos no passado, conforme exemplos a seguir). No entanto, o uso se deu de maneira adequada, não havendo casos onde o verbo era alçado para núcleo de I. O grupo II também mostrou ausência de alçamento verbal. O mesmo é válido para a negação nos dois grupos, onde a negação precedia o verbo lexical. Não houve também desvios em relação ao alçamento verbal obrigatório do verbo *to be*. Alguns exemplos de uso adequado são vistos a seguir:

(104) Uso adequado:  
*and you **never doing...do** anything in this area...* (IF1)

*I **never remember** the date of date of namoro. Because I **never know** the date of today, so if I I **always answer** 'what day is today?'* (IF7)

(105) Problemas com a referência temporal:  
*My friend Silvia **was pregnant now**.* (IF2)

***Next week** I was starting more study.* (IF2)

*I **forgot** told you in the **next week**, but I **forgot** to told on the **next Friday**.* (IF3)

A análise da instanciação das propriedades sintáticas relacionadas à categoria funcional I parece sugerir que os procedimentos de checagem de traços que ocorrem no componente sintático da gramática interlingual se dão de maneira adequada. Isto quer dizer que, possivelmente, o uso variável de morfologia verbal na interlingual destes aprendizes estaria relacionado à problemas na expressão da forma morfo-fonológica adequada, corroborando assim a HAFS.

### 4.3 – Outros fenômenos relacionados

Além das propriedades sintáticas relacionadas à categoria I, outras ocorrências relacionadas ao uso da forma verbal foram observadas em aprendizes dos grupos I e II. Em alguns casos, a marcação de plural não era feita no nome, apesar da intenção de plural expressa explicitamente na sentença, juntamente com uso não-alvo de concordância verbal, conforme os exemplos a seguir ilustram:

(106) *There's a doctor, there's a technician there, but **there is seven resonance** and about **six tomograph**, ultrasound...*(IF3)

(107) *There is **3 big clinic** on BH...* (IF3)

(108) [...] *and there is **two floor***. (IF1)

(109) *I think in this data center there is **five thousand cable***. (IF1)

(110) *In our case there is **a many many disk** in another hardware you call storage*. (IF1)

(111) *And then there is **many computer** in this rack because this*. (IF1)

(112) *In the other cities like Recife, Salvador, Fortaleza and São Paulo there is **a one hundred computer***. (IF1)

(113) *Like this: there is a rack and there is **two floor***. (IF1)

É interessante notar também que a concordância com o verbo *to be* foi marcada com forma de singular onde havia concordância com *there be* existencial<sup>56</sup>. Além de não marcarem o nome com o -s de plural, os aprendizes ainda deixaram de fazer a concordância mesmo quando o nome era marcado para plural, conforme exemplos abaixo:

(114) *And no just one, **there's many people***. (IF3)

(115) *There is **not problems**, because you have guarantee*. (IF1)

(116) *And here there is **many cables***. (IF1)

(117) *There is **a sixty centimeters***. (IF1)

<sup>56</sup> As instâncias *there+be* foram analisadas em relação a desvios na concordância mesmo quando *there* parecia não ser empregado em contexto existencial, como em *There is another in the building in the Afonso Pena, but there is small, only for mainframe*. (IF1)

(118) *There is just a little things on another flat.* (IF3)

(119) *There is a lot of professors of our faculty (...)* (IF8)

(120) *There's two types of studies(...)* (IF8)

A preferência pela forma de singular para fazer a concordância parece indicar que o singular é tido, pelo menos no caso destes aprendizes, como forma *default* para concordância onde há *there be* existencial. A sugestão de que a forma singular pode ser *default* é elaborada mais detalhadamente no capítulo 5. Este fenômeno não foi observado em casos onde o verbo *to be* estabelece a concordância com o sujeito da sentença, não havendo inadequação quanto à concordância pessoa/ número.

Podemos perceber que a grande maioria dos desvios em relação à marcação morfológica de presente e passado na produção dos aprendizes aqui investigados se deveu à ausência de produção dos morfemas marcadores de tempo e concordância no presente (-s 3sg) e marcação de tempo no passado (-ed e formas de suprimento). Além disso, outros fenômenos estiveram presentes, como o uso de formas finitas em contextos não-finitos, generalizações de uso da forma de 3sg em outros contextos, uso da forma de presente do *to be* em contextos de passado e desvios na concordância do verbo *to be* no presente e passado, além de uso da forma de singular para estabelecer concordância em construções *there be* existencial. Apesar de escassos e não analisados estatisticamente, estes fenômenos parecem mostrar que os aprendizes possuem certa dificuldade com as formas que marcam tempo e/ ou concordância nos verbos. É preciso salientar também que a dificuldade em determinar os contextos de passado e presente foi constante em toda a análise dos dados, havendo muitas vezes, a necessidade de se retirar a sentença da análise pela impossibilidade/ ambigüidade ao se determinar contextos de presente ou passado.

Em suma, os aprendizes parecem ter conhecimento dos fenômenos sintáticos relacionados à categoria sintática I. Entretanto, por alguma razão, têm problemas em produzir formas que marcam tempo/ concordância nos verbos em inglês. Um outro fenômeno esteve presente nos dados de produção dos aprendizes – a inserção de formas do verbo *to be* seguida por um verbo lexical não flexionado. Apesar de pouco freqüente, esta ocorrência parece indicar um possível efeito de transferência da língua materna. Uma análise destes dados é apresentada a seguir.

### 4.3.1 - *To be* e verbos lexicais

Formas flexionadas do verbo *to be* seguidas por um verbo lexical<sup>57</sup> apareceram na produção eliciada e espontânea de todos os aprendizes deste estudo, com exceção do IF6. É interessante notar que o uso das formas ‘intrusas’ de passado e do presente do verbo *to be* não mostrou problemas quanto à concordância:

(121) *The man was spank his wife. The woman went at my house, crying very much, saying that her husband want to kill her. (IF7)*

(122) *There was a princess that call ( ) Leticia and she like very much animals and like to plays with animals and take care of them, and his father and his mother decided that he she's have to married with a prince but she don't like (IF7)*

(123) *I don't remember on the north of Brazil, during the night he's turn on the radio on a USA station, and listen on English. (IF3)*

(124) *I remember when, I doing the start the equipment in belvedere my father is stay here, he work with me, all right?(IF3)*

(125) *I don't I didn't talk with my father and he stay there. I'm repair the my system, but I work with another person, from for example this case General Electric engineer from General Electric repair this resonance. (IF3)*

(126) *I think I'm going to Manhumirim, Muriaé, after that, Juiz de Fora. It's so far – Muriaé - Juiz de Fora but I'm not choose I'm not choose? (IF3)*

(127) *But I need... everyday I think: I need do anything (something)...if ... anything... (to give me pleasure), I don't know what this activities... I don't know is. I don't know yet, because I'm not find (I haven't found). I'm not trying. (IF3)*

(128) *About 7.30 she's wake up and after that (...) about 7.30 she wake up, after that she get up... (IF3)*

(129) *And after this he stops, make her dinner ( ) prepare and eat the dinner ( ) wash the dinner and go out with her dog and come back to your home, walking with your dog and watch tv and after this he's she study or read a book. (IF3)*

(130) *I will..my desire is this week, to travel in this week, and I think if the problem in the airport continue, the reason for I stay here is not happen. (IF1)*

---

<sup>57</sup> Estas formas não ocorreram em contexto progressivo, indicando que não houve falha na produção do morfema *-ing*, mas sim uma inserção de forma flexionada do verbo *to be*, seguida por verbo lexical não-flexionado.

(131) *When the prince arrive in the castle..prince arrive in the castle her parents is very happy and they imagine **the daughter is like the prince**.. the daughter would like the prince. (IF1)*

(132) *And because this, she's very happy because **she's love**.. love or she like she like very much animals. (IF1)*

(133) ***His son is work** with him [...] **he's work hard** [...] **he is help** in the shop (IF1)*

Os exemplos abaixo são de interpretação ambígua; no primeiro, a idéia parece ser de progressivo, enquanto que nos outros a idéia é de futuro. No entanto, estas instâncias parecem indicar que o *to be* foi inserido para marcar alguma coisa:

(134) *A man is **don't walking** (IF1)*

(135) *The noise didn't ( ) the first time, the second time, 'oh, today the noise is present, **I'm show you**, let's go with me' (IF6)*

(136) *But I certainly, I and my **husband are cry** (will cry) (IF2)*

Da mesma forma, há ambigüidade nos próximos dois exemplos, que parecem indicar uma passiva (no primeiro caso, já que a paciente Júlia teve seus óvulos coletados) ou até uma forma progressiva no segundo exemplo:

(137) *Today a patient of Geraldo, Júlia **was collected** the eggs...38 eggs. (IF2)*

(138) *And so her father, the king, asked everyone to search for a husband for her and so he invited all of them to tell throughout the kingdom and out of the kingdom, abroad, **that he was intended** to get her married with a man that could convince her not to spend too much time with the animals. (IF8)*

No exemplo seguinte, a auto-correção mostra a intenção do aprendiz:

(139) *In the first one, **she was shared** with another girl. In the second place **she was shared**... she shared with another four girls and in the third place with a friend. (IF4)*

A idéia de que a inserção de formas *to be* juntamente com o uso de forma não-flexionadas de verbos lexicais seria um efeito de transferência de língua materna se baseia no trabalho de García-Mayo et al (2005), que adota a proposta de pronomes fracos e fortes de Kato (1999). Vejamos como essa idéia se desenvolve a seguir.

García Mayo et al (2005) propõem uma explicação para um fenômeno sintático presente na interlíngua do inglês de crianças falantes de basco/ espanhol, também observado em crianças falantes de russo (Ionin e Wexler, 2002). Os aprendizes inserem (i) formas do verbo *to be* em posição anterior ao verbo lexical e (ii) pronomes pessoais, que redobram o DP sujeito, ocorrendo antes do verbo lexical, como visto nas sentenças abaixo (García Mayo et al, 2005: 447):

(140) *The kid is open the door*

(141) *The little boy is want the frog*

(142) *The wolf he opened the door*

(143) *The father and the woman they love.*

Alguns pesquisadores assumem que as categorias funcionais foram transferidas da L1, mas as suas instanciações específicas não são produzidas. Assim, *is/ are* figurariam em IP para compensar tal déficit (cf. Ionin e Wexler, 2002; Fleta, 1999). É justamente a noção de transferência de uma categoria funcional da L1 que as autoras lançam mão para tentar explicar o fenômeno, tomando como ponto de partida a proposta de Kato (1999).

Kato (1999) apresenta uma reanálise, em termos minimalistas, da noção de pronomes fracos e fortes. Para García Mayo et al, a reanálise de Kato fornece uma explicação apropriada acerca das categorias e estruturas que os aprendizes encontram quando recebem o insumo da L2. De fato, as línguas inglesa e espanhola apresentam diferenças em relação ao valor sintático dos seus pronomes e em relação à flexão verbal; são estas diferenças que subjazem a proposta de García Mayo et al.

Inicialmente, Kato diferenciou entre pronomes fracos e fortes. O inventário universal de pronomes fracos é constituído por (i) pronomes fracos livres (como no inglês), (ii) pronomes clíticos (como no francês) e (iii) afixos pronominais de concordância (como no espanhol e basco, igualmente no português). As línguas canonicamente privilegiariam somente um tipo de pronome fraco. Já os pronomes fortes, de natureza dêitica, existem em todas as línguas. A distribuição de pronomes fracos e fortes é mostrada nos QUADROS 3 e 4:

QUADRO 3  
Pronomes fracos

Línguas	Pronomes fracos	
Inglês	Livre	<i>I, you, he, she, it, we, they</i>
Francês	Clítico	<i>Je, tu, il, elle, nous, vous, ils, elles</i>
Espanhol	Morfemas de concordância	<i>-o, -s, Ø-, -mos, is, -n</i>
Basco	Morfemas de concordância	<i>-t, zu, -Ø, gu, zue, te</i>

Fonte: García Mayo et al, (2005: 450)

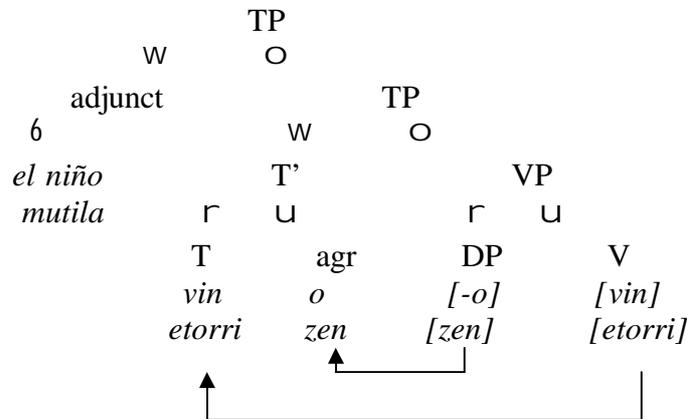
QUADRO 4  
Pronomes fortes

Línguas	Pronomes fortes	Caso <i>default</i>
Inglês	<i>Me, you, him, her, it, us, them</i>	Acusativo
Francês	<i>Moi, toi, lui, elle, nous, vous, eux, elles</i>	Dativo
Espanhol	<i>Yo, tú, él, nosotros, vosotros, ellos</i>	Nominativo
Basco	<i>Ni(k), zu(k), hura, gu(k), zue(k), haiek, horiek</i>	Nominativo/ ergativo

Fonte: García Mayo et al, (2005: 450)

Então, baseando-se nesta análise, os morfemas de concordância do espanhol/ basco são equivalentes aos pronomes fracos do inglês. A única diferença entre eles estaria no fato de que os pronomes fracos podem aparecer independentemente de outro elemento, enquanto que os morfemas de concordância devem aparecer adjungidos aos verbos. Como consequência, a posição estrutural destes pronomes é distinta (García Mayo et al, 2005: 451):

(144) Espanhol: *El niño vino*  
Basco: *mutila etorri zen*

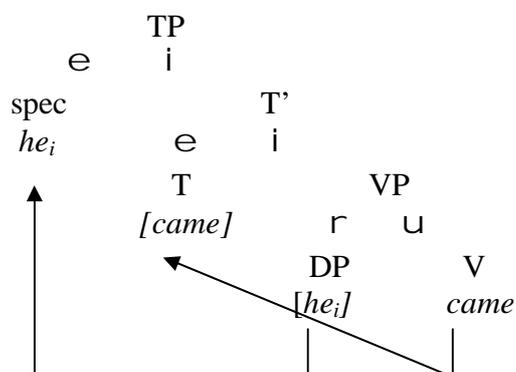


No espanhol, TP não precisa projetar um especificador porque o morfema de concordância é atraído até T e adjungido a ele. T tem então seu traço de Caso e traços phi eliminados após a

checagem. Entretanto, os traços phi do morfema de concordância ficam retidos. A cadeia de concordância é então interpretada na LF como sujeito da sentença. Agr pode então ser reconstruído em LF como o núcleo do argumento externo do verbo.

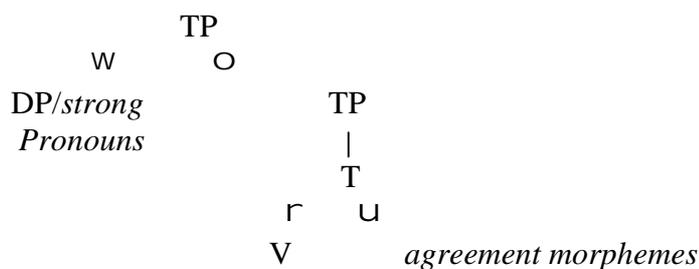
Na língua inglesa, o movimento do verbo lexical é retardado até LF porque o verbo não possui traços fortes que o façam ser alçado à T. O pronome fraco é alçado à posição de especificador de T para checar seus traços nominais, traços de caso e phi. A posição de spec de T é então projetada para acomodar o pronome (García Mayo et al, 2005: 452):

(145) Inglês: *he came*



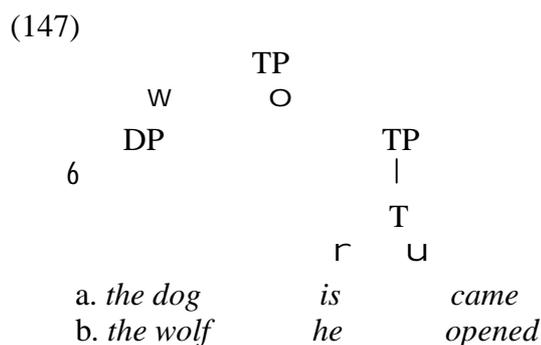
Ao assumir a proposta de Kato e o papel da L1 na aprendizagem de L2, as autoras prevêem que os aprendizes irão transferir as características dos morfemas de concordância da sua L1 e o fato de que estes morfemas são adjungidos aos verbos. Além disso, a posição de spec não será projetada, já que em sua L1, tempo não tem traços D fortes. Logo, na interlíngua destes aprendizes, configurariam tanto pronomes fortes ou DPs em posição adjungida à TP:

(146)



Três grupos de crianças (58 no total) falantes de espanhol/ basco, aprendizes de inglês como L2 em contexto instrucional, divididas de acordo com sua idade e tempo de exposição à L2

foram investigadas. A cada criança foi pedido que recontasse duas histórias; os dados foram gravados e posteriormente transcritos. Os resultados apontam para um uso de *is* e *he* como marcadores de posição, que decresce com um maior tempo de instrução em L2. De fato, os dados mostram que não haveria projeção de um spec em TP, e os itens *is* e *he* atuariam como morfemas de concordância. Desta forma, a estrutura interlingual poderia ser representada da seguinte maneira:



Conforme hipotetizado pelas autoras, os aprendizes transferiram as características dos morfemas de concordância da sua L1 para a posição adjungida ao verbo. Eles utilizam itens lexicais provenientes do insumo da L2, que funcionam como substitutos para os morfemas de concordância. As autoras enfatizam ainda que os aprendizes dos três grupos procuram por ‘*fillers*’ que funcionariam como os morfemas de concordância da sua L1. Os resultados de García Mayo et al convergem com os achados de outros autores, que apontam para o fato de que o paradigma *be* é adquirido nos estágios iniciais e é a forma mais frequentemente utilizada pelos aprendizes (cf. Zobl e Liceras, 1994, Haznedar, 2001). Além disso, as sentenças com verbos lexicais no presente não apresentaram flexão. Esta ausência de flexão é mais uma evidência de que a forma *is* funcionaria como morfema de concordância.

Dentro do quadro teórico assumido, as crianças nos dois níveis iniciais de proficiência parecem não estar sensíveis à flexão do inglês enquanto fazem uso dos marcadores de posição *is* e *he*. Por conseguinte, somente quando reanalisam os pronomes do inglês como elementos livres, um novo elemento (*-s*, *-ed*) figura adjungido ao verbo. Isto quer dizer que a análise equivocada dos pronomes do inglês, resultante da transferência das propriedades dos morfemas de concordância da L1, atrasa a aquisição das formas flexionais do inglês, interpretadas como desnecessárias porquanto os pronomes ocupam a sua posição estrutural.

Esta análise pode ser igualmente estendida aos fenômenos aqui descritos para aprendizes de inglês falantes de português brasileiro. Assim como o espanhol, o português brasileiro é uma língua que tem como pronomes fracos os morfemas de concordância (cf. Kato, 1999). Dessa maneira, podemos pensar que as formas de *Be* que acompanham os verbos lexicais sem flexão são o resultado da transferência da estrutura do TP e dos morfemas de concordância da L1 para o TP interlingual. De fato, este fenômeno foi mais prevalente em aprendizes que se encontram em um nível mais inicial de aprendizagem. À medida que estabelecem, seja por meio do insumo do L2 ou por meio da instrução, que a língua inglesa tem por pronome fraco os pronomes pessoais, os aprendizes deixam de introduzir a forma *Be* antes do verbo lexical. É interessante notar que a concordância da forma *Be* é realizada de forma adequada, ou seja, os aprendizes combinam os traços de verbo e pronome, não havendo quebra de traços.

Analisaremos agora o resultado do teste de julgamento de gramaticalidade, para investigarmos se os aprendizes possuem conhecimento explícito acerca do uso de morfologia de flexão verbal na língua inglesa (APÊNDICE C).

#### **4.4 – Teste de gramaticalidade**

Imediatamente após o término do teste de gramaticalidade, era pedido aos aprendizes que explicassem o motivo pelos quais haviam feito as suas escolhas. Esta parte foi gravada e posteriormente transcrita, com exceção da IF1<sup>58</sup>, onde a professora pesquisadora tomou nota dos seus comentários. A escolha para o comentário das questões foi feita pela professora-pesquisadora. Após um exame rápido das respostas, buscou-se verificar quais receberam escores de mesmo valor, quais receberam zero e em quais questões os aprendizes tiveram dificuldade. Por este motivo, nem todas as questões que foram julgadas de maneira diferente da esperada foram comentadas pelos IFs.

Os comentários serão apresentados individualmente e uma análise por grupo será feita logo em seguida. A análise tem por objetivo mostrar que apesar de julgado de forma inadequada, ainda assim os aprendizes demonstram conhecimento explícito sobre o uso de morfologia

---

<sup>58</sup> O gravador estava com a bateria descarregada.

verbal. Além disso, para os julgamentos adequados, alguns dos comentários serão igualmente incluídos com o mesmo objetivo. Para melhor visualização, as questões que investigam o conhecimento do uso de morfologia de flexão verbal e propriedades relacionadas serão mostradas aqui, indicando-se com um asterisco (\*) o item considerado agramatical:

(148) Grupos de sentenças do teste de gramaticalidade:

Passado regular

- 1) *\*Man land on the moon in 1969.*  
*Man landed on the moon in 1969.*
- 18) *\*Robert phone the police three times yesterday.*  
*Robert phoned the police three times yesterday.*
- 26) *Mary washed her clothes yesterday.*  
*\*Mary wash her clothes yesterday.*

Passado irregular

- 5) *Ten years ago Jackie bought a house.*  
*\*Ten years ago Jackie buys a house.*
- 9) *I went on a fishing trip last summer.*  
*\*I go on a fishing trip last summer.*
- 12) *\*Sarah has a headache yesterday morning.*  
*Sarah had a headache yesterday morning.*

Marcação dupla de passado

- 2) *The singer took his girlfriend to the concert last night.*  
*\*The singer tooked his girlfriend to the concert last night.*

Concordância cópula

- 13) *The two dogs were brown.*  
*\*The two dogs was brown.*
- 16) *\*David are in his thirties.*  
*David is in his thirties.*
- 21) *\*I were in London last weekend.*  
*I was in London last weekend.*

## Concórdancia presente 3sg

- 7) *\*He love getting up at 10 o'clock at the weekends.*  
*He loves getting up at 10 o'clock at the weekends.*
- 20) *My uncle eats breakfast every morning*  
*\*My uncle eat breakfast every morning.*
- 24) *\*Mary's dog usually play with her in the mornings.*  
*Mary's dog usually plays with her in the mornings.*

## Presente progressivo

- 6) *\*The gardener plant some rose trees in our backyard.*  
*The gardener is planting some rose trees in our backyard.*
- 28) *Mary can't watch TV because she is studying now.*  
*\*Mary can't watch TV because she studies now.*

## Marcação de caso nominativo

- 8) *Jeff is an excellent student; he will be a famous scientist one day.*  
*\*Jeff is an excellent student; him will be a famous scientist one day.*
- 17) *When I don't have time to prepare dinner, my husband buys something for us.*  
*\*When I don't have time to prepare dinner, my husband buys something for we.*
- 25) *Mario invited his Chinese friends to spend some time in Italy; now Mario is waiting for them at the airport.*  
*\*Mario invited his Chinese friends to spend some time in Italy; now Mario is waiting for they at the airport.*

## Sujeito explícito

- 15) *\*Was crying the baby because he was hungry.*  
*The baby was crying because he was hungry.*
- 29) *\*Was a picture of 'Mona Lisa' on the wall in the house I lived.*  
*There was a picture of 'Mona Lisa' on the wall in the house I lived.*

Uma visão geral das médias das respostas dos aprendizes é apresentada por grupos de sentenças, assim codificados no gráfico 1:

- 1- concordância cópula
- 3- concordância presente 3sg
- 5- marcação dupla de passado
- 7- distratores
- 9- marcação de caso nominativo

- 11- passado irregular
- 13- presente progressivo
- 15- passado regular
- 17- sujeito explícito
- 19- verbo no VP

O eixo dos escores positivos corresponde às respostas dadas às sentenças gramaticais e o eixo de escores negativos corresponde às respostas dadas às sentenças agramaticais. Por exemplo, para o grupo de questões número 1 (concordância cópula), a coluna no eixo de escores positivos se refere à média das respostas dadas aos itens gramaticais, enquanto que a coluna no eixo de escores negativos, que se encontra à direita do número 1, corresponde à média das respostas dadas aos itens agramaticais. Podemos perceber que, de maneira geral, a média das respostas está condizente com a resposta esperada, com exceção dos grupos 5 (marcação dupla de passado), cuja média para as sentenças gramaticais do grupo II foi zero e grupo 7 (distratores), cuja média de respostas gramaticais também foi zero para o grupo I. Possivelmente tivemos média zero devido ao baixo número de indivíduos por grupo.

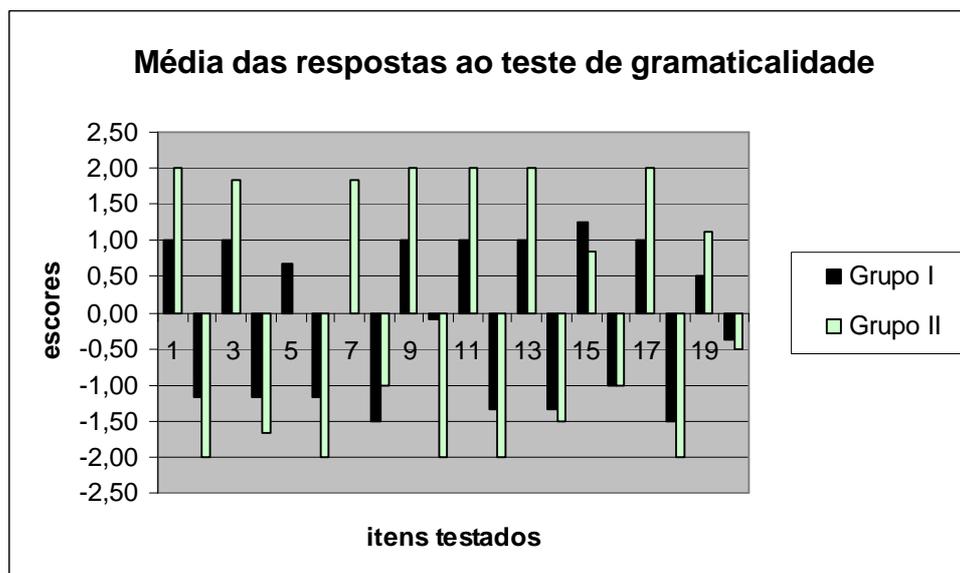


GRÁFICO 1 - Média dos escores nos grupos I e II por grupo de sentenças.

É possível perceber também uma tendência do grupo II em atribuir escores mais elevados para as sentenças julgadas por eles. As sentenças do grupo 19 (verbo no VP), tiveram os escores mais baixos, tanto para os itens gramaticais quanto para os agramaticais. Este grupo de sentenças será discutido no final desta seção.

Iniciaremos com a análise individual dos aprendizes do grupo I, seguida pela análise individual dos aprendizes do grupo II, apresentando finalmente a análise por grupo.

O IF1 demonstrou conhecimento dos contextos de uso de morfologia flexional verbal do inglês e das propriedades relacionadas<sup>59</sup> (marcação pronominal de caso nominativo e sujeito explícito). As questões que avaliaram estes aspectos (1, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29) foram corretamente julgadas pelo aprendiz. O aprendiz justificou o não uso dos escores 2 e -2 dizendo “nunca tenho certeza quando está totalmente certo ou errado”. Para a questão 9, ele afirmou que *go* é presente e *last* é passado, por isso a agramaticalidade da segunda alternativa. Com relação à marcação da 3sg, nas questões 20 e 24, ele disse que o primeiro item da questão 20 “está certo porque é terceira pessoa” e o segundo item da 24 igualmente certo porque “cachorro também é terceira pessoa”. Com relação à concordância do verbo *to be*, na questão 9 o informante justifica sua escolha dizendo que a segunda está no plural, indicando que a forma verbal também tem que estar no plural.

O IF2 também revelou conhecer os contextos de uso da morfologia flexional do inglês. Na questão 7, no entanto, rejeitou as duas formas. A sua justificativa está relacionada ao verbo *get up* e não à forma de terceira pessoa: “aqui (primeiro item) está no gerúndio, deveria ser *get up*. E está totalmente agramatical também porque o *love* também está no presente e deveria ter o *-s*. A segunda tem o *-s*, mas continua no gerúndio”. Isto indica que a rejeição ao item gramatical não é resultante de desconhecimento da forma. O informante ainda explicitamente demonstra conhecimento ao justificar sua escolha para a questão 20: “Aqui eu atribui 2 porque é presente, terceira pessoa foi usada o *-s*, da forma correta e o -1 porque a frase tem a mesma construção e faltou o *-s*”. O mesmo ocorreu para a marcação de passado, com relação à questão 1: “Se fosse no presente deveria ter o *-s* e se fosse no passado, o *-ed*, a forma do passado”.

Ainda em relação a presença de sujeitos explícitos na questão 15, o informante afirma: “É o mesmo caso da 29. Pelo que eu sei, em inglês a forma direta: sujeito, verbo e predicado/objeto; faltou o sujeito. A outra está correta porque *the baby* é o sujeito”. Ao ser indagado porque em poucas vezes não considerou as questões totalmente gramaticais, o aprendiz se justifica: “O problema é meu. Eu acho que pelo meu nível de inglês, para eu julgar uma coisa

---

<sup>59</sup> Os dados relativos à permanência de V no VP (questões 4, 11, 22, 30), testado por meio da posição de advérbios e negação serão apresentados quando os resultados para os grupos forem discutidos, uma vez que neste aspecto, as respostas de todos os informantes foram semelhantes.

totalmente correta é insuficiente. Eu tenho assim, é construção que eu uso, é o que eu sei, mais ainda...”

O IF3 também afirmou não ter segurança para julgar as sentenças:<sup>60</sup> “Pode ver que a maioria -1 e +1, [...] eu não tive tanta segurança não”. O conhecimento do uso do passado pode ser visto nas seguintes afirmações, referentes à questão 1: “Essa aí, *man land on the moon in 1969*, [...]. Ele já chegou, foi e voltou, então eu entendi como foi só passado, ele foi e voltou e acabou. Então eu entendi que a segunda é muito mais certa do que a primeira. É totalmente passado, ó: [...] – foi e voltou, no passado, e num tempo finito que já aconteceu no passado”. A explicação da questão 5 reforça o conhecimento da forma de passado: “*Ten years ago Jack buys a house?* Não, ele comprou uma *house*, *bought a house*, tá no passado”.

Em relação à concordância do verbo *to be*, o aprendiz assim explica sua escolha na questão 13 “*the two dogs were brown*, se são dois é *were*. Tá certo aqui”. Para o uso do presente progressivo, o aprendiz explica que “é uma ação que ela está fazendo agora então tem que ter o *-ing*”. IF3 também mostra que prefere a sentença com sujeito na questão 15 e ainda explica a escolha do tempo verbal: “não bateu nada aqui: *was crying the baby*... a segunda soa muito melhor [...]. Uma ação passada que continuou até agora ou que terminou né? Pode ter terminado sim... [...] É, foi terminado sim [...]”. Ao ser perguntado porque marcou -1 para a forma gramatical da questão 24, o aprendiz explicou que não conseguiu determinar quem é o sujeito da sentença, diferentemente da questão 7, onde “*he* é terceira pessoa e ganha o *-s*”.

O IF7 rejeitou as formas gramatical e agramatical da questão 7 por não ter entendido a sentença: “eu achei que está tudo errado. Porque eu não entendi que *loves* é esse. Tipo gostar dele acorda?” Ao ser informado que o sentido é ‘ele adora acordar cedo’, o informante percebe que entendeu errado: Ah tá, olha só que bobagem. Não, eu pensei que tudo isso daqui (*he loves*) fosse ser o sujeito”. O aprendiz também rejeita a marcação inadequada do caso nominativo: “mas essa aqui está totalmente errada, não tá? Porque *him* aqui ele não pode estar porque está no lugar de sujeito”.

---

<sup>60</sup> O IF4, do grupo II, também afirma não saber o bastante para julgar: “*I don’t know too much to know how wrong it is. It’s wrong, but I don’t know how much*”.

Passamos agora para as análises individuais do grupo II, iniciando com o IF4. Este informante fez os comentários na língua inglesa, apesar de ter sido avisado que poderia fazer os comentários em português. O aprendiz explicitamente mostra ter conhecimento da regra de uso da terceira pessoa do presente e marcação regular de passado ao comentar as questões 20: “*because my uncle eat... The difference is the verb eat and eats. I suppose that the present has to use the –s in the verb, and the second one isn’t*” e 26: “*Because yesterday you have to use the past tense and wash isn’t in the past tense*”.

O IF5 inicia seu comentário falando sobre as regularidades que percebeu no teste, e indica possuir conhecimento da morfologia de passado: “às vezes ele está fazendo errado assim, o verbo tá no passado ou então ele está usando um advérbio e o verbo no tempo errado, o advérbio falando ‘ontem’ e a frase no presente e é ontem”. Da mesma forma, ao ser questionado sobre a questão 24, afirma que “*Mary’s dog plays, né, é ‘it’, it plays with her*”, indicando o uso de *–s* para a forma verbal de terceira pessoa do presente. De maneira semelhante aos aprendizes já descritos, IF5 rejeita a marcação inadequada de caso nominativo na questão 8 : “aqui (primeiro item) tá certo, ele é um estudante excelente; agora aqui *him* não é né? *him* não vai ser famoso um dia”.

Assim como IF5, IF6 também é capaz de formular explicitamente porque certos itens estão agramaticais e sua relação com a ausência de morfologia verbal: (questão 7) “Porque está faltando o *–s*”, (questão 24) “Porque está faltando o *–s* do *play*” e ainda para a questão 9: “essa aqui (primeira) eu fui numa viagem de pesca no verão passado, essa aí ta certinha. E aqui eu coloquei *go* com *last*, eu coloquei passado com presente, aí tá errado”.

IF8 justifica porque considerou a forma gramatical da questão 20 como agramatical: “Mas é certo falar *eats breakfast*? Achei estranho. *Have breakfast* é mais comum. *Have a lunch...* essa (a 20) é exatamente isso, o *–s*”. Isto quer dizer que o aprendiz considerou a colocação verbo/ nome como critério para julgar a agramaticalidade e não a ausência de flexão. Para a questão 7, a explicação para julgar a forma agramatical como 1 (gramatical) se baseou na forma: “Porque falta o *–s*”. Isto quer dizer que apesar de não atribuir um escore agramatical ao item, o considera ‘menos certo’ que o item gramatical. O conhecimento também é declarado explicitamente para o passado na questão 12: “aqui (primeira) tá no presente dizendo que ela teve uma dor de cabeça ontem, então está muito errado. E como ela teve a dor de cabeça ontem, um tempo definido, eu achei que aqui (segunda) é o *past tense*”.

De maneira curiosa, o resultado do teste de gramaticalidade mostrou que 6 dos 8 informantes não foram capazes de perceber a marcação de dupla de passado da questão 2:

(149) Marcação dupla de passado:

2) *The singer took his girlfriend to the concert last night.*

*\*The singer tooked his girlfriend to the concert last night.*

Para a forma grammatical, o IF3 explicou que “eu vou explicar o que é certo: *the singer tooked* – aqui eu fiquei meio assim – *his girlfriend to the concert last night*; foi na noite passada, já acabou também, passado. *Tooked* – passado; eu entendi assim”. Já IF4 considerou as duas formas verbais erradas: “*I suppose the verb tense is incorrect in both of them. Take took take*”. Ao ser informado que as formas verbais para o verbo *to take* são *take-took-taken*, ele explica: “*ah, all of them are in the past. The second is the wrong one. My mistake was that I suppose that it’s (the first) the present. Tooked is wrong for me, I don’t know why but it’s wrong*”. O aprendiz (IF6), um dos que percebeu a marcação dupla, assim explicou a agramaticalidade: “Porque o verbo já estava no passado”.

De maneira geral, os aprendizes do grupo I, apesar de marcarem de forma inadequada algumas das questões que investigavam o conhecimento de conhecimento de concordância do presente e marcação de passado, mostraram, através de seus comentários, que nem sempre a razão que os levou a aceitar formas agramaticais ou rejeitar formas gramaticais estava associada ao conhecimento da regra em si<sup>61</sup>. Os dados dos aprendizes do grupo II revelaram que possuem conhecimento sobre os contextos de uso do passado e presente da língua inglesa e das propriedades relacionadas à categoria I. Como veremos mais adiante, houve certa variação no julgamento das sentenças relativas ao posicionamento verbal nos dois grupos.

Em vários momentos, os aprendizes não lançaram mão do conhecimento explícito declarado para julgar as sentenças, recorrendo, ao invés, ao que soaria melhor. Por exemplo, o IF 3 diz: “Aqui na verdade soa estranho”; “poxa, não bate na minha orelha de jeito nenhum”; “a segunda soa muito melhor”. Por sua vez, IF5 comenta: “Muita coisa é som”; “acho que esse trem ficou ruim demais para o meu ouvido. Aí eu dei pau nela”; “Me dá um som melhor”, o mesmo para IF6: “porque *has not* eu achei esquisito”; IF4: “*We can feel it, feel what sounds better*” e IF8: “eu achei que essa construção está melhor, soa melhor para mim”. Estes

<sup>61</sup> De fato, somente o IF3 não explicou porque rejeitou a forma correta de passado irregular das questões 9 e 12.

comentários seriam indicações de que os aprendizes fazem uso das suas intuições sobre a língua ao julgar uma sentença, não recorrendo somente ao conhecimento explícito da regra. Além disso, parece que para a afixação morfológica, os aprendizes recorrem ao conhecimento da regra, como vimos nos comentários anteriores.

Outro fato que merece comentário é a marcação inadequada nos itens que avaliaram o conhecimento de que na língua inglesa o verbo permanece no VP, evidenciado pela posição de advérbios e negação:

(150) Verbo no VP:

4) *Brian has not visited the museum.*

*\*Brian has visited not the museum.*

11) *My teacher is usually late for class*

*\*My teacher usually is late for class.*

22) *\*John kisses often his wife.*

*John often kisses his wife.*

30) *The maid slowly cleaned the floor.*

*\*The maid cleaned slowly the floor.*

Todos os informantes consideraram, pelo menos em uma questão, os itens onde o verbo subia para o VP como gramaticais, com exceção da questão 4, que envolvia negação<sup>62</sup>. O IF 7, do grupo I, explica porque marcou zero nas questões 22 e 30: “Acho que os dois eu marquei (zero) nesse negócio de... como chama isso? Advérbio, por que eu não sei onde deve ser colocado, se é antes ou depois. [...] Porque quando eu li eu pensei assim: isso aqui parece que eu já ouvi, mas se está errado eu não sei”.

Os aprendizes do grupo II, apesar de recorrerem ao que ‘soa melhor’ na língua, conseguem mostrar maior definição em sua explicação para o julgamento dos itens agramaticais. O IF5 comenta o seu julgamento das questões 22 e 30: “então, não falou bonitinho [...] esse *kisses often his wife*. *Often kisses* acho que soa melhor para mim. O advérbio antes. [...] Mas é a mesma coisa aqui ó: *slowly cleans the floor* e *cleans slowly the floor* soa mais bonito. O advérbio na frente soa melhor né?”. IF6 explica a agramaticalidade do item da questão 4 dizendo que “O *not* está longe do verbo”. Também IF8 justifica sua escolha do mesmo

<sup>62</sup> Somente IF1 considerou ambos os itens agramaticais, isto é, rejeitou a forma correta.

modo: “eu achei que essa construção está melhor, soa melhor para mim: *my teacher usually is late for class*, soa melhor do que *is usually late for class*. Só isso”. Esta diferença entre os grupos parece sugerir que nos níveis mais iniciais, há uma certa variação na posição do verbo em relação ao VP, possivelmente por um efeito da L1, onde o alçamento verbal acontece. Em níveis intermediários, parece haver melhor definição de que o verbo lexical não sobe para I, tendo como consequência a posição anterior do advérbio em relação ao verbo.

No entanto, Wei e Schwartz (2005) argumentam que efeitos de transferência lingüística (no caso do estudo reportado por estes autores, a L1 chinesa permite a ordem SVAO, não permitida na L2 inglês) são insuficientes para explicar a ordem não-alvo dos falantes de inglês. É possível que o insumo em língua inglesa tenha contribuído para a ordem observada, como ilustra a sentença abaixo (Wei e Schwartz, 2005: 82):

(151)  
*(Stupidly,) they (stupidly) have (stupidly) been (stupidly) buying hog futures (stupidly).*

De fato, podemos ver que a única impossibilidade de posição de advérbios em inglês é entre o verbo temático e seu objeto. Entretanto, não podemos negar que possa ter havido um efeito de transferência no julgamento da posição de advérbios no teste de gramaticalidade, apesar de seu uso em produção espontânea não ter apresentado problemas. Pelo fato de haver escassez de dados, conclusões sobre efeitos de transferência ou sobre os efeitos do insumo não podem ser elaboradas.

#### 4.5 – Conclusão

Neste capítulo descrevemos os resultados provenientes da metodologia empregada para a análise dos dados orais espontâneos e eliciados, bem como apresentamos possíveis explicações para os resultados observados. De modo geral, pode-se perceber que os dois grupos apresentaram comportamento distinto (apesar de não estatisticamente significativo) em relação ao uso de morfologia de flexão verbal, tanto para o uso do tempo presente quanto para o uso do tempo passado nos verbos lexicais. Já o verbo *to be*, que apresentou maior proporção de uso alvo em relação aos lexicais, parece não ter tido variação em relação aos

grupos, apesar de não estatisticamente significativa. A análise do teste gramaticalidade revelou uma média mais alta dos escores para o grupo II quando comparado ao grupo I. Por questões de tempo e pelo fato de termos grupos pequenos de aprendizes, uma análise estatística não foi realizada para que fosse verificado se havia diferenças nos escores dos dois grupos estudados. É necessário salientar, mais uma vez, que o número reduzido de aprendizes por grupo ( $n=4$ ) pode ter influenciado os resultados da análise estatística. Dessa forma, seria necessário replicar este estudo com grupos com maior número de participantes, para que a significância dos resultados fosse adequadamente avaliada.

Apesar da variabilidade nas respostas ao teste de gramaticalidade, podemos dizer os aprendizes demonstraram conhecimento das regras de uso e formação da morfologia verbal de tempo na língua inglesa e propriedades sintáticas associadas. Entretanto, a análise da produção espontânea e eliciada revelou variabilidade na aplicação deste conhecimento. Estes fatos parecem apontar para uma dificuldade dos aprendizes em utilizar morfologia específica, em contextos onde o conhecimento precisa estar prontamente disponível. Uma possível explicação para esta discrepância será apresentada no capítulo 5.

## CAPÍTULO CINCO

### DISCUSSÃO

Tal como apresentado na introdução, a análise dos resultados da presente pesquisa buscou responder às seguintes questões:

*1) A variabilidade na produção de flexão verbal o inglês como L2 de aprendizes falantes de português brasileiro pode ser explicada pela Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície?*

*2) Há efeito de transferência da L1 relacionado à variabilidade?*

A análise dos dados confirmou parcialmente a HAFS, já que a língua inglesa possui formas homofônicas para as formas de infinitivo verbal e formas flexionadas (exceto a 3sg). O problema parece estar na inserção do item de Vocabulário, não havendo déficit sintático, uma vez que as propriedades sintáticas associadas não apresentaram problemas para os aprendizes. Uma reanálise da HAFS para os dados dos aprendizes falantes de português brasileiro é proposta, baseada na configuração dos traços de itens de Vocabulário que codificam tempo/ concordância, seguindo a teoria de Morfologia Distribuída. Em relação aos efeitos de transferência da L1, o uso de formas do verbo *to be*, seguidas por verbos sem flexão parece indicar que há transferência da estrutura do TP e escolha de pronomes fracos da L1 para a L2. Uma discussão mais detalhada da HAFS e efeitos de transferência é apresentada nos itens 5.1 e 5.2.

Veremos ainda neste capítulo a definição do que é dificuldade para a aquisição de uma L2 e como ela pode ser definida, passando logo após para uma análise de como a dificuldade pode ser vista nos resultados obtidos por este estudo. Especulamos ainda sobre as causas da variabilidade, partindo da aplicação das idéias presentes na Hipótese das Gramáticas em Competição no contexto de interlíngua, conforme proposto em Zobl e Liceras (2005). Finalmente, os problemas metodológicos na pesquisa em aquisição de L2 são discutidos, bem como a necessidade de investigações futuras.

### 5.1 – A Hipótese da Ausência de Flexão de Superfície e a subespecificação

O estudo de Prévost e White (2000) sugere que a distribuição de formas verbais finitas e não-finitas na produção oral de aprendizes adultos de francês e alemão<sup>63</sup> como L2 evidencia direcionalidade nos desvios encontrados, estando de acordo com as previsões feitas pela HAFS. De fato, a incidência de formas finitas em contextos finitos é mais expressiva do que a incidência de verbos finitos em contextos não-finitos, em três dos quatro aprendizes. Os resultados estão de acordo com a HAFS, que assume que os aprendizes possuem conhecimento das conseqüências sintáticas da finitude. Assim, formas finitas verbais estão associadas a traços finitos e aparecem em posição alçada. Formas não-finitas aparecem corretamente em contextos não-finitos e como *default* em posições finitas.

Além disso, os resultados também confirmam a previsão de que a concordância, quando presente, é realizada com o uso da forma adequada, uma vez que os traços de concordância e o mecanismo de checagem estão operantes. Dessa forma, não há quebra de traços, como por exemplo, morfologia de terceira pessoa com sujeito de segunda pessoa. Entretanto, houve desvios em relação à forma de suprimento no francês, havendo uso supergeneralizado de morfologia verbal de 3sg em contextos que não de terceira pessoa, como o exemplo a seguir mostra (Prévost e White, 2000: 121):

(152) *j'a fait la bagarre avec lui-même.*  
*I have-3S made the fight with him.*

Os dados do presente trabalho parecem confirmar a HAFS, uma vez que apesar da variabilidade no uso de formas flexionadas, a concordância, quando presente, se deu de forma adequada. Houve também direcionalidade no uso das formas flexionadas, isto é, formas não-flexionadas figuraram em contextos finitos e não finitos, mas formas flexionadas raramente ocorreram em contextos não-finitos. Além disso, as propriedades sintáticas associadas – sujeito explícito, marcação pronominal de caso nominativo e posição do verbo em VP<sup>64</sup> – estiveram presentes e não representaram problemas.

<sup>63</sup> Os dois aprendizes adultos de L2 francês – Abdelmalek e Zahra são falantes nativos de árabe e os dois aprendizes de L2 alemão – Ana e Zita são falantes nativo de espanhol e português, respectivamente.

<sup>64</sup> Devido aos poucos dados na produção oral e às respostas inconsistentes ao teste de gramaticalidade, esta questão precisa ser investigada futuramente.

As duas hipóteses discutidas no capítulo 2 – HDR e HAFS – se propõem a explicar a variabilidade na ocorrência de formas verbais flexionadas na aquisição de L2. As duas hipóteses fazem previsões semelhantes sobre a morfologia não-finita, assumindo que formas não finitas são encontradas em contextos finitos. Para a HDR, a incidência de formas não-finitas em contextos finitos é o resultado de falhas no mecanismo de checagem de traços, tendo como conseqüência a ocorrência de formas não-finitas e finitas em qualquer contexto; isto é, não haveria direcionalidade no uso das formas. Para a HAFS as formas não-finitas são consideradas formas *default*, como veremos mais claramente a seguir.

Ao assumir que os aprendizes de L2 possuem a representação abstrata dos traços para finitude e concordância, revelados pelo comportamento sintático e morfológico de verbos finitos, a HAFS sugere que o problema estaria na realização de certas formas, havendo recurso a uma forma *default*. Em outras palavras, haveria um problema de “mapeamento”, nos termos de Lardiere (2000), entre a forma de superfície e os traços abstratos. Uma possível explicação para o mecanismo responsável pelo aparecimento de formas *default* se baseia nas idéias presentes na MD.

Como vimos na seção 1.3, a MD distingue os traços gramaticais de um item de Vocabulário e os traços do nó sintático que receberá o item de Vocabulário. Assim, um item de Vocabulário estaria associado a um feixe de traços: [tempo, pessoa, número, gênero]. Para que este item de Vocabulário seja inserido em um dado nó terminal, é necessário que os seus traços sejam consistentes com os traços do nó sintático. Não há, entretanto, necessidade de total especificação dos traços do item de Vocabulário (cf. Princípio do Subconjunto), podendo estes estar subespecificados para serem inseridos no nó terminal.

Prévost e White (2000) sugerem que, na gramática de interlíngua, os itens de Vocabulário associados a forma não-finita estariam subespecificados para finitude [a finito] e seriam inseridos em contextos finitos, atuando como *default*. As formas finitas teriam itens de Vocabulário especificados para finitude [+finito] e figurariam apenas em contextos finitos. Por exibirem propriedades de verbos finitos, as formas sem flexão seriam consideradas formas finitas com flexão ausente (cf. também Haznedar, 2003; Ionin e Wexler, 2000). Estes fatos explicariam a direcionalidade no uso das formas finitas e não finitas.

Faz-se ainda necessário explicar porque a forma mais especificada não venceria a competição para inserção. A sugestão dos autores é a de que a forma mais especificada estaria temporariamente bloqueada. Este bloqueio seria causado por pressão comunicativa ou problemas no processamento.

A proposta de Prévost e White, apesar de explicar de forma satisfatória a direcionalidade no uso de formas finitas e não-finitas, propondo uma subespecificação do traço de finitude, não está isenta de problemas. Os autores, apesar de reconhecerem que há homofonia entre as formas verbais flexionadas e a forma do infinitivo tanto no alemão quanto no francês<sup>65</sup>, sugerem que as formas sem flexão seriam de fato formas finitas com flexão ausente. Entretanto, por causa da homofonia, não é possível determinar se de fato os aprendizes fazem uso de uma forma verdadeiramente não-finita ou forma finita flexionada *default* subespecificada. Em outras palavras, o fato de haver homofonia enfraquece o argumento dos autores de que as formas não-finitas que aparecem em contextos finitos são formas finitas com flexão ausente.

Os autores sugerem uma subespecificação total dos traços de concordância [a pessoa, a número, a gênero] ao analisarem os desvios de concordância nas formas flexionadas na produção dos aprendizes. Houve uso da terminação de 1sg em contextos que não de primeira pessoa no alemão L2 e uso do clítico de 3sg masculino *il* em contextos que não de 3sg no francês L2. Não fica claro, no entanto, se a interlíngua faz duas seleções para formas *default* distintas, subespecificando somente o traço de finitude para a distinção forma finita/ não-finita e outra seleção de forma, com os traços de concordância subespecificados, para quando há concordância sujeito-verbo. Seria mais econômico pensar que a subespecificação seria total, isto é, a interlíngua egeria uma forma totalmente subespecificada [a finito, a pessoa, a número, a gênero] como *default*, para ser inserida em contextos finitos ou não-finitos e onde há concordância, uma vez que o item de Vocabulário pode estar subespecificado, formando um subconjunto dos traços presentes no nó terminal.

A língua inglesa, apesar de já ter tido sistema de concordância rico, atualmente possui como forma remanescente de concordância sujeito-verbo apenas formas do verbo cópula e o *-s* da

---

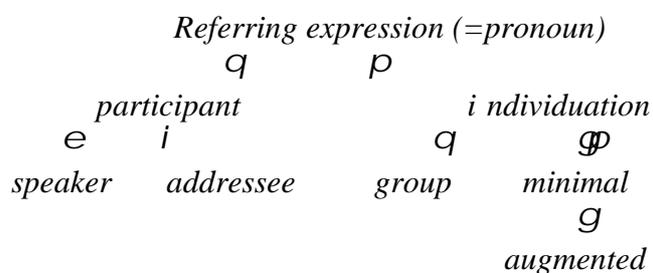
<sup>65</sup> No francês há homofonia entre segunda pessoa e infinitivo na primeira e segunda classe verbal e homofonia entre as formas de singular nas três classes verbais, todas no tempo presente. Já no alemão, a homofonia acontece entre a primeira e terceira pessoas do plural no tempo presente e a forma de infinitivo. Os autores reconhecem que a homofonia torna a análise problemática.

terceira pessoa do singular do tempo presente (cf. Radford, 2004). O paradigma flexional do inglês não nos permite determinar se os aprendizes escolhem de fato uma forma infinitiva ou uma forma flexionada como *default*. O paradigma flexional do espanhol, por apresentar formas distintas para as formas flexionadas e de infinitivo, pode ajudar a esclarecer a escolha de *default* feita pela gramática de interlíngua.

A aquisição de espanhol como L2 por falantes de inglês mostra que a forma de 3sg pode ser escolhida como *default*. McCarthy (2004, 2006) assume que formas subespecificadas correspondem a formas não-marcadas na língua, partindo das idéias presentes na literatura sobre traços morfológicos (Harley e Ritter, 2002; Carstairs McCarthy, 1998 e outros, citados por McCarthy, 2004).

Segundo McCarthy (2004), para a variável pessoa há evidência que sugere que a terceira pessoa é universalmente não-marcada. Tipologicamente, a terceira pessoa tem maiores chances de apresentar distinção de gênero/ número do que a primeira e a segunda, indicando que a terceira pessoa seria não-marcada. Harley e Ritter (2002) utilizam a evidência tipológica para propor uma abordagem de geometria de traços de pessoa/ número. A marcação de valores de traços é refletida na sua geometria, havendo menos nós nas formas não-marcadas. De acordo com esta abordagem, a terceira pessoa e o singular estariam subespecificados, já que a terceira pessoa é realizada por meio da ausência de nó de participante e o singular é realizado por meio de um nó de individualização nú e ausência de nó de grupo, como visto em (153) abaixo:

(153) Geometria dos traços (Harley e Ritter, 2002):



Para a morfologia verbal relativa a finitude, assume-se que as formas não-finitas são subespecificadas para finitude, uma vez que não possuem especificação para tempo. A

especificação de traços para os verbos da classe *-ar* em espanhol no presente é mostrada em (154):

(154) Itens de Vocabulário

[1] [plural] ?	-amos			
[plural] ?	-an	Infinitivo:	<i>hablar</i>	
[1] ?	-o	1sg	<i>hablo</i>	1pl <i>hablamos</i>
[2] ?	-as	2sg	<i>hablas</i>	2pl <i>hablan</i>
elsewhere ?	-a	3sg	<i>habla</i>	3pl <i>hablan</i>

Ainda em relação à subespecificação de traços, McCarthy (2006) sugere que no espanhol e no inglês, a categoria não marcada presente (não-passado ou [-passado]) pode aparecer em contextos de passado, como no presente histórico utilizado em narrativas. O passado, por sua vez, só figura em contextos de tempo passado. Seguindo a proposta de Cowper (2004), McCarthy (2004) sugere que o traço de passado é marcado em relação ao presente. Assim, o tempo presente estaria subespecificado para o traço [passado], correspondendo à forma *default*. Assumindo a proposta de McCarthy, temos que a terceira pessoa, o singular e o presente são formas que possuem valores de traços subespecificados.

Os resultados do estudo de McCarthy (2004, 2006), onde os desvios em relação a marcação de tempo na produção oral de aprendizes de espanhol foram analisados, revelam que os aprendizes evitam a quebra dos traços, produzindo mais freqüentemente desvios de subespecificação. Como McCarthy (2004) considera a terceira pessoa e o singular como formas menos especificadas e conseqüentemente *default*, os desvios de subespecificação são instâncias de uso de morfologia de terceira pessoa singular em outros contextos. Desvios por quebra de traços e desvios por subespecificação são vistos em (155a)<sup>66</sup> e (155b), respectivamente:

155(a) \**los chicos les gustan pegarse bien*  
*the boys 3pl-obj like- 3pl stick-refl well*

(b) \**los italianos puede entender um poco*  
*os italianos poder-3sg entender um pouco*

<sup>66</sup> McCarthy argumenta que o desvio em (155a) pode ser interpretado como um caso de concordância com o argumento errado, ao invés de concordância inadequada, uma vez que a concordância parece ter sido feita com o experienciador e não com o tema. Em espanhol, a concordância é feita com o tema; o experienciador recebe caso da preposição, como visto abaixo:

*A mi me gustan los gatos.*  
 a 1sg-obj 1sg-obj like-3pl the cats

Se, de fato, a forma de 3sg seria *default*, como explicar o uso inconsistente de –s 3sg presente na produção da informante Patty do estudo de Lardiere? McCarthy (2004) argumenta que apesar do contexto sintático finito, como as formas finitas e não-finitas para o presente de verbos lexicais em inglês são homófonas, pode ser que a forma sem flexão seja analisada como um verbo não-finito subespecificado, sem traços de pessoa e número. Em outras palavras, o feixe de traços para este item de Vocabulário *default* seria [a pessoa, a número, a finitude]. Desse modo, o item não estaria incorretamente especificado para pessoa e número e não representaria quebra de traços.

Podemos estender esta análise para os dados dos aprendizes de inglês, falantes de português brasileiro. Como há homofonia nas formas flexionadas (com exceção da 3sg) e forma de infinitivo de verbos lexicais, propomos que o item utilizado como *default* pelos aprendizes está totalmente subespecificado para os traços de finitude e concordância [a finitude, a pessoa, a número], sendo inseridos em qualquer contexto, evitando assim a quebra de traços. É preciso ainda responder porque a forma marcada de 3sg do presente não é escolhida como *default*. A resposta poderia estar na própria marcação da forma, ou na dificuldade que os aprendizes teriam em aprendê-la e ainda, em determinar quando utilizá-la.

Ainda em relação a subespecificação, teríamos o presente como traço subespecificado em relação ao traço de passado. Isto poderia ser uma provável explicação para o uso de formas de presente do verbo *to be* e verbos lexicais do presente em contextos de passado, como mostrado na análise dos dados no capítulo 4.

Enquanto a aprendiz chinesa do estudo de Lardiere (1998a) produziu apenas 4% de morfologia verbal de presente de verbos temáticos, utilizando a forma não-finita em contextos finitos, os aprendizes de espanhol produziram poucas formas não-finitas<sup>67</sup>. A explicação para este fato pode estar no reconhecimento, por parte dos aprendizes de espanhol, de que a língua espanhola, diferentemente do inglês, possui morfologia de concordância rica e conseqüentemente os verbos devem receber flexão<sup>68</sup>. Por outro lado, os aprendizes de inglês percebem que a língua inglesa não possui concordância rica e que os verbos não necessitam receber flexão. Esta mesma sugestão foi feita por Heidi Harley

---

<sup>67</sup> McCarthy não apresenta dados numéricos a este respeito, apenas em relação à distribuição de desvios por quebra de traços e por subespecificação.

<sup>68</sup> Bruhn de Garavito (2003) citada em McCarthy (2004) também faz a mesma sugestão.

(comunicação pessoal). Conseqüentemente, é mais difícil para os aprendizes determinar em quais contextos a flexão deve aparecer.

## 5.2 – A transferência

A L1 pode ter sido responsável pelo aparecimento de formas de verbo *to be* flexionadas seguidas por verbos lexicais sem flexão que ocorreram nos dados orais dos aprendizes. Além disso, a dificuldade em adquirir o paradigma afixal da língua inglesa pode ter também contribuído para o uso de marcadores de posição. A idéia de marcador de posição está presente na aquisição de L1, como argumentado por Liceras (2007), apesar de haver diferenças entre os marcadores de posição na L1 e na L2. Para Liceras, os marcadores de posição<sup>69</sup> monossilábicos que aparecem na produção de crianças em fase de aquisição de L1 “seguram” o lugar de palavras de classe fechada, como artigos, preposições, clíticos, cópulas, modais, e outros. Liceras cita alguns trabalhos (Laléo 2001; Liceras 2003a) que investigam a ocorrência de marcadores de posição monossilábicos pré-nominais na aquisição de línguas românicas e germânicas.

Estes marcadores de lugar consistem de um fonema glotal opcional e uma vogal central baixa, um *schwa*, inicialmente realizado como uma sílaba *default* antes de nomes masculinos e femininos. Quando o traço [gênero] é ativado no determinante, o marcador de posição se especializa para conter as marcas de gênero da língua. A evidência de que estas vogais pré-nominais refletem a maneira pela qual as crianças ativam traços formais, advém das mudanças na concordância de gênero. De fato, as variações quanto à marcação de gênero cessam aproximadamente aos 2 anos de idade.

Já para a aquisição de L2, mesmo quando as crianças a estão adquirindo, os marcadores de posição monossilábicos não ocorrem. Os marcadores de posição que figuram na gramática de L2 possuem propriedades estruturais distintas. De fato, estes elementos na L2 parecem ser a expressão morfossintática de traços formais da L1 que são transferidos para a gramática de

---

<sup>69</sup> Tradução da autora para *placeholder*.

L2 e não constituem evidência de ativação de traços formais na L2, como ocorre na L1 (Liceras, 2007).

Os dados dos aprendizes de inglês do presente estudo parecem mostrar que houve transferência de propriedades estruturais do TP da L1 para a gramática interlingual. Seria interessante investigar longitudinalmente aprendizes que estejam em estágios mais iniciais de aprendizagem, para que se verifique se este fenômeno é prevalente e em que ponto o marcador de posição é substituído pela forma afixal adequada. Outro ponto a ser investigado é a aquisição de línguas que fazem escolhas distintas de pronomes fracos, assim com ocorre no inglês e português, para que se verifique se há ocorrência de marcadores de posição em estágios iniciais de aquisição.

### **5.3 – O que torna a aprendizagem de uma L2 difícil?**

Se a habilidade de uso da linguagem é essencialmente humana, o entendimento desta capacidade e da sua aquisição são relevantes para a ciência cognitiva e psicologia desenvolvimental, além da própria lingüística teórica e aplicada. De maneira semelhante, se a dificuldade em adquirir uma segunda língua em idade adulta contrasta com a habilidade da criança em aprendê-la, então entender este contraste é relevante para o entendimento da capacidade humana em adquirir e usar línguas. Há duas abordagens possíveis para a investigação deste contraste: a primeira abordagem, vista pela esfera da ciência social, consiste em correlacionar idade e outras variáveis demográficas com sucesso na aquisição. Esta abordagem visa separar traços característicos da espécie de traços característicos do ambiente. A segunda abordagem, por sua vez, investiga quais elementos ou características de uma L2 são difíceis de serem adquiridos, ou seja, busca compreender como a dificuldade no processo de aquisição se relaciona aos traços da linguagem humana (De Keyser, 2005).

A interação entre duas variáveis também pode ser investigada, por exemplo, quais elementos seriam problemáticos para a aquisição de L2 em qualquer idade, ou até mesmo investigar como variáveis distintas interagem com a aquisição de L2, tais como as características da L2, a influência da L1, idade, contexto de aprendizagem, dentre outras. O presente trabalho

busca investigar a interação entre as características da L2, a influência da L1 e o contexto da aprendizagem em relação ao uso de morfologia de flexão verbal.

### **5.3.1 - Como a dificuldade pode ser definida?**

A definição do que constitui dificuldade para o aprendiz de L2 nem sempre é de fácil consenso. Krashen (1982), citado em DeKeyser (2005), classificou o morfema *-s* da terceira pessoa do singular como de fácil aprendizagem, ao usar como critério aspectos relacionados à forma, isto é, os aprendizes teriam apenas duas escolhas possíveis: usar ou não usar o morfema. Por outro lado, Ellis (1990), citado em DeKeyser (2005), classificou o mesmo morfema como complexo, ao levar em conta a sua complexidade funcional; isto é, há uma relação de número gramatical no sujeito e a presença ou ausência do morfema.

Para DeKeyser (2005), há pelo menos três fatores envolvidos na determinação da dificuldade gramatical: complexidade da forma, complexidade do significado e complexidade da relação forma-significado. Mas não é apenas isto – há ainda a dificuldade em adquirir, isto é, compreender a relação forma-significado durante o processamento de uma sentença em L2. É a transparência (simplicidade) da relação forma-significado para o aprendiz que determina a dificuldade na aquisição. Esta transparência é em parte determinada pelo grau de importância que uma dada forma tem para que seu significado seja expresso. Por exemplo, certos morfemas são a única indicação do significado que expressam (e.g. *-s* possessivo), enquanto outros são redundantes por marcarem concordância gramatical cujo significado está representado em outro lugar da sentença ou no discurso (e.g. *-s* terceira pessoa).

DeKeyser (2005), em sua revisão sobre dificuldade gramatical, apresenta quais componentes podem representar dificuldade na aquisição, baseado em evidência empírica. Para isto, o autor identifica os componentes através da investigação de problemas do significado, problemas da forma e problemas do mapeamento da forma-significado.

A dificuldade com a forma é, em grande parte, uma questão de complexidade. Em línguas morfológicamente ricas, a complexidade é maior, uma vez que várias formas precisam ser expressas explicitamente, havendo maiores escolhas entre formas, alomorfes e a posição que

ocupam. No caso da L2, a morfologia representa fonte de dificuldade, tanto para o aprendiz em contexto naturalístico de L2 quanto para o aprendiz em contexto instrucional.

Muito tem sido discutido sobre as causas da falha em suprir morfemas de maneira sistemática, se um problema de competência ou de desempenho. Da mesma forma que falham em produzir, os aprendizes também falham em reconhecer morfologia elementar para interpretar uma sentença (cf. Van Patten, 2004; MacWhinney, 2001, citado em DeKeyser, 2005). Estes fatos indicam que há mais em jogo do que apenas processamento. De fato, Jiang (2004) mostrou haver ausência de sensibilidade ao morfema de plural no substantivo de DPs complexos e não problemas no processamento da concordância. A pesquisa em processamento da instrução mostrou que os aprendizes também falham em processar morfologia na compreensão. A pesquisa nesta área mostrou que os aprendizes são beneficiados pelo treinamento em ter sua atenção focada em elementos morfológicos para a compreensão. Sem o treinamento, os aprendizes tendem a ignorar a morfologia.

Da mesma forma, os estudos de Lardiere (1998a, b) e Prévost e White (2000), salientam que a morfologia é mais difícil de ser adquirida quando comparada à sintaxe. Apesar de traços sintáticos e morfológicos estarem associados na teoria, não são adquiridos ao mesmo tempo. A sugestão é a de que os traços sintáticos são adquiridos facilmente, mas os aprendizes continuam tendo problemas com a instanciação morfológica dos traços sintáticos.

O mapeamento forma-significado pode ser fonte de dificuldade se a relação entre a forma e significado não for transparente. A ausência de transparência está relacionada a três fatores: redundância, opcionalidade e opacidade. Os fatores redundância e opacidade são relevantes para o uso do *-s* da terceira pessoa. A redundância diz respeito a uma forma que não é necessária do ponto de vista semântico, uma vez que o significado é também expresso por outro elemento na sentença. Este seria o caso do *-s* terceira pessoa, já que o sujeito explícito já traria informação de pessoa/ número (cf. Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999).

A opacidade acontece quando há uma fraca relação entre a forma e o significado expresso por ela. Isto pode ser visto quando o morfema possui alomorfes distintos e ao mesmo tempo homófonos a outros morfemas gramaticais, o que torna a relação entre forma e significado difícil de ser percebida. Este é novamente o caso do *-s* no inglês, que pode marcar a terceira pessoa do singular no verbo, plural de substantivos ou o genitivo de substantivos, havendo os

mesmos três alomorfes para cada caso. Para a terceira pessoa do singular, a opacidade é ainda complicada pelo fato de que não há um mapeamento um para um, ou seja, o *-s* possui três diferentes significados: singular, terceira pessoa e tempo presente. O mesmo problema pode ser visto em plurais irregulares e passado irregular, onde o mapeamento forma-significado torna-se mais opaco (DeKeyser, 2005).

É possível que a baixa proporção de uso de morfologia de 3sg em relação ao uso da forma de suprimento do verbo *to be* possa ser explicada pela dificuldade dos aprendizes em adquirir o *-s* como marcador de tempo e concordância, uma vez que há fraca relação entre forma e significado, alomorfia e por ser uma forma redundante e opaca. Além disso, a revisão dos estudos de ordem de aquisição de morfemas conduzida por Zobl e Liceras (1994) mostrou que o paradigma flexional por suprimento é aprendido primeiro do que o paradigma por afixação. Veremos agora os resultados de uma meta-análise sobre os estudos de ordem de aquisição de morfemas, que corroboram a idéia de que a aprendizagem de morfemas flexionais é dependente de diversos fatores, representando, de fato, fonte de dificuldade para a aprendizagem de L2.

Goldschneider e DeKeyser (2005), doravante G&D, apresentam uma meta-análise de estudos relacionados à ordem de aquisição de morfemas<sup>70</sup> em L2 inglês por aprendizes de adultos e crianças, realizados nos últimos 25 anos<sup>71</sup>. Dados de produção oral de um total de 12 estudos e 924 participantes foram selecionados para a meta-análise. O estudo investigou o potencial de cinco fatores determinantes em explicar a ordem natural de aquisição, a saber: saliência perceptual, complexidade semântica, regularidade morfo-fonológica, categoria sintática e frequência. Em outras palavras, o propósito da meta-análise é determinar até que ponto a combinação dos fatores determinantes é capaz de prever a ordem de aquisição de morfemas<sup>72</sup> observada na aquisição de L2 inglês. Para este fim, uma análise de regressão múltipla foi

---

<sup>70</sup> G&D utilizam o termo *functor* em vez de morfemas, uma vez que este último não é aplicável à distinções como passado regular e irregular. Apesar de reconhecer esta diferença, mantenho aqui o uso do termo 'morfema' para evitar problemas com a terminologia.

<sup>71</sup> Segundo Liceras (2007), Apesar das críticas recebidas, principalmente com relação à falta de explicação teórica dos trabalhos iniciais, os estudos sobre ordem de aquisição de morfemas não devem ser ignorados. Larsen Freeman e Long (1991), citados em Liceras (2007), ao discutirem estes trabalhos, concluíram que apesar das críticas, há muitos estudos com suficiente rigor metodológico e que mostram resultados gerais consistentes, mostrando que as generalizações não devem ser ignoradas.

<sup>72</sup> Os seguintes morfemas foram analisados: *-ing* presente progressivo, *-s* plural, *-s* possessivo, artigos *a*, *an* e *the*, *-s* terceira pessoa do presente e *-ed* de passado regular.

realizada, examinando o efeito dos cinco fatores determinantes na dependente variável – escores de uso correto dos morfemas em contextos obrigatórios.

A influência da L1 não foi analisada, uma vez que os estudos individuais não fornecem dados de desvios separados por L1, tornando impossível a comparação entre os estudos. De fato, estabelecer efeitos da L1 não era o objetivo destes estudos. No entanto, G&D reconhecem que fatores que não os investigados na meta-análise, como o efeito de transferência da L1 podem também contribuir para a ordem observada.

Os resultados indicam que a combinação dos fatores saliência perceptual, complexidade semântica, regularidade morfo-fonológica, categoria sintática e frequência são responsáveis por uma grande parte da variância total nos escores de uso correto dos morfemas. Apesar da alta variância atribuída aos fatores acima citados, ainda há a possibilidade de contribuição de outros fatores, como a transferência da L1. Os autores argumentam que os fatores considerados são homogêneos, tendo em comum o aspecto saliência, dentro do sentido mais amplo da palavra. Dessa forma, os cinco fatores responsáveis pela alta porcentagem de variância na ordem de aquisição de morfemas podem ser traduzidos em aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e numéricos da saliência<sup>73</sup>. A idéia de que a ordem de aquisição de morfemas pode ser atribuída, em grande parte, aos diversos aspectos da saliência, indica que o componente inato, anteriormente tido como responsável pela ordem observada, perde sua função explicativa. Em outras palavras, a releitura dos trabalhos realizados durante os anos 70 e 80 feita por G&D explica de maneira satisfatória a ordem de aquisição de morfemas do inglês L2, levando em conta fatores investigáveis empiricamente, retirando do componente inato a carga explicativa.

Podemos então dizer que o sucesso na aquisição de aspectos gramaticais na L2 é, em parte, influenciado pela maneira como a relação forma-significado é vista pelo aprendiz, seja pela saliência da estrutura lingüística, facilitação da percepção pela própria estrutura ou frequência no insumo, além da experiência lingüística prévia. Possivelmente, pela falta de saliência do morfema *-s* do presente, ele leve mais tempo para ser adquirido em relação ao paradigma flexional do verbo *to be*. Da mesma forma, talvez o uso inconstante da marcação

---

<sup>73</sup> Saliência perceptual é definida como a facilidade em se ouvir ou perceber uma dada estrutura. Saliência refere-se somente às características do insumo. Três subfatores são analisados ao se definir a saliência perceptual de um morfema: número de fones (substancia fonética), presença ou ausência de vogal na forma de superfície (silabidade) e sonoridade relativa.

de passado nos verbos em inglês possa ser atribuído à dificuldade em adquirir estas formas, havendo o uso de formas *default* quando a forma alvo não é acessada.

Faz-se ainda necessário discutir os resultados dos testes estatísticos e a escolha por utilizar dois grupos em níveis distintos de proficiência. A escolha por dois níveis de proficiência se pautou pela hipótese de que, possivelmente, os aprendizes em estágios iniciais teriam menor proporção de uso de morfologia flexional. Assumindo a idéia de que a morfologia precisa ser aprendida (cf. Lardiere, 2005), talvez o conhecimento morfológico ainda não esteja prontamente disponível para o aprendiz na sua produção. De fato, os resultados mostraram maior proporção de uso para o grupo II, indicando que provavelmente seria necessário maior exposição ao insumo, ou saliência ao insumo, nos termos de G&D, para que se tornem salientes o bastante e sejam adquiridos.

Além disso, os dados mostram que o paradigma flexional do verbo *to be* não foi problemático para os aprendizes nos dois grupos avaliados, mostrando alta proporção de uso. Estes resultados confirmam as conclusões de Zobl e Liceras (1994), ao mostrarem que este paradigma flexional é adquirido em estágios iniciais de desenvolvimento interlingual. O uso adequado das formas do verbo *to be*, por instanciarem tempo e concordância, evidenciam que os mecanismos de checagem de traços de tempo e concordância estão presentes na representação sintática dos aprendizes em níveis iniciais, corroborando as idéias da HAFS. Para a HAFS, a sintaxe encontra-se intacta e a variabilidade seria resultante de um problema com a inserção de material morfo-fonológico ao produto da derivação sintática.

Apesar dos resultados dos testes estatísticos não revelarem diferenças significativas entre os grupos, possivelmente um aumento no número de indivíduos por grupo seria capaz de gerar resultados significativos, uma vez que houve diferenças entre as proporções de uso entre os grupos, nos dois tipos de tratamento e em todas as variáveis testadas. Um resultado significativo poderia reforçar a idéia de que as formas de flexão verbal são adquiridas à medida que a experiência lingüística na L2 também aumenta, envolvendo a ação de vários fatores, incluindo saliência e transparência da forma.

#### 5.4 – Por que haveria uso variável?

Zobl e Liceras (2005) apresentam a Hipótese das Gramáticas em Competição (doravante HGC) como uma abordagem em potencial para explicar a ocorrência de opcionalidade nas gramáticas de L2 (cf. Sorace, 2000). Esta hipótese, formulada dentro do contexto dos estudos diacrônicos, tinha por objetivo explicar a opcionalidade em períodos de mudança paramétrica. De acordo com a HGC, em períodos de mudanças linguísticas importantes, quando o insumo aos falantes é ambíguo, há a internalização de mais de uma representação gramatical pelas crianças para que os dados do insumo sejam acomodados. Para os autores, a HGC é capaz de explicar satisfatoriamente um número de fenômenos do desenvolvimento da L2, sendo uma proposta alternativa ao modelo dominante que busca dar conta dos fenômenos da L2 mostrando como esta é diferente da aquisição de L1.

As mudanças paramétricas descritas para HGC possuem características semelhantes à aquisição de L2. Enquanto a opcionalidade é tida como um déficit na HDR, as semelhanças entre a HGC e L2 enfraquecem a idéia de déficit gramatical. A pesquisa em aquisição de base gerativa sugere que algumas características do (re)ajuste paramétrico que ocorre na L2 a diferencia da L1. Por exemplo, o período prolongado de opcionalidade na aquisição (perda de V2 e alçamento verbal na L2, cf. Beck, 1998 e White, 1992) não encontra paralelo na aquisição de L1. Este fato vai contra a idéia presente na teoria gerativa de que as gramáticas não permitem opcionalidade. Além da opcionalidade, a pesquisa em aquisição de L2 mostrou que (i) a mudança ocorre de forma gradual, (ii) possuindo natureza incremental e (iii) apresenta falta de convergência para a forma alvo. Zobl e Liceras (2005) argumentam que a mudança diacrônica ocorrida no inglês antigo e médio enfraquece a terceira característica e coincide com as características (i) e (ii).

Na mudança sintática diacrônica, assume-se que esta se dá de forma incremental, sendo caracterizada pela opcionalidade entre alternativas mutuamente exclusivas. Como a HGC parte do pressuposto de que as gramáticas não toleram opcionalidade, a proposta é a de que os falantes devem ter mais de uma gramática internalizada. Como consequência, a mudança sintática acontece por meio de um processo de competição entre opções incompatíveis gramaticalmente, sendo substituídas uma pelo outra no uso. Há competição entre as

gramáticas até que uma se torne preferida, seja por maior facilidade no processamento ou maior sucesso na decomposição<sup>74</sup> de dados primários.

Os autores concluem que as mudanças ocorridas no inglês antigo e médio com relação à ordem OV, I-final e V2<sup>75</sup> e os dados da aquisição de L2 sugerem que há uma diglossia internalizada. A HGC acomoda a opcionalidade sem deixar de lado a idéia de que as gramáticas não tolerariam opcionalidade e coloca em cheque a idéia de que a opcionalidade em L2 seria o resultado de déficit gramatical.

Apesar de não ser objetivo do estudo explicar por que haveria uma forma totalmente especificada e uma outra subespecificada para a configuração do passado e presente na L2 dos aprendizes, mas sim investigar a possibilidade de uma hipótese em acomodar os dados de aprendizes brasileiros, podemos pensar que a gramática de interlíngua faz a escolha de duas formas, uma especificada e a outra subespecificada, que competem entre si para o uso. De fato, os resultados aqui apresentados mostram que há variabilidade de uso das formas flexionadas, e uma possível explicação para este uso seria o recurso a formas *default* para que a quebra dos traços seja evitada. Deve haver, portanto, algum fator que condicionaria a utilização de uma forma e não de outra, havendo diversas hipóteses na literatura que tentam explicar este fato, tais como a Hipótese do Aspecto ou a Hipótese do Discurso, discutidas na seção 5.5. Entretanto, ainda não sabemos que fatores condicionantes são estes. A mudança no uso da forma subespecificada para a mais especificada se daria de forma gradual e incremental, mas não haveria convergência total para a forma alvo, havendo a co-ocorrência das duas formas. Dessa maneira, a aplicação da HCG é uma possibilidade interessante de investigação para aqueles que propõem que a variabilidade de morfologia funcional seria um problema pós-sintático.

---

<sup>74</sup> Tradução da autora para *parsing*.

<sup>75</sup> Exemplos no inglês moderno de opção paramétrica (Zobl e Liceras, 2005: 285):

*OV: the strawberries ate.*

*I-final: That John the strawberries eaten has.*

*V2: Yesterday ate John the strawberries*

## 5.5 – Os problemas metodológicos: a falácia comparativa

Lakshmanan e Selinker (2001), doravante L&S, discutem os problemas envolvidos na análise de dados de produção oral espontânea na pesquisa em aquisição de L2. Segundo L&S, os dois principais objetivos da pesquisa em L2 são: (i) determinar o conhecimento gramatical do aprendiz de L2 (competência interlingual) e (ii) explicar como esta competência se desenvolve, desde o estado inicial até o estado estável. Contudo, esta competência só pode ser examinada indiretamente, por meio de dados de desempenho em interlíngua. Os dados para análise são advindos de produção oral, tanto espontânea quanto eliciada, compreensão e julgamentos de gramaticalidade. Dentre estes dados, a produção oral é o mais utilizado na pesquisa em L2.

O próprio Selinker, em seu artigo de 1972, no qual a Hipótese da Interlíngua é elaborada, argumenta que os dados relevantes para a aprendizagem de L2 são aqueles eventos “onde os aprendizes tentam expressar significados, que eles podem já ter, em uma língua que estão aprendendo (isto é, tentativa de desempenho significativo na L2)”. Dentro ainda das idéias propostas em Selinker (1972), a interlíngua, pelo menos parcialmente distinta da L1 e L2, constitui um sistema lingüístico por si só. Este fato sugere que para haver uma caracterização adequada da competência lingüística do aprendiz, a interlíngua precisaria ser analisada como um sistema com características próprias.

Entretanto, L&S chamam a atenção para o fato de que a pesquisa que faz uso de dados orais de produção espontânea pode incorrer no que Bley-Vroman (1983) chamou de “falácia comparativa”. De acordo com Bley-Vroman, citado em L&S, a falácia comparativa, resultante de uma preocupação com a língua alvo, pode ter um efeito desastroso na investigação da interlíngua<sup>76</sup>. Mais especificamente, o uso de conceitos analíticos definidos tendo por base a língua alvo, tais como contextos obrigatórios, uso não-alvo e uso alvo não parece ser capaz de oferecer pistas sobre a natureza da competência interlingual. L&S argumentam que, para que se faça progresso na pesquisa interlingual, o foco dos pesquisadores deve estar na construção de descrições da linguagem do aprendiz, com o objetivo de entender melhor suas propriedades específicas e sua própria lógica.

---

<sup>76</sup> L&S admitem, em nota de rodapé, incorrer na falácia comparativa em alguns de seus trabalhos publicados.

De acordo com L&S, a falácia comparativa pode levar à super ou subestimação da competência lingüística do aprendiz. Para que a competência interlingual do aprendiz não seja subestimada, é necessário que os dados do desempenho interlingual sejam comparados, de maneira sistemática, ao desempenho de falantes nativos. Esta comparação se faz necessária para que se determine se um dado fenômeno desviante da norma assumida pela L2 pode ser usado como evidência de desvio em relação a língua alvo.

Além disso, o insumo a que o aprendiz está exposto também pode influenciar a sua produção. Por exemplo, Lasser (1998) citado em L&S mostrou que no alemão, os infinitivos raiz figuram no discurso adulto oral não somente com função retórica ou imperativa, mas também com função declarativa e função interrogativa, contrariando o consenso geral. Em outras palavras, ao analisar a fala espontânea do aprendiz, é importante não considerar uma sentença agramatical tendo como base para comparação a língua alvo, sem que antes haja uma comparação com a fala adulta do nativo. Esta comparação é raramente feita nos estudos que investigam a fala espontânea na interlíngua.

O conceito de contexto obrigatório é um exemplo de comparação entre a produção interlingual e norma da língua alvo, amplamente utilizado em estudos de aquisição de morfemas gramaticais/ funcionais. A dificuldade em utilizar contextos obrigatórios está em identificá-los, já que o pesquisador precisa determinar a intenção da fala do aprendiz. Apesar do contexto de ocorrência dar pistas sobre a real intenção do falante, ainda assim a recuperação desta intenção é tarefa difícil. De fato, durante a análise dos corpora, muitas vezes foi difícil identificar a intenção do aprendiz. Apesar desta dificuldade de identificação de intenção, fica evidente a variabilidade no uso de formas flexionadas na produção dos aprendizes, seja ela em contexto de presente ou de passado.

Para L&S, determinar contextos obrigatórios em termos da língua alvo pode levar à subestimação do conhecimento do aprendiz, uma vez que somente um subgrupo dos contextos identificados pode ser contexto obrigatório do ponto de vista do sistema do aprendiz. Os autores citam o estudo de Lardiere (1998a) como exemplo. A questão está na exclusão de contextos obrigatórios de passado onde a forma adequada não foi suprida, como em casos onde apesar do contexto ser de passado, a referência no presente também é possível; contextos finitos que seriam interpretados como citações de fala de alguém e sentenças seguidas imediatamente por auto-correção. A exclusão destes contextos levou L&S

a supor que Lardiere subestimou o uso da marcação de passado, uma vez que estabeleceu o contexto obrigatório de passado em termos da língua alvo e não da gramática de interlíngua. Pelo fato de termos adotado os critérios de Lardiere (1998a) e Prévost e White (2000), podemos também ter subestimado o uso de formas flexionadas na produção dos aprendizes. Lardiere (2003) discute as questões levantadas por L&S (2001) com relação à falácia comparativa. Primeiramente, L&S sugerem que os contextos de passado obrigatórios sejam determinados em termos do sistema interno do aprendiz, a partir da marcação de passado em relação ao aspecto lexical inerente aos verbos. Em outras palavras, Lardiere deveria ter investigado a marcação de passado seguindo a Hipótese do Aspecto<sup>77</sup> (doravante HA). No entanto, Lardiere argumenta que a HA e os estudos que se baseiam nesta hipótese investigam aprendizes em estados iniciais de aprendizagem, não tendo aplicação para aprendizes em estados estáveis de interlíngua, como é o caso da aprendiz Patty de seu estudo. Além disso, pelo fato dos estudos que investigam a HA fazerem uso de intuições de falantes nativos para estabelecer testes diagnósticos para a classificação de verbos nas categorias aspectuais (atividade, estado, acontecimento e realização), a falácia comparativa pode se manifestar. Por exemplo, um verbo considerado atélico dentro da perspectiva da língua alvo pode ser télico para o aprendiz, como o exemplo abaixo ilustra (Lardiere, 2003: 137):

(156) Sentença produzida: *even I just wear it, it's not hurt*  
 Intenção de significado: *[speaking about brand new shoes:] 'even though I've just put them on / just started wearing them for the first time, they don't hurt'*

Dessa maneira, a representação lexical semântica do aprendiz, por ainda apresentar inconsistências, não permite uma análise do que é télico ou atélico e, conseqüentemente, a classificação dos verbos dentro das categorias aspectuais torna-se um tanto complicada.

Uma segunda sugestão de L&S é a de que os dados de Lardiere deveriam ser analisados sob a ótica da Hipótese do Discurso<sup>78</sup>. Assim como na HA, a Hipótese do Discurso se refere à morfologia emergente, o que não vem a ser o caso de Patty. Ainda, Lardiere mostra que não houve contingência entre fundo narrativo e marcação de passado.

---

<sup>77</sup> A Hipótese do Aspecto prevê que os aprendizes são inicialmente influenciados pelas características aspectuais de verbos ou predicados na sua produção de formas no passado. Verbos télicos (acontecimento e realização, de acordo com a classificação de Vendler, 1967, citado em Lardiere, 2003) tenderiam a ser mais marcados para o passado do que verbos atélicos (atividade e estado).

<sup>78</sup> Hipótese do Discurso: a marcação de passado seria utilizada para indicar fundo em eventos narrativos, isto é, aprendizes utilizariam morfologia verbal emergente para distinguir entre figura e fundo em narrativas.

Em suma, a sugestão de L&S de determinação de contextos obrigatórios de uso de passado levando em conta as Hipóteses do Aspecto e do Discurso não se aplicaria ao estudo de Lardiere. Os argumentos de Lardiere apontam para a inadequação do contexto, já que Patty se encontra em estado estável de interlíngua, além de tal sugestão estar igualmente sujeita à falácia comparativa.

Lardiere reconhece o problema que a falácia comparativa representa para os estudos de interlíngua. Ela lembra ainda, citando Bley-Vroman, que os pesquisadores não são capazes de prever “o número de sistemas imagináveis que os aprendizes utilizam ao construir a gramática da língua alvo” (Lardiere, 2003: 140)<sup>79</sup>. Porém, é necessário começar de algum lugar. Para Lardiere, investigar onde e até que ponto a interlíngua diverge da língua alvo e o que pode constituir evidência desta divergência são objetivos legítimos da pesquisa em aquisição de L2.

Como salientado por L&S, para se alcançar os objetivos da pesquisa em aquisição de L2, é necessário que se analise o desempenho do aprendiz, que é o acesso indireto à sua competência na L2. Assim, a maneira usual de se fazer pesquisa em L2 tem sido analisar a produção oral espontânea interlingual. Apesar de L&S apontarem os problemas que tal comparação pode gerar, a solução sugerida por eles também não está livre de problemas, conforme discutido por Lardiere (2003). No caso do presente estudo, uma comparação com a gramática do nativo não se aplicaria, pois o nosso contexto é de inglês como língua estrangeira e não inglês como segunda língua. Além disso, a análise dos contextos obrigatórios a partir da Hipótese do Aspecto e Hipótese do Discurso não se aplicaria aos aprendizes deste estudo, uma vez que não se encontram em estágio de morfologia flexional emergente. Possivelmente, se investigássemos a interlíngua de aprendizes em estágios verdadeiramente iniciais, isto é, aprendizes que estão tendo o primeiro contato com a língua inglesa, as Hipóteses do Aspecto e do Discurso poderiam ajudar a explicar a variabilidade encontrada. Ainda, a análise de aprendizes em estágios verdadeiramente iniciais poderia também revelar efeitos de transferência da L1 de forma mais acentuada.

---

<sup>79</sup> Tradução da autora para: *...the very large number of imaginable subsystems learners make use of when constructing the target grammar.*

## 5.6 – Futuros direcionamentos

A pesquisa em variabilidade de morfemas funcionais nas gramáticas de L2 tem, por muito tempo, debatido sobre as causas da variabilidade. A maneira usual de fazer pesquisa dentro deste tema apresenta problemas metodológicos que precisam ser sanados. Uma possibilidade de avanço metodológico seria investigar o fenômeno utilizando outros paradigmas de pesquisa, assim como o paradigma experimental sugerido por Jiang (2007). Uma outra possibilidade seria o de utilizar metodologia experimental juntamente com a análise da produção oral espontânea e/ ou eliciada, e comparar seus resultados. A utilização de um paradigma experimental poderia representar um avanço à maneira usual de se fazer pesquisa em aquisição de L2.

Além disso, os efeitos de transferência da L1, apesar de ainda pouco explorados, mas com crescente produção (cf. Trenkic, 2007, Yuan, 2007) ajudariam a determinar até que ponto a L1 exerceria influência no desenvolvimento da representação interlingual. Ainda, a adoção das idéias desenvolvidas na Morfologia Distribuída, justamente por tratar da instanciação da forma morfo-fonológica, poderia trazer contribuições para o debate sobre as causas da opcionalidade no uso de morfologia funcional nas gramáticas de L2 como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. xiii+424.
- ARONOFF, M. *Morphology by itself: stems and inflectional classes*. Cambridge; London: MIT, 1994. 210p.
- BECK, M.-L. L2 acquisition and obligatory head movement: English speaking learners of German and the Local Impairment Hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 20, p.311–348, 1998.
- CARDOSO, M. A formalização como ponto de intersecção histórica da lingüística e da matemática. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 1, n. 1, jul./dez. 2001.
- CELCE-MURCIA, M., LARSEN FREEMAN, D., WILLIAMS, H. *The grammar book: an ESL/EFL teacher's course*. 2nd. ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999. 854 p.
- CHOI, M. Testing Eubank's verb-raising in L2 grammars of Korean speakers. In *Proceedings of the 7<sup>th</sup> Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*, DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2005 p. 58-67.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995. 420 p.
- CHOMSKY, N. *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais Sobre Antigos Problemas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- CHOMSKY, N. On phases. 2005. ms.
- DEKEYSER, R. What makes learning second-language grammar difficult? A review of issues. In: \_\_\_\_\_. *Grammatical development in language learning*. Malden, MA: Blackwell, 2005. p. 27-77.
- EMBICK, D.; HALLE, M. (2004) On the status of stems in morphological theory. In Geerts, T. & JACOBS, H. (eds), *Proceedings of going Romance*, 2003. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~embick/stem.pdf>. Acesso em: 05/03/2007.
- EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. University of Pennsylvania, 2005. Ms. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~embick/interface.pdf>. Acesso em: 05/03/2007.
- FLETA, T. Is-Insertion in L2 Grammars of English: A Step Forward between Developmental Stages? In *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, LICERAS, J. et al. (Eds). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2003. p.85- 96.

- FRANCESCHINA, F. Morphological or syntactic deficits in near-native speakers? An assessment of some current proposals. *Second Language Research*, v. 17, p. 213-246, 2001.
- GARCIA MAYO, M.P., LÁZARO IBARROLA, A.; LICERAS, J. M. Placeholders in the English interlanguage of bilingual (Basque/Spanish) children. *Language Learning*, v. 55, n. 3, p. 445-489, 2005.
- GAVRUSEVA, E. Root infinitives in child second language English: an aspectual features account. *Second Language Research*, v. 20, p. 335–371, 2004.
- GOLDSCHNEIDER, J.; DEKEYSER, R. Explaining the “natural order of L2 morpheme acquisition in English: a meta-analysis of multiple determinants. In: DEKEYSER, R. *Grammatical development in language learning*. Malden, MA: Blackwell, 2005. p. 1-25.
- HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, v. 298, p.1569–1579, 2002.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. IN *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. HALE, K. ; KEYSER, S.J. (Eds.). Cambridge, MA: MIT Press. 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H. & NOYER, R. Distributed Morphology. *Glott International*, v. 4, n. 4, p.3-9, 1999.
- HARLEY, H.; RITTER, E. 2002. Person and number in pronouns: A feature-geometric analysis. 2002. Disponível em: <http://dingo.sbs.arizona.edu/~hharley/PDFs/HarleyRitter2002.pdf>. Acesso em 01/12/2007.
- HAWKINS, R. Persistent selective fossilisation in second language acquisition and the optimal design of the language faculty. *Essex Research Reports in Linguistics*, v. 34, 2000.
- HAWKINS, R. Revisiting wh-movement: the availability of an uninterpretable [wh] feature in interlanguage grammars. In *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*, DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2005. p.124-137.
- HAWKINS, R. Recent accounts of the L2 acquisition of morphosyntax IN *The development of grammatical knowledge in second language learners: evidence and theories*. University of the Basque Country – PhD programme in Applied Linguistics (Bilingualism and Multilingualism), 2007. Disponível em: <http://privatwww.essex.ac.uk/~roghawk/research.htm>. Acesso em 10/07/2007.
- HAWKINS, R.; CHAN, C. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The ‘failed functional features hypothesis.’ *Second Language Research*, v. 13, p. 187-226, 1997.
- HAWKINS, R.; LISZKA, S. Locating the Source of Defective Past Tense Marking in Advanced L2 English Speakers. In: VAN HOUT, R.; HULK, A.; KUIKEN, A.; TOWELL, R. (Eds.). *The Interface Between Syntax and Lexicon in Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 21-44.

- HAZNEDAR, B. The acquisition of the IP system in child L2 English. In *Studies in Second Language Acquisition*, v. 23, p.1-39, 2001.
- HAZNEDAR, B. Missing Surface Inflection in Adult and Child L2 Acquisition. In: *Proceedings of the 6<sup>th</sup> Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, LICERAS, J. et al. (Eds),. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. p. 140-149. 2003.
- HERSCHENSOHN, J. Missing inflection in second language French: accidental infinitives and other verbal deficits. *Second Language Research*, v.17, n.3, p. 273–305, 2001.
- IONIN, T.; WEXLER, K. L1-Russian Children Learning English: Tense and Overgeneration of *Be*. IN *Proceedings of SLRF 2000*, BONCH-BRUEVICH et al (Ed.), Cascadilla Press, 2000. p. 76-94.
- IONIN, T. e WEXLER, K. Why is 'is' easier than '-s'? : acquisition of Tense/agreement morphology by child second language learners of English. *Second Language Research*, v.18, n.2, p. 95–136, 2002.
- JACKENDOFF, R. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford: Oxford University Press. 2002.
- JIANG, N. Lexical representation and development in a second language. *Applied Linguistics*, v.21, p. 47–77, 2000.
- JIANG, N. Morphological insensitivity in second language processing. *Applied Psycholinguistics*, v. 25, p. 603–634, 2004.
- JIANG, N. Selective integration of linguistic knowledge in adult second language learning. *Language Learning*, v. 57, n.1, p. 1–33, 2007.
- KATO, M. Syntactic theory: from an "ism" perspective to a "programme" perspective. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n.2, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200005&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 04 Dec 2007.
- KATO, M. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1999.
- LAKSHMANAN, U.; SEKINKER, L. Analyzing interlanguage: how do we know what learners know? *Second Language Research*, v. 17, p.393–420, 2001.
- LARDIERE, D. Case and tense in the 'fossilized' steady state. *Second Language Research*, v. 14, n.1, p.1–26, 1998a.
- LARDIERE, D. Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state grammar. *Second Language Research*, v.14, n.3, p. 359–375, 1998b.

LARDIERE, D.: Mapping features and forms in second language acquisition. In ARCHIBALD, J. (Ed.). *Second language acquisition and linguistic theory*. Malden, MA: Blackwell. 2000. p. 102-129.

LARDIERE, D. Revisiting the comparative fallacy: a reply to Lakshmanan and Selinker, 2001. *Second Language Research*, v.19, p. 129–43, 2003.

LARDIERE, D. On Morphological Competence. In: *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*, DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 2005. p.178-182.

LICERAS, J. A “linguistic approach” to the idiosyncratic nature of second language acquisition: Monosyllabic place-holders and morpheme orders. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 10, n. 1, p. 39–41, 2007.

LYONS, J. On competence and performance and related notions in early SLA research: an aid to understanding some baffling current issues. In BROWN, G.; MALMKAER, K.; WILLIAMS, J. (Eds.). *Performance and competence in second language acquisition* Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p. 11-32.

McCARTHY, C. Underspecification and default morphology in second language Spanish. 2004, Ms. Disponível em: <http://128.197.86.186/posters/29/MccarthyBUCLD2004.pdf> Acesso em 24/04/2007.

McCARTHY, C. What's missing from missing inflection?: features in L2 Spanish. In: DOBLER, E.; FURUKAWA, Y. (Eds.), *McGill Working Papers in Linguistics*, v.20, n. 2, p. 1- 11, 2006.

MEISEL, J. M. The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development. *Second Language Research*, v. 13, n,3, p. 227-263, 1997.

NOYER, R. Distributed Morphology: Frequently asked questions. n.d. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/> Acesso em: 20/03/2007.

PHILIPS, C. Syntax at Age Two: Cross-Linguistic Differences. In: C. Schütze, J. Ganger & K. Broihier (eds), *Papers on Language Processing and Acquisition MITWPL*, v. 26, p. 225-282, 1995.

PESETSKY, D. & TORREGO, E. T-to-C Movement: Causes and Consequences. Ms, 2000. Disponível em: <http://web.mit.edu/linguistics/people/faculty/pesetsky/Torrego-Pesetsky.pdf> Acesso em: 25/09/2006.

PESETSKY, D.; TORREGO, E. The syntax of valuation and the interpretability of features. Ms. MIT & UMass/Boston, 2004. Disponível em: [http://web.mit.edu/linguistics/www/pesetsky/Pesetsky\\_Torrego\\_Agree\\_paper.pdf](http://web.mit.edu/linguistics/www/pesetsky/Pesetsky_Torrego_Agree_paper.pdf) Acesso em 27/09/2006.

- PRÉVOST, P. & WHITE, L. Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement. *Second Language Research*, v. 16 , p.103-133. 2000.
- RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998. 278p.
- RADFORD, A. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 512p.
- RULE, S. & MARSDEN, E. The acquisition of functional categories in early French L2 grammars: the use of finite and non-finite verbs in negative contexts. *Second Language Research*, v. 22, n. 2, p.188-218, 2006.
- SANDALO, M. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 5.ed. São Paulo: Cortez editora, 2005. v.1, p -181-206.
- SELINKER, L. (1972) Interlanguage. IN: RICHARDS, Jack (Org.). *Error Analysis – Perspectives on Second Language Acquisition*. Harlow: Longman Group Limited, 1984.
- SELINKER, L. On the notion of "IL Competence" in early SLA research: an aid to understanding some baffling current issues. In BROWN, G.; MALMKAER, K.; WILLIAMS, J. (Eds.). *Performance and competence in second language acquisition* Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p. 92-113.
- SORACE, A. Syntactic optionality in non-native grammars. *Second Language Research*, v. 16, p. 93-102, 2000.
- SUNDQUIST, J- D. The Mapping Problem and Missing Surface Inflection in Turkish-German Interlanguage. In *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.), Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p.238-250. 2005.
- TRENKIC, D. Variability in L2 article production: beyond the representational deficit vs. processing constraints debate. *Second Language Research*, v. 23, n. 3, pp. 289-327, 2007.
- TSIMPLI, I.-M.; DIMITRAKOPOULOU, M. The interpretability hypothesis: Evidence from wh-interrogatives in L2 acquisition. *Second Language Research*, v. 23, n. 2, p. 215–242, 2007.
- VAINIKKA, A. e YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research*, v. 12, p. 7–39, 1996.
- WEI, C. and SCHWARTZ, B. Another look at ‘verb raising’ in the L2 English of Chinese speakers. In *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.), Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 68-85. 2005.
- WHITE, L. Fossilization in steady state L2 grammars: Persistent problems with inflectional morphology. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 6, n. 2, p.129–141, 2003a.

WHITE, L. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.

YUAN, B. Japanese speakers' second language Chinese wh-questions: a lexical morphological feature deficit account. *Second Language Research*, v. 23, n. 3, p. 329-357, 2007.

ZOBL, H.e LICERAS, J. Functional categories and acquisition orders. *Language Learning*, v. 44, n.1, p. 159-180, 1994.

ZOBL, H.; LICERAS, J. Accounting for optionality in nonnative grammars: parametric change in diachrony and L2 development as instances of internalized diglossia. In: *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. DEKYDTSPOTTER, L. et al. (Ed.). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project., 2005. p. 283-291.

**APÊNDICES****APÊNDICE A – TAREFA DE ELICIAÇÃO DE PRESENTE**

The pictures illustrate Joanne's daily routine.

Describe her typical day. Try to include the verbs phrases below:

Do homework	Get dressed	Wake up	
Go to bed	Have a shower	Make dinner	Sleep
Take the dog for a walk	Get up		

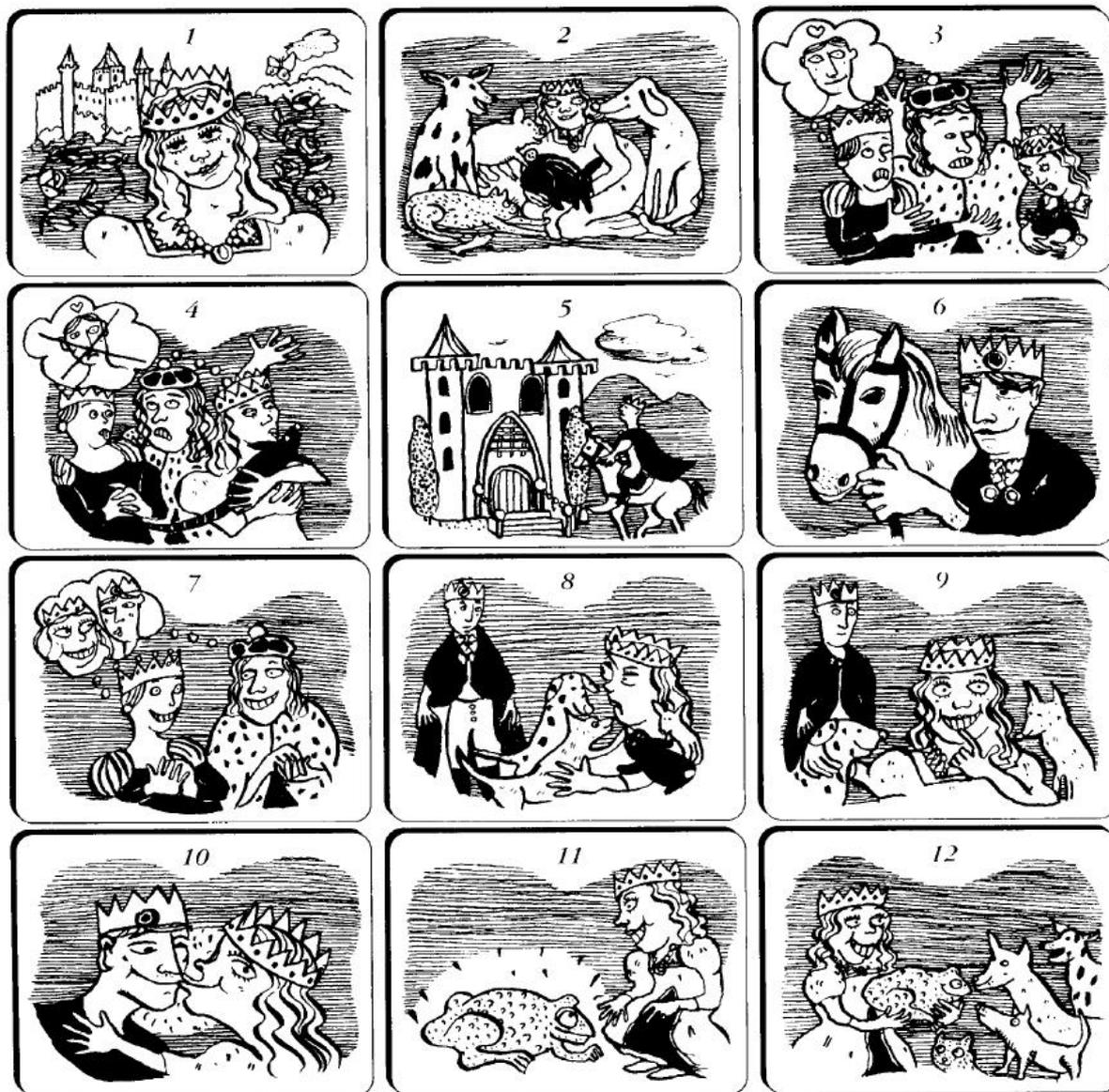
Begin:

Everyday Joanne ....



Fonte: New English file pre-intermediate teacher's book. Oxford: Oxford University Press, 2005.

## APÊNDICE B – TAREFA DE ELICIAÇÃO DE PASSADO



The pictures above tell a story. Follow the pictures and invent your story.

Don't forget to include the following verbs:

have	decide	be	kiss	see	like	think	arrive
------	--------	----	------	-----	------	-------	--------

## APÊNDICE C - TAREFA DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

**Com base na escala abaixo, julgue as seguintes sentenças em inglês:**

-2: totalmente agramatical

-1: agramatical

0: não sei

1: gramatical

2: totalmente gramatical

- 1) Man land on the moon in 1969.  
Man landed on the moon in 1969.
- 2) The singer took his girlfriend to the concert last night.  
The singer tooked his girlfriend to the concert last night.
- 3) I bought two new chair for my living room.  
I bought two new chairs for my living room.
- 4) Brian has not visited the museum.  
Brian has visited not the museum.
- 5) Ten years ago Jackie bought a house.  
Ten years ago Jackie buys a house.
- 6) The gardener plant some rose trees in our backyard.  
The gardener is planting some rose trees in our backyard.
- 7) He love getting up at 10 o'clock at the weekends.  
He loves getting up at 10 o'clock at the weekends.
- 8) Jeff is an excellent student; he will be a famous scientist one day.  
Jeff is an excellent student; him will be a famous scientist one day.
- 9) I went on a fishing trip last summer.  
I go on a fishing trip last summer.
- 10) The dogs are more intelligent than the cats.  
Dogs are more intelligent than cats.
- 11) My teacher is usually late for class  
My teacher usually is late for class.
- 12) Sarah has a headache yesterday morning.  
Sarah had a headache yesterday morning.
- 13) The two dogs were brown.  
The two dogs was brown.

- 14) Tom is watching a good film on TV.  
Tom is watching the good film on TV.
- 15) Was crying the baby because he was hungry.  
The baby was crying because he was hungry.
- 16) David are in his thirties.  
David is in his thirties.
- 17) When I don't have time to prepare dinner, my husband buys something for us.  
When I don't have time to prepare dinner, my husband buys something for we.
- 18) Robert phone the police three times yesterday.  
Robert phoned the police three times yesterday.
- 19) John looked at herself in the mirror.  
John looked at himself in the mirror.
- 20) My uncle eats breakfast every morning  
My uncle eat breakfast every morning.
- 21) I were in London last weekend.  
I was in London last weekend.
- 22) John kisses often his wife.  
John often kisses his wife.
- 23) Martha has one brother, three sisters and seven cousins.  
Martha has one brother, three sister and seven cousin.
- 24) Mary's dog usually play with her in the mornings.  
Mary's dog usually plays with her in the mornings.
- 25) Mario invited his Chinese friends to spend some time in Italy; now Mario is waiting for them at the airport.  
Mario invited his Chinese friends to spend some time in Italy; now Mario is waiting for they at the airport.
- 26) Mary washed her clothes yesterday.  
Mary wash her clothes yesterday.
- 27) We were washing the car for ours father.  
We were washing the car for our father.
- 28) Mary can't watch TV because she is studying now.  
Mary can't watch TV because she studies now.
- 29) Was a picture of 'Mona Lisa' on the wall in the house I lived.  
There was a picture of 'Mona Lisa' on the wall in the house I lived.

- 30) The maid slowly cleaned the floor.  
The maid cleaned slowly the floor.

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_ declaro estar de acordo em participar, como voluntário, da pesquisa “Aquisição de Aspectos Morfosintáticos da Flexão Verbal na Interlíngua do Inglês”, realizada pela pesquisadora Marisa Mendonça Carneiro, mestranda da FALE/UFMG, e que a minha participação será realizada fora do horário das aulas, de acordo com a minha disponibilidade, na forma de:

- ? Gravações da minha conversa espontânea em inglês com a professora dentro da sala de aula;
- ? realização de uma atividade oral, que será conduzida dentro de sala de aula, no qual terei que contar uma história com base em ilustrações impressas em papel;
- ? teste de julgamento escrito, realizado na sala de aula, onde terei que julgar se 30 (trinta) sentenças escritas em inglês estão corretas, erradas ou se eu não sei responder.

Estou ciente da preservação do meu anonimato com relação às informações prestadas por mim, de que os dados e resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados apenas para fins científicos, e de que terei acesso aos resultados obtidos, se for de minha vontade, além de quaisquer esclarecimentos adicionais que eu necessite, a qualquer tempo, com relação à pesquisa.

Estou ciente também da possibilidade de recusar-me a participar da pesquisa e de retirar meu consentimento em qualquer momento, sem qualquer espécie de penalização.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

---

assinatura

---

Em caso de dúvidas entre em contato com:

**Marisa Mendonça Carneiro** – Telefones 9103-6216 ou 3466.7795 ou

**Comitê de Ética em Pesquisa** – Telefone: 3499.4592

Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - sala 2005, 2º andar

Pampulha Belo Horizonte – MG CEP: 31.270-901

## ANEXOS

### ANEXO A – INTERAÇÕES ESPONTÂNEAS

IF1:

*In this case there is one passage and in the datacenter there is all phases. When you building the datacenter, you pass the cabling and you protect this cabling. This cabling there is a 25 years guarantee and you never doing...do anything in this area, but another cabling when you put the cables in this... I don't know the name, but there is a table, a board, when you put another cable and this cable links this and the computer in this rack. And this you don't put your hands anymore. Like this: there is a rack and there is two floor. And here there is many cables. I think in this data center there is five thousand cable and this is one type of cable. There is a optical fiber, but this I don't know how many. This is close. There is another board and you pass the cables to put in the computer. There is not problems, because you have guarantee. Only this people can put their hand in this cable. They have the machine to test how cable have problem. In this data center we have one thousand and five hundred cables since 2002 and there is no problem in this cables.*

*And there is a system to control this cabling; how cabling link this hardware and another hardware to control the network. Because all this cabling end in another hardware to link all cabling in the datacenter. When you have problem in this computer, you don't know what cabling and what porta. I don't link what I read in the manuals and when I talk you. I don't link this. Because when I read is normally to me. I will to see this.*

*In this rack, it's possible to contain 40 computers, because there is only the motherboard and the board to network and board to IOU; there is a board in your pc you have a hardware to do the data.... In our case there is a hard disk to store data. In our case there is a many many disk in another hardware you call storage. In this case, this storage is many many disk and IOU board there is a board you link this computer in many disk in the other hardware. And then there is many computer in this rack because this. When you have time, I will you to visit this area, but this area is very security, there is no visit for another people. [...] I don't know if you paid attention in this man who stay all day in this area. There is a security fire to conduct a person when there is a problem. Because in the another fire in this area we have too many problems. And the company who building data center PAST, a station of data center, this company who organized the person and the action to stop the fire. All employee in this company is trained for this situation. We work in another floor and we didn't have way to go. The problem is in this area and the problem is in the floor when you put the rubber to protect to fire and the rubber is black and when the problem having, the fire was in the rubber and the smoke is black and all this area in the reception is black with smoke and you didn't.. is no possible to open your eyes and breath and then the people is closed in this area in the first floor. It's only possible to leave for the window. I pass in this area, but I put my clothes and close my eyes and walk until the direction of woman's bathroom because this way I knew. And then I open the door to downstairs but this door for this side is closed because the smoke.*

IF2:

*She had one son, didn't have a daughter. But the film is a very interesting, an action film, the situations... the context is easy. No problem. I will catch Nemo. But I certainly, I and my husband are cry (will cry). In the last Saturday I was in Poçosde Caldas in 100<sup>th</sup> birthday of grandmother of my husband.*

*I think he is not good. He is depressed and he said me he almost dead (died). He said to me. Don't necessary artificial breathing, but he can't exaltar ... he said about you. He told me he coughed eight hours and he started in respiratory insufficiency. He was very depressed today. Marta was go (going) out when I and Diana arrived in the hospital. Marta go goes with went to Hospital Semper. He told to nurse about his degenerate disease, he said her he didn't he can't talk and movement is very hard for ( ). Very hard. A problem with ligaments.*

*I read, I listen the people about the test. My friend Silvia was pregnant now. (she is pregnant). And she discovered because she tested her urine in her house. She told me when she saw the second line, she call the... her house (maid) fulana, you saw the second line? Because she wanted became pregnant very much. The first line is negative. In the beginning pregnant (pregnancy), the corpus luteum produce hCG and progesterone.*

IF3:

*One equipment for resonance, magnet resonance, one equipment for one million.. one hundred people.. one hundred thousand and tomography the same. No sorry, the tomography is less, is more common to do a tomography but just different. On tomography you saw hard parts and on magnetic resonance you see the soft parts. There's eh sometimes you can imagine the resonance is better than tomography, but it's not usually, it's not sure. Sometimes, the tomography is better than resonance. Because the resonance is more expensive...on tomography you need x-rays, all right, and resonance there's another physical and you saw different things. Just to saw, for example (muscle lesions) is better, but for example you have a problem with your hand, it's better a tomography. I remember when, I doing the start the equipment in belvedere my father is stay here, he work with me, all right? And during the start the equipment, we need a person to test the system, all right? The resonance and I put my father there and I didn't told with her with him what will be the time and the songs, all the things, I put the clothes there. But there's a for example, 30 minutes and my father gritou ... said.. (screamed) about half an hour. I saw the exam from her (his) I don't remember Joelho (knee) but this exam there's a you need more time, all right? For example, a half and an hour. I don't I didn't talk with my father and he stay there. I'm repair the my system, but I work with another person, from for example this case General Electric engineer from General Electric repair this resonance. I remember this history sometimes.*

IF4:

*The administration generally do does generally do some laws about this. If the animal don't disturb another person, you can live. ( ) do very noise, it doesn't do noise, it can't stay in the common dependences of the building, it can't stay in the hall, it can't walk in the garden you can't walk in the garden with your dog. Cats loves high places. The cat stay only in the flat. When you go out you use a small box for the cat. So she stays.. the cat is very stressed about this. The new place. They don't like very noise. They be sure (must be sure) in the box (they need to be safe). When you are...the cat stay only in the flat. When you go out to move the cat to a pet shop to take a shower, you can use a small box where the cat can feel safe. Cats don't disturb the neighborhood. Nowadays my cat leave me leaves me left me. I'm living alone because when I change the flat one year ago, I change one small to a bigger one and I stay six months in my mother's house with my cat. When I go the new flat, my cat doesn't didn't go with me. She went but she didn't like the new flat. And my mother loved her*

and said: oh, it's very sad, let she with me, because she's not living alone cause they stay alone everyday, she doesn't like to be alone.

So I do a little of the homework (housework) homework I didn't do. Everyday I can do my bed (make) and clean some glasses - I have a glass machine (dish washer) but really I have a woman who help me ... what's the name of a person who works for you? (housemaid) who ( ) twice a week and take care of my clothes, clean the house, it's enough for me. I stay in my flat at the night and during the weekend... no problem.

I came here when I was fifteen years old. I came here to study.. that time you call 'científico', the second grade. I move to BH to study high school and to prepare to vestibular. I was study I studied in Santo Antonio School, during three years and after that, I cross, I did the vestibular and get in university when I was about 18. I was living with some friends, I had a good experience about living with another person. In the first flat we were seven girls. We became friends when... they were friends, but I don't knew them; and I became friends of them when I live with them. I was the youngest of the girls; I was 16, they were 18. They were in university, I was any more. It was a very good relationship. All of hers was from one city ( ).

Because two of them were sisters, her parents moved to BH, and they go out, the one married and four of us change for a small flat. One of them is my... stay live here in BH, two of them still live here, one move and of them is very good friend and I did the delivery of her boy - I delivered? I don't know. The boy was born in my hands, I don't know... I am the godmother, and he is 18 years old today.

It's good you have your place. I like to possess my space. I was living alone in my home with my mother and my sister, my mother doesn't stay here; I have been alone for a long time. Because my mother live in Abaeté, with my grandmother and my brother and we stay apartment here when sometimes they come, sometimes stay some days here. When they come, some ten years ago, they moved to BH, so I changed to a... I have a long history. During the, I suppose that she (mother) live here about 15 year because before they were living in Abaeté. When my grandmother was very old, she moved here.

IF5:

I have one, a bit small, 128 megabytes, and now I bought one of 1 gigabyte. I recorded a lot of music to listen during the work in Biocor, during the plantão in health center. I didn't give... I didn't use yet because I'm afraid of being stolen in this place. Cause I have the the this machine, the MP3 player and I have something like this... (a loudspeaker) but smaller, and I put this on it to listen during the work because I can't listen during the work with earphones. So I bought all things in Oiapoque but I didn't have the chance because I'm afraid of being robbed there. I used just one time when I did a campanha (campaign) in the health center and I was all day in the room doing my job so I used this during the afternoon. I don't have courage to use it in my routine because I enter I go out I leave the room all the time and I'm afraid of being stolen. It's difficult because I have my cell phone to take with me all the places I go during the work, it's impossible, and I love to work listening to music, I love this. I don't know because they were they are making the... I don't know how to say this - they will put the PC in the health center, in all rooms, we will work with the internet, and I think, when they put this in my room, I will listen to music in the media so they can't steal a computer. They have a doorkeeper and they have a system, an alarm system and they have also the guarda municipal, they are there during all day and in the weekend they have the security alarm.

*And the email about ( ), what do you think about? I think it will be very interesting cause I received a lot of I have received a lot of, is that correct? a lot of recipes. In the email they said that we'll receive 36 recipes. You sent to Cristina and people who you have sent will send it to me. People will put your name in the first position and their name in the second position and they will send to me a recipe. I don't know, I will check with Cristina. I don't know if she started cause I received a email first time from Carol a person who I don't know. Then, after Carol, she sent me a recipe and Cristina sent me the email. The important is the recipes are coming and they are good. I received five.*

IF6:

*If I stop to study like I stopped for 5, 6 years, I will forget again and again and again and if I decide to learn another language, I will say oh, I do not know English, of course I will never know completely English. If I decided to learn something else together, I should have in my mind that I will not learn all the language. I will be able to talk, to learn, but ( ) to live in a country of course I have to dedicate only for this language. I will never be an English person. Only to put your feet on the floor, oh poor you..*

*Because my brother... I did not tell you? That he got a...job. Because he finish his PhD, he was looking for a post-doc. He is younger than me, but he was studying in his area, there are not lot of lot of jobs. He has done engineer. So he was studying, he's studying in PUC and his professor that was his advisor in the how can I say? Initiation research initiation invited him to go to São Carlos, because he was going to be a teacher in USP. So my brother went to São Carlos and was living there and entered directly in the Doc. In USP they use to do this things. They are different, they are very- how can I say? commercial. Because they jump the Master. He was never very dedicated. He was always wanting to play guitar. He drinks, he's a very nice boy, everyone likes him, but he never study (?) hard, didn't like. In the middle of the university he said to my mum that he was going to give up. She said 'oh no, with my money no, you are going to finish this one and after you do whatever you want of your life but this one I'm paying'. (...) So they invested a lot of money and decide to pay for them for four years to develop because he knew how to do this. He is like 'Professor Pardal'. He likes to create. And so he was waiting for the scholarship and they said they were going to pay until the... not CAPES; it was FAPESP give them the scholarship because it was a very very very big project, there was a lot of projects interconnected, so it was not only one to be approved, but the big one with a lot of projects. And he was waiting until February that was when he finish and never the money comes and he was becoming very nervous and 'no no, I cannot ask money for my parents' and he was dedicated exclusively for this, and I said... (he was dedicating). So, 'try to send this project to a lot of other universities, try to find another thing, maybe it's not this that you're going to do, not your project, but somewhere maybe there's something that you can do, to do what you want with your post doc'. (...) He's going to develop something with the his old advisor in the German, because he was in a lab there and the man liked him very much and offered him a job, so I have to visit him! Now I have to save money to visit him, because he's going to be there alone; this part was very sad because he says that there people do not talk a lot with you it's job job money money and they do not have a lot of – how can I say – social life like here. He was invited to visit people two or three times in a year and he's very sociable and he said that you have time to get in the house and to get out of the house because he say 'oh, you can visit to 8 p.m. to 10, something like this, he says that they are very strict. This was a difficult part because he thought that to have fun he had to find another Brazilian people because when you wanted to travel when he was there he ( )some Brazilians and 'ok, let's rent a car, sell*

*vacancy in the car, they sell how can I say. There is in the internet, all the people in the country do that, you do not drive your car alone to travel to another city, because you spend money, so they put in the internet, like a 'Balcão', and then they sell. He said that the worst – mens doesn't care, but there is not dangerous like here. If you are alone of course, if you are a woman alone, you're not going to put this, but mens; two mens (men) they put. So he said that sometimes was terrible to do this because the – how can I say? Arabs? That do not take a shower decided to buy and so they oooooohhh and they were girls they 'oh, Brazilian boys!' ( ) and a lot of ugly girls buy too. It was very funny to think 'oh, who is going to travel with us tomorrow?'*

IF7:

*We have meeting, I don't know, 5 meetings with the people, the person and it's like a 'plantão'. The people who try suicide, we have to make the conversation in the time. There is a schedule for all trainees, like I will stay there in the Sunday, on the morning, and another one in the other day. All people there are crazy, I don't know.*

*I have one friend that argue with me because of a boy too. She was my friend since we are born. Because she's from Jaboticatubas too, and we have a.. how can I say? (a circle of friends) and the mother of all the friends are friends too. And she be angry with me because she date a boy with my university and he ( ). And two years before I stay with him and she date with him from two months but during this two month they have to meeting four times. And she don't talk with me and fight with all (the other friends) because of the other mens. My psychologist says that we have to... how can I say... 'internar'. Because she never saw this girl but all the things that I told my psychologist she says 'oh, if I saw this girl I will put her in the Galba'.*

*It take time. I think a good friend there was my... 'namoradinho' when I was fifteen. He broke up with his girlfriend now and came to my house and cry and cry and cry... it's very funny because my mother like him too much. 'Oh, he came to we start again' 'no mom, just friends'. We are very young but we date for... I don't know...for a month.*

*At my house me and my brother have friends that we met.. I don't know because we have the country, Jaboticatubas everybody knows and ( ) and my brother came on Saturday... I don't know, and he went to the party of the first college (school) that we studied. The second, the university, the work, and he, I don't know how, he (can) meet all the friends in a week. Friends we don't see for five years.*

*My teacher says that woman likes to talk serious and of problems and mans like to talk about anything. My teacher say: all the womans are hysteric. She like very much when another woman call 'oh I have a problem'.*

*[...] I never remember the date of date of namoro. Because I never know the date of today, so if I I always answer 'what day is today?' 'oh, yesterday you ask and today you asked again!' I look at my diary but I don't know the day, I look all the things I have to do, but the day...I forgot the day of a very important test once, I have to do the test in the vacation. My diary is very organized, there's the time and the things that I do in the end of the year, because I know that I give class in this time and ( ) and I do all the things in the beginning of the year and I write all the anniversaries (birthdays).*

IF8:

*I didn't ask for her about Hamlet because I have to read again; yesterday at night I expend (spent) a lot of time to do this exercise. I think I did the puzzle. The first one you show me. I have an enormous collection of Speak Up; this first part I gave to an old sister in law. I have how to... I have a recording (tape recorder). Do you think it's interesting to listen to this? Could you borrow me (lend me)? I'll try to listen in this weekend. Some interviews of speak up are very difficult to understand. When this magazine started I was interested in going to the US for doing a doctorate in public health; [...] and I lost some issues and I went to Rio de Janeiro for buying (to buy) the issues I lost. This time I have all the numbers. I listened to the tape and tried to understand, and in some tapes we have the interview in paper; another we didn't have, so I tried to listen and reading. I did the Michigan course in ICBEU, I finished the Michigan course, I would try the test but I didn't take the test, I quit and I abandoned my doctorate project for the US and some years ago (later) I started my doctorate in Santa Catarina. I didn't live in Florianópolis because I went to Florianópolis once a month for doing some subjects because my...I develop my project with the patients from our hospital. (...) So this time, 1997, I changed from one department, the public health for the GO department. Just in November 1997. Because this time and I quit the public health doctorate because this time I was I decided not to work more with public health. I was interested in come back to the clinical practice. Public health is a work into a office, only in an office. So, as I was moving from department, one department from another, I decided not to go to the US for studying public health. Today I think it's not a good decision it was not a good decision because this time (at that time) I would have a very good scholarship and if I learned English thirty years ago probably today I would be in another level. And most of people that did doctorate sponsored by Kellogg foundation later these people became consultants. I met some people that lived in Brazil and worked as a consultant for some periods in the year, people that move to the US, living in Chapel Hill, Washington, Chicago, San Francisco... a lot of people that I met during my period of working with public health because we have a big net of Kellogg foundations's project, we create a net of this project. I lost a good moment for working abroad. I did a lot of good things here but that at time would be the best time for going abroad and learning another language. Unfortunately I regret, I lost this time. But during this time, I made an option of ... to my profession but I regret this, it's impossible to come back. If I went at that time to the US, probably nowadays I could stay in another level in this net of projects, working probably with one of this foundations.*